

Revista do Brasil

N. 61

Janeiro, 1921

SUMMARIO

Declaração	OS EDITORES	3
As linhas de Penetração da Civilização no Brasil . . .	F. A. RAJA GABAGLIA.	4
Réprobo da Secessão	ALBERTO RANGEL	20
A Lingua Nacional.	AMADEU AMARAL	26
Rolando, poema	MARTINS FONTES	32
Gunga-Muquixe, conto. . . .	VALDOMIRO SILVEIRA	37
Lucia, ou a Menina do Nari- zinho Arrebitado, conto, com ilustrações de Voltolino. . .	MONTEIRO LOBATO	42
Soneto	AGENOR SILVEIRA	51
Maria Magdalena, poema dra- matico	BAPTISTA CEPellos	52
O Genero Eucalyptus	{ NAVARRO DE ANDRADE e OCTAVIO VECCHI	58
Academia Brasileira: Augusto de Lima (com retrato)	ARTHUR MOTTA	63
Bibliographia	BRENNO FERRAZ e M. L. . . .	68

VARIEDADES: — A proposito da Repatriação dos res-
tos de d. Pedro II 76

DEBATES E PESQUIZAS: — Os Detractores de José
Bonifacio, *Martim Francisco*. — Uma Fórmula
de Ensalmos, *João Ribeiro*. — Poesia Sertaneja,

S. PAULO.

1921.

RIO.



RUA BOA VISTA, 52 — CAIXA, 2-B — S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO — 20\$000; EXTRANJEIRO — 25\$000; — NUMERO AVULSO — 1\$800.

Gustavo Barroso. — A Esthetica do Maxixe, *Flexa Ribeiro.* — A Universidade de Itapicuru', *Assis Memoria.* 79

RESENHA DO MEZ: — Os Restos dos Imperadores; Edu' Chaves; Francisca Julia, **Yorick.** — Movimento Editorial. — Noticias Literarias. — Uma Reliquia Historica. — Academia Brasileira. — Advertencia 88

NOTAS DO EXTERIOR: — Lyceu Franco-Brasileiro. — O Diario Intimo de Baudelaire. — Pensamentos de Rivarol. — Uma Revista Gourmontiana — A Tristeza de Chantecler. 92

CARICATURAS DO MEZ 95

GRAVURAS (fora do texto):: — 1— dom Pedro II, desenho de *W. Rodrigues.* 2 e 3 — Santa Luzia do Rio das Velhas; 4 — Pico do Itacolomy; 5 — Caeté; 6 — Congonhas — Passos numa antiga chacara; 7 — Chafariz em Sabará: desenhos de *W. Rodrigues;* 8 e 9 Eucalyptus; 10 — A arte photographica: Composição de *Atschim.*

F. BENTO & COMP.

Representações

Commissões — e — Consignações

Agentes maritimos

Banqueiros da Sociedade A Équitativa dos E. U. do Brasil — Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres "Anglo Sul Americana".

Telegrammas: "Iris" — Caixa Postal N. 59

Rua Voluntarios da Patria, 175 -- PORTO ALEGRE

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 1/2 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

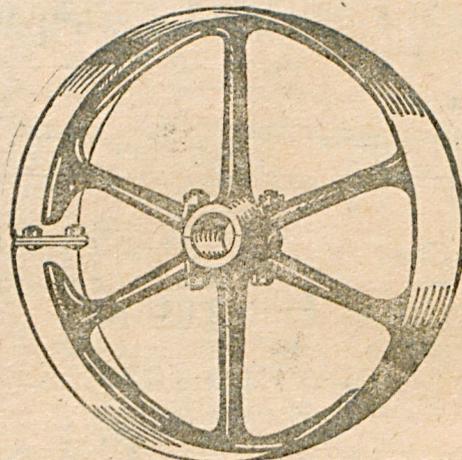
Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



SKF

É A PULIA DE QUE NECESSITA SUA FABRICA
ACABAMENTO O MAIS ESMERADO
DE FACIL MONTAGEM
BOA CENTRALISAÇÃO
GRANDE RESISTENCIA
POUCO PESO.

Companhia **SKF** do Brazil

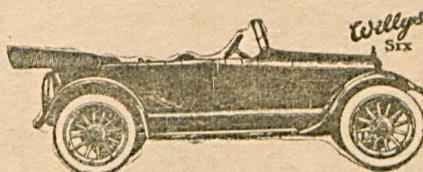
RIO DE JANEIRO

141, RUA DA QUITANDA — Caixa, 1452



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

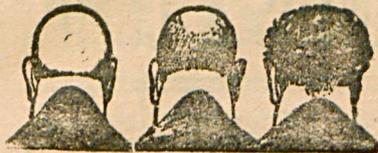
AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'



O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o **Pilogenio** porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o **Pilogenio**, porque impede que o cabelo continue a cahir.

Se ainda tem muito serve-lhe o **Pilogenio** porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o **Pilogenio**

Sempre o PILOGENIO

A' venda em todas as pharmacies, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o **Phospho-Thiocol Granulado** de Giffoni. Pelo **phospho-calcio physiologico** que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo **sulfoguinacol** tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescencia da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacies e drogarias

Deposito: **Drogaria Giffoni**
RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCÕES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando **Uroformina**, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradável ao paladar. Em todas as pharmacies e drogarias. Deposito: **Drogaria Giffoni**, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e fotogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os anuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo



MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas correias para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



A NOVELLA NACIONAL

Acaba de apparecer o primeiro volume desta interessantissima collecção, collaborada pelos mais notaveis novellistas nacionaes e publicada sob a direcção de AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira). Cada exemplar, artisticamente confeccionado, impresso em excellente papel e illustrado com varias gravuras, contém de 60 a 80 paginas em formato 16 1/2 por 12 1/2 centimetros e custa 1\$000. Pelo correio, registrado, 1\$200.

Já está á venda o primeiro volume:

A PULSEIRA DE FERRO — por AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira), com illustrações de Ruy Ferreira.

A seguir:

OS NEGROS — por MONTEIRO LOBATO, o festejado auctor

A NOVELLA NACIONAL é série de pequenos livros, nos qual se mira o seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Para alcançar esse triplice objectivo, que se pode condensar no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS, pomos á disposição dos autores e do publico toda a nossa boa vontade, e pedimol-a igual, tanto a uns como ao outro.

Aos primeiros, como aos segundos, não serão indifferentes os beneficios que de iniciativas desta ordem poderão advir: maior divulgação da boa literatura e melhor educação literaria das massas populares. Para obter taes resultados, era preciso um intermediario: o editor que buscasse o meio de pôr o livro ao alcance de todos, evitando, porém, o grosseiro recurso ás edições mal compostas, mal impressas, sem resquicio de elegancia, sem traço de arte, não só porque o livro materialmente mal feito é livro que repugna a muita gente, como tambem porque se torna um detestavel agente de propagação do mau gosto, entre aquelle que o toleram. Esse intermediario, nós pretendemos sel-o, e esta série de pequenas novellas é o nosso primeiro ensaio nesse caminho.

O TEXTO — Constará este, em cada volume, de uma curta novella, a cujo autor deixamos completa liberdade de concepção e execução, só exigindo que a obrinha possa entrar em toda parte sem o menor inconveniente.

OS AUTORES — Os autores serão, de preferencia, escripto-

res já vantajosamente conhecidos. Entretanto, não recusaremos a contribuição dos que ainda não alcançaram maior nomeada, e até dos inteiramente obscuros.

Se a obra tiver valor, se merecer entrar em concurso com as que disputam as boas graças do publico, nestes torneios flo-raes da intelligencia, não vemos porque não deva ser incluída na collecção. Ao contrario, taremos grande prazer, se pudermos cooperar para que se affirme alguma nova personalidade brilhante, para maior gloria das nossas letras. Nestas condições, estamos promptos a receber os originaes que nos quizerem confiar para exame.

O VOLUME — Constará cada um de 60 a 80 paginas, no formato de 16 1/2 por 12 1/2 centimetros, em bom papel, com illustrações de verdadeiros artistas, e não de pretensos artistas ou de curiosos.

ORDEM DA PUBLICAÇÃO — Apparecerá approximadamente, um volume por mez, o qual será exposto á venda, ao mesmo tempo, em todos os Estados.

O PREÇO — É de dez tostões por volume, o mais barato possivel, nas actuaes condições da industria typographica, com a carestia do papel e da mão de obra, e com a necessidade, tão essencial como qualquer outra, de retribuir, embora modestamente, mas devéras, o trabalho dos autores e illustradores.

Eis ahí clara e lealmente exposto o nosso programma, para todos quantos queiram trabalhar connosco, e para o publico a quem desejamos sinceramente servir e cujo favor impetramos.

OS EDITORES

Pedidos á Soc. Editora Olegario Ribeiro

RUA DIREITA, 27 (2.º andar - Caixa Postal, 1172 - S. PAULO

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . .	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . .	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZUL-
ALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



OMEGA

RELOGIO DE PRECISÃO

O melhor dos melhores

Unicos depositarios em todo o norte do Brasil:

J. Pessoa de Queiroz & Comp.

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 502 e 511

RECIFE - PERNAMBUCO

Pneumaticos

"GORDON"

Fabricados com borracha brasileira

OS MAIS RESISTENTES

Unicos depositarios em todo o norte do Brasil:

J. Pessoa de Queiroz & Comp.

RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 502 e 511

RECIFE - PERNAMBUCO



HOEPCKE IRMÃO & COMP.

SÃO FRANCISCO DO SUL

Estado de Santa Catharina

Casa Matriz: FLORIANOPOLIS — End. Tel. Hoepcke

Importadores

Commissões — Despacho na Alfandega — Expedição
Agentes Maritimos.

Agentes da Empresa Nacional de Navegação
Hoepcke com os vapores ANNA e MAX

Agentes da Companhia de Seguros da BAHIA.

Commissarios de avarias de importantes Compa-
nhas de Seguros, Nacionaes e Extranjeiras.

Agentes do Banco Nacional do Commercio, séde
Porto Alegre.

Correspondentes do BANCO DO BRASIL e de
outros Bancos Nacionaes e Extranjeiros.

Proprietarios do TRAPICHE HOEPCKE.

Proprietarios de Lanchas e chatas para embarques
e Descargas.

Embarque de HERVA MATTE e MADEIRAS,
para qualquêr porto.

Grandes e bons armazens a disposição.

AFRETADORES DE NAVIOS

S, FRANCISCO DO SUL - Estado de Santa Catharina

ARTIGOS PARA PRESENTES



OBJECTOS DE ARTE E BIBELOTS

Nenhuma casa no Brasil oferece ao publico uma escolha tão variada de objectos para presentes, para cavalheiros, senhoras e crianças de todas as classes sociaes, como a nossa.

Estes objectos, de metal, prata de lei, terra cotta, de louças inglezas, hollandezas, suecas, allemãs e japonezas; de crystal, marmore, bronze legitimo e de couro e seda, estão artisticamente expostos nas nossas vitrinas e espalhados artisticamente pelos CINCO ANDARES do nosso vasto predio.

A nossa exposição de brinquedos abranche um andar inteiro

Vehiculos para crianças — Moveis de vime — Artigos de viagem — Tapetes — Oleados — Novidades electricas — Papellaria — Objectos de utilidade e especialidades norte-americanas — Grafonolas — Vitrolas — Discos — Fina perfumaria — Completo sortimento, sempre novo e vendido a preço modicos nas

Galerias Edison

S. Paulo

Rua 15 de Novembro, 55

CENTRAL 2131

Gustavo Figner

A maior casa existente no Brasil em artigos para presentes. Cinco andares repletos das ultimas novidades. — Telephone interno, ligando todas as secções. — ELEVADOR.

Rua 15 de Novembro, 55

GUSTAVO FIGNER

BANCO COMMERCIAL DO

ESTADO DE SÃO PAULO

FUNDADO EM 1912

Capital subscripto	20.000:000\$000
Capital realizado	12.000:000\$000
Fundo de reserva	6.000:000\$000

AGENCIAS em Santos, Campinas, Piracicaba, Bebedouro, S. Manoel, Botucatú, Avaré, Taquaritinga, Bragança, Rio Preto e Mogy Mirim.

CORRESPONDENTES em todas as principaes Villas do Brasil e do estrangeiro.

Presidente: *Dr. Erasmo Teixeira de Assumpção*
Vice-presidente: *Dr. José Martiniano Rodrigues Alves.*
Secretario: *Dr. Constantino Gonçalves Fraga*
Superintendente: *Dr. José Maria Whitacker*
Gerente: *T. B. Muir*

Rua 15 de Novembro N. 38

Caixa, 955

Telephone: Central, 152

Endereço Telegraphico: "Commercial"



COMPANHIA SANTISTA DE SEGUROS

CAPITAL. 1.000:000\$000
DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL 200:000\$000

Opéra em Seguros Terrestres e Maritimos

DIRECTORIA:

A. S. Azevedo Junior — Presidente
Dr. Palagio Teixeira Marques — Vice-Presidente
Alfredo Vaz Cerquinho — Secretario
George P. Cox — Thesoureiro
Major José Evangelista de Almeida—Director-Gerente

Filial em S. Paulo — LARGO DA SE' N. 3

(Palacete da "Providencia")
(Gerente: Ernesto Teixeira de Carvalho Filho)

AGENTES GERAES

G. A. Santos & Cia. — Rua do Hospicio, 93 — Rio de Janeiro.
A. Costa Pereira & Cia. — Rua Formosa, 8 — Salvador - Bahia.
Galvão & Carneiro Limitada — Praça da Independencia — Recife - Pernambuco.

Séde em Santos, á Rua Santo Antonio N.º 78
ESTADO DE S. PAULO

Companhia Mercantil Brasileira

Importadora e Exportadora de Ferragens, Tintas,
Oleos, e Materias para construcção

FERRAGENS FINAS — METAES — CUTELARIA

Depositarios da acreditada enxada marca "Colombo"

CODIGOS USADOS: END. TELEGRAPHICO
Ribeiro "VIVAZ"
A. B. C. 5.ª C. POSTAL, 1666

TELEPHONES: Escriptorio: Norte 5068
 Armazem: Norte 2998

DEPOSITOS: RUA COMMENDADOR LEONARDO N. 17
 RUA SANTO CHRISTO, 87

Rua de S. Bento Ns. 14 e 16

RIO DE JANEIRO



Novidades Literarias Argentinas

No intuito de pôr os leitores da "Revista" em contacto com a literatura argentina cujo movimento é hoje notavel, já em obras originaes já em traducções, podemos hoje annunciar algumas obras da "Cooperativa Editorial Limitada" á venda em nossa redacção.

CARLOS IBARGUREN — <i>La literatura y la gran guerra</i>	5\$000
BENITO LYNCH — <i>Raquela</i> (romance da vida argentina)	5\$000
RABINDRANATH TAGORE — <i>La cosecha de la fruta</i> , versão de Muzzio Saenz-Peña	3\$000
MANOEL GALVEZ — <i>La maestra normal</i> (romance da vida de provincia)	5\$000
MANOEL GALVEZ — <i>El mal metafísico</i> (romance)	4\$000
BERNARD SHAW — <i>El heroe y sus hazañas</i> (comedia anti-romantica)	5\$000
ALIPIO CHIAPPORI — <i>La belleza invisible</i> (estudos de esthetica)	5\$000
H. QUIROGA — <i>Cuentos de Amor, Locura y de Muerte</i>	5\$000
ARTURO CAPDEVILA — <i>El amor de Schahrazada</i>	4\$000
MARIANO BARRENECHEA — <i>Historia Estética de la Musica</i>	6\$000
DELFINA BUNGE DE GALVEZ — <i>La nouvelle moisson</i>	4\$000
MANOEL GALVEZ — <i>Nacha Regules</i> (romance)	4\$000
MANOEL GALVEZ — <i>La sombra del convento</i> (romance)	5\$000
ALVARO MELIAN — <i>Literatura contemporanea</i>	5\$000
ALEJANDRO COSTINEIRAS — <i>Maximo Gorki</i>	5\$000

Pedidos á "REVISTA DO BRASIL", caixa 2-B, acompanhados de mais 500 réis por volume para o porte

CAIXA POSTAL
N.º 962

TELEPHONE
N.º 4305

END. TELEGR.
"DORMAN"

Rua da Boa Vista, 44 — SÃO PAULO

CASA DODSWORTH

Costa, Campos & Malta

ENGENHEIROS CIVIS, HYDRAULICOS, MECHANICOS E ELECTRICISTAS

Importadores de machinas Norte-Americanas e Europeas

Instalações electricas, de Força e Luz, Telephonica, Telegraphia, Usinas Hydro-Electricas. Material de alta e baixa tensão, Turbinas, Geradores, Motores, Transformadores, Medidores, Telephones, Fios e Cabos, Isoladores e Accessorios. Grande Deposito de Lampadas e material Electrico.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91
SÃO PAULO

UNESP - Biblioteca - Assis
Class. 02050
Tombo/Tit. 1084

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XVI

JANEIRO - MARÇO DE 1921

ANNO VI

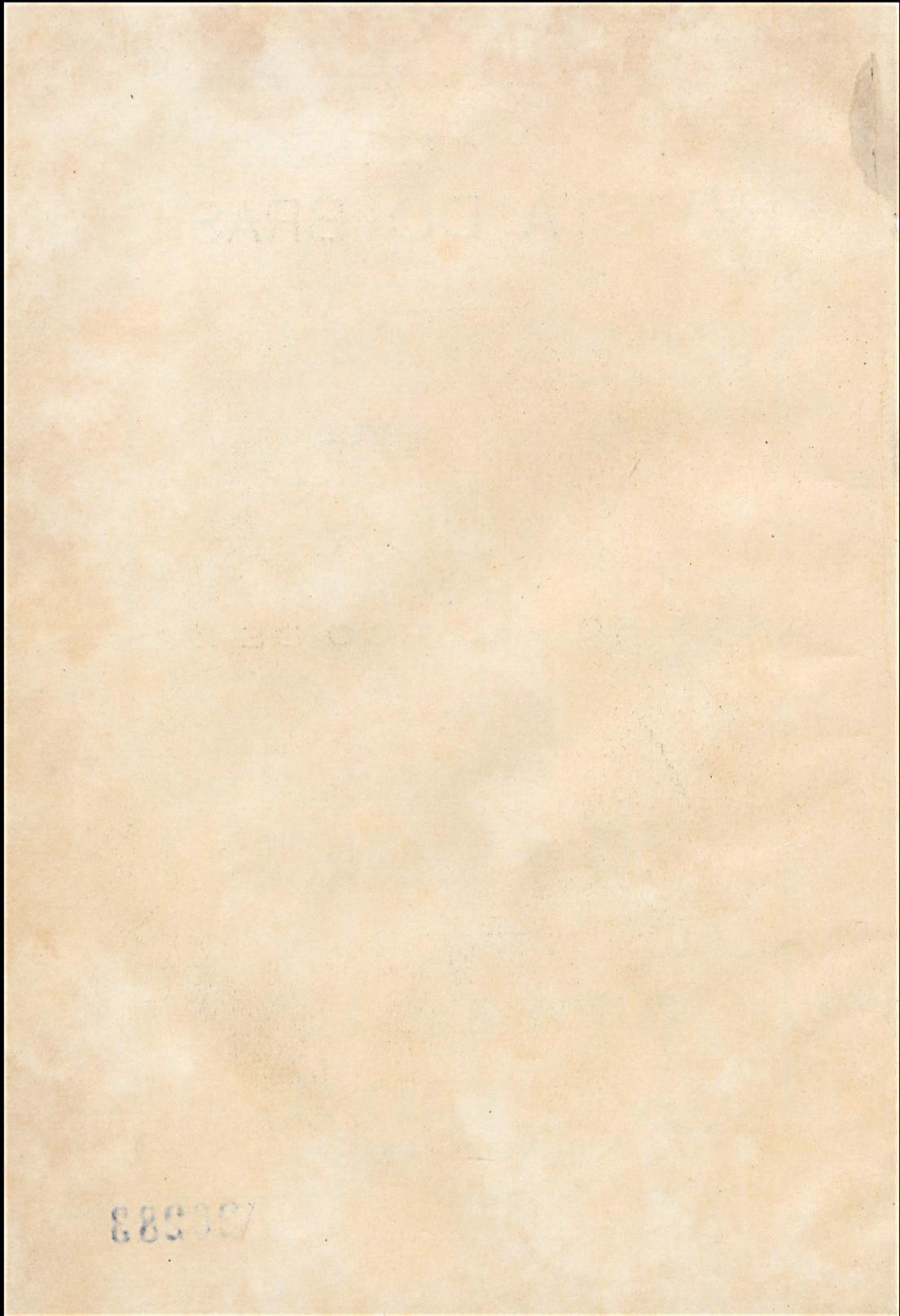


S. PAULO - RIO

BRASIL

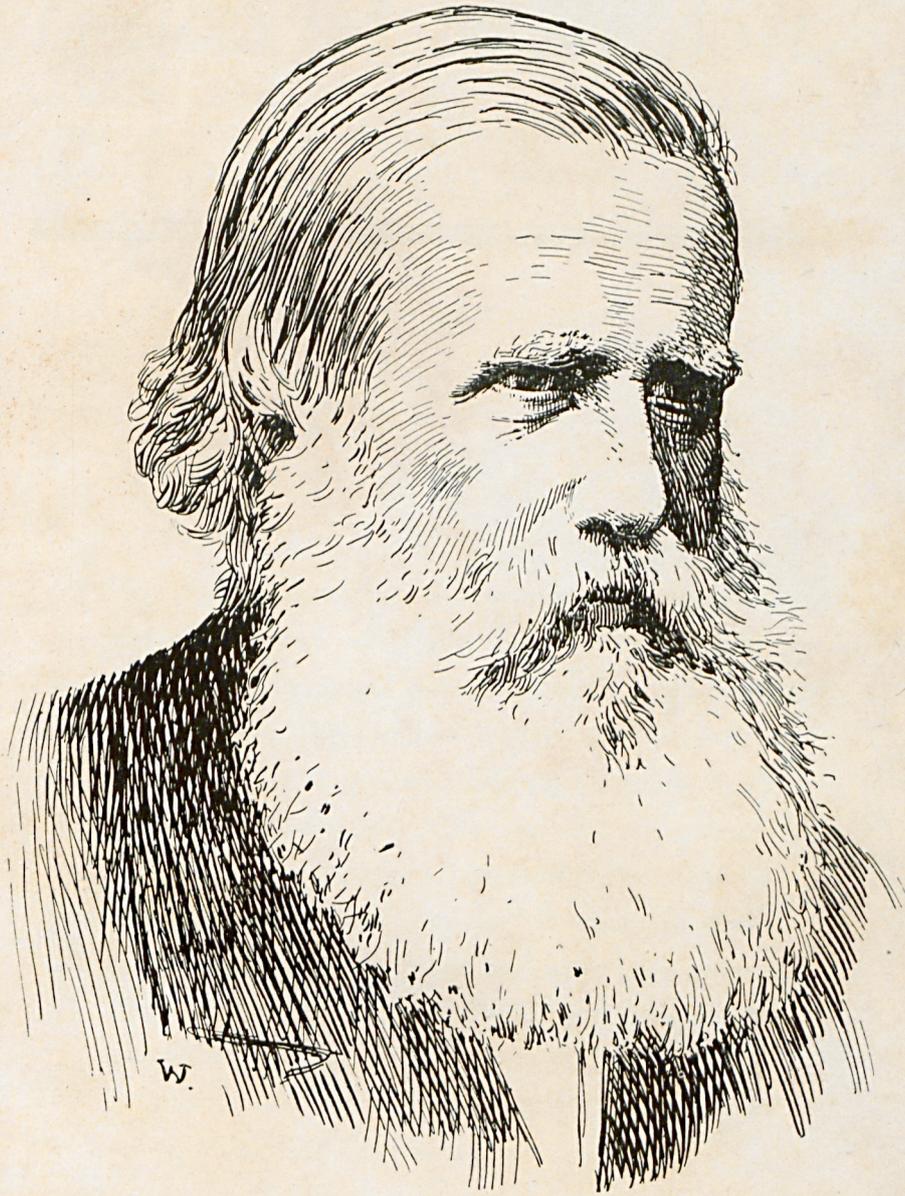
20283





889397

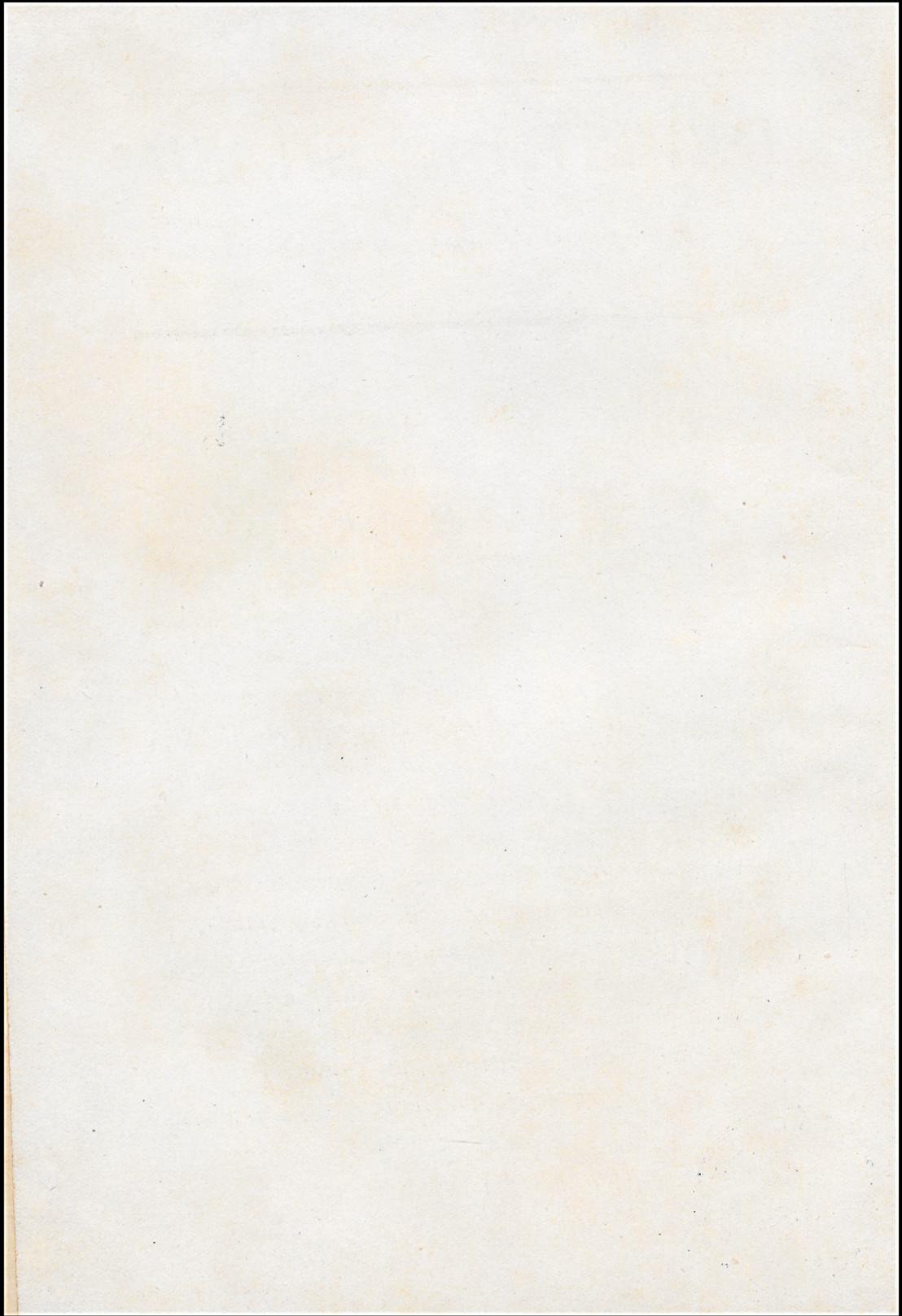




Desenho de Rodrigues

DOM PEDRO II





Biblioteca -
Clas.: OR 050
Tempo/Ter: 1084

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: N. 61 EDITORES
AFRANIO PEIXOTO JANEIRO MONTEIRO LOBATO
AMADEU AMARAL 1921 & COMP. — SÃO PAULO

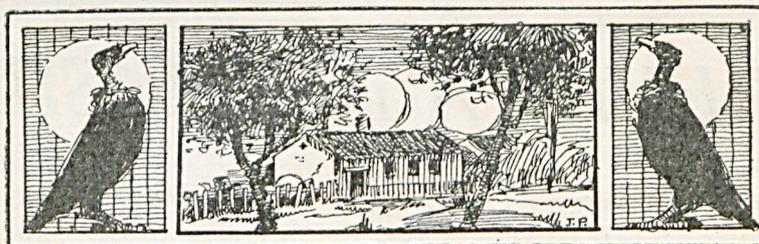
DECLARAÇÃO

A “Revista do Brasil” tem o prazer de anunciar aos seus assignantes um facto auspiciosissimo, que lhe vem consolidar o prestigio adquirido em cinco annos de vida honesta. Amadeu Amaral e Afranio Peixoto, convidados, acceitaram a incumbencia de dirigil-a, a partir deste numero. Dado o alto valor mental de ambos, tal aquisição significa uma esplendida victoria a mais na carreira victoriosa da “Revista do Brasil”. Chefiada por dois “azes” dessa envergadura, temos a certeza de conseguir o que sempre constituiu o nosso objectivo: fazer della uma publicação sem rival entre nós, como elevadissimo expoente da cultura brasileira, que será.



OS EDITORES.





AS LINHAS DE PENETRAÇÃO DA CIVILISAÇÃO NO BRASIL

(Conferencia da série do "Curso Jacobina", proferida no salão nobre do "Jornal do Commercio", no Rio)

POR F. A. RAJA GABAGLIA
do Collegio Pedro II

Mostrar os centros de irradiação, a orientação, as sinuosidades, os desvios, os esgalhos da marcha civilisadora através do Brasil, eis uma das grandes missões do historiador nacional. A presente conferencia representa interessantissima contribuição a esse estudo. Nella é posta em relevo, em solida synthese, a acção admiravel dos bandeirantes paulistas, que, com todos os seus erros e defeitos inevitaveis, foram os que deram á patria o seu territorio immenso, que ella veiu a ter contra as estipulações dos tratados e as proprias ambições dos contemporaneos. São tambem postas aqui em pleno relevo as actividades especializadas dos grandes focos pernambucano e bahiano, e de outros, menores, mas ainda muito importantes. Depois das "entradas", trata-se das penetrações modernas por via fluvial e maritima e por estrada de ferro. Emfim, esboça-se a estrutura de todo um resumo da nossa historia — sob o aspecto da expansão civilisadora interna.

CIVILISAR é povoar. Pretendendo estudar em uma rapida palestra, a convite da Exma. Sra. D. Izabel Jacobina Lacombe, distinctissima e propecta directora do "Curso Jacobina", as linhas de penetração da civilisação no Brasil, temos, na verdade, que determinar as linhas do povoamento.

Apenas apontaremos as mais notaveis linhas inter-estadaues, pelas quaes se pode comprehender como se deu, de uma maneira geral, se operou esse phenomeno em nosso paiz. Deixaremos á margem as linhas de vazão, que communicaram, umas com as outras, as grandes linhas inter-estadaues.

Tambem não nos preocuparemos com as expedições individuais, mesmo as mais ousadas, desde que não tenham actuado sobre o povoamento de uma região.

Vinda da Europa, a civilização implantou-se no littoral, formando nelle centros, ou antes, fócios donde irradiava.

Poucos annos após o Descobrimento, o littoral já era conhecido em suas linhas fundamentaes.

Desde os primeiros annos tambem começou a ser procurado o interior e as primeiras "entradas" datam da 1.^a decada do seculo quinhentista.

Surgem assim os dois mais importantes fócios de irradiação: São Paulo e Pernambuco. Segue-se-lhe a Bahia. Depois, ha S. Luiz de Maranhão, o Amazonas e o Rio de Janeiro.

A S. Paulo cabe a dianteira.

De S. Vicente, fundada em 1531 e de Santos, autonoma em 1549, sahem os primeiros povoadores de Piratininga, quer dizer, de S. Paulo.

Os tupiniquins eras os habitantes não só do littoral, como tambem dos campos que se seguem á vertente occidental da Serra do Mar.

Entre os tupiniquins costeiros e sertanejos existiam communições constantes, mais ou menos commodas, galgando a serrania e vencendo a floresta.

Localizados no campo, os paulistas marcharam para a bacia do Parahyba do Sul, cujo leito corre entre a Mantiqueira e a Serra do Mar.

Fundam Jacarehy, Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá, datando algumas destas antigas villas do começo do seculo XVIII.

Cresce a população e torna-se necessario encontrar sahida para fóra do estreito valle do Parahyba.

Acompanhando o Parahyba até Guapacaré, actual Lorena, galgaram a Mantiqueira, graças aos *boqueirões*, approximadamente por onde hoje atravessa a E. de F. Rio e Minas, chegando a territorio mineiro e, mais tarde, ao da Bahia.

A disposição do terreno e dos rios, as antigas veredas dos indios e a topographia dos campos impelliram os paulistas a longas caminhadas.

A região dos campos lhes garantia facilidades de locomoção, pois em taes campos a vegetação é baixa, apenas interrompida por capões e mui rica em curis ou pinhões.



Internaram-se ! As montanhas serviram-lhes de balisa e foram o pharol que sempre tiveram a vista. Os rios foram os caminhos que seguiram de preferencia.

Sobre o papel das montanhas e dos nossos rios, especialmente o Tieté e o S. Francisco, em a expansão brasileira, não podem deixar de ser citadas as luminosas considerações, já escriptas em 1883 pelo eminente professor Capistrano de Abreu, demonstrando á evidencia a influencia exercida pelos grandes factos da geographia physica na historia das entradas e bandeiras.

Ouçamol-o: "Das montanhas a sua fixidez invariavel, a sua visibilidade á grande distancia são factos patentes. Além disso, uma montanha domina grande parte do paiz, e della pode fazer-se um reconhecimento prévio do espaço a percorrer, uma recapitulação rapida do espaço percorrido.

"Quanto aos rios, as vantagens são talvez maiores.

"Margeando um rio não ha meio de uma pessoa se perder. O rio garante a agua, condição indispensavel de vida, facilita a alimentação, directamente pelo peixe que contém, indirectamente pela caça que vem beber no seu leito. Em paiz habitado por inimigos, é um fosso, que de um lado difficulta muito os ataques. Emfim, si subir contra a corrente não é facil e exige grande esforço muscular, é certo que na direcção da corrente a viagem é facillima e quasi dispensa esforço.

"Na realidade tal é a importancia dos rios nesta parte da nossa historia que as bandeiras devem classificar-se não pelo ponto donde partiram, mas pelos rios que margearam ou navegaram".

Internaram-se os paulistas ! Para o Sul do Tieté, via Sorocaba, fundam Lages. Neste trecho abrem algumas saídas para o mar, como Paranaguá. Só mais tarde, arrastados pela guerra, notavel agente na povoação das nossas fronteiras meridionaes, communicam-se com o Araranguá, o Rio Grande do Sul e o territorio das Missões.

Acalentados pelo Tieté, margeam-no; a principio estacam diante das cachoeiras, e Parnahyba e Itú surgem; depois, vão até o magestoso Paraná. Deparam com o salto de Urubupungá e mais abaixo com o de Guayra. São duas muralhas inderrubaveis.

Os paulistas, porém, tomam á esquerda; procuram os rios, cujas cabeceiras já tinham devastado. Foi, então, que investiram contra os aldeamentos jesuitas, tão prosperos e futurosos, e os exterminaram completamente. Dá-se o primeiro encontro entre paulistas e espanhóes vindos do Paraguay em procura do mar.



Devassada a margem esquerda do Paraná, passam á margem direita e transpostas a serra de Maracajú e a divisora das aguas, pelo caminho do rio Pardo, Coxim a Taquary, atiram-se ao rio Paraguay, chegando a O. até os Parecís e até os Cuyabás a E, atravez os Payaguazes e os indomitos Guaycurús.

Horrível essa caminhada, já pelos indios, já pelas difficuldades que os rios offerecem, bastando dizer que o Coxim é excessivamente encachoeirado, apresentando 22 escolhos.

Os comboios dos expedicionarios ou as *monções*, como se chamavam, levavam, conforme se lê em Ayres de Casal, o "Pae da Corographia Brasileira", 7 dias e ás vezes 8 para descer, pelo Coxim, desde o Camapuan até o Taquari, e 25 para subir a mesma distancia.

Outros paulistas deixaram a esquerda o salto de Urubupungá e atacaram as terras de Goyaz, feito que, sem duvida, representa o maior esforço dos bandeirantes. O caminho de Goyaz foi aberto dentro do matto e nelle as canôas apenas serviram para passar algum rio. Foi extraordinario o empreendimento, de tal fórma que o nome do heróe, Bartholomeu Bueno, apparece aureolado pela admiração e pelo assombro dos coevos. E' o celebre *Anhaquéra*, o diabo velho, capaz de tocar fogo nos rios.

Os comboios dos bandeirantes sahiam levando muito pouca bagagem; armas de fogo e munição, machados e outros utensilios agricolas para abrir roças nos logares apropriados. Os generos eram geralmente transportados sobre a cabeça dos indios; só mais tarde aproveitaram-se alimarias.

O nome de bandeirantes provém talvez do costume tupiniquim, já referido por Anchieta, de desfraldar-se uma bandeira em signal de guerra. Aliás, a bandeira era uma secção de um terço, especie de companhia de um batalhão.

Dirigia a expedição um chefe supremo com os mais amplos poderes, senhor de vida e morte sobre seus subordinados.

Partiam cedo, pela manhã e andavam até meio dia ou duas horas, quando faziam ponto para tratar da comida. A este respeito não eram exigentes: sustentavam-se de caças do matto, cobras, lagartos, fructos brávios, palmitos, raizes.

Evitavam, o quanto possivel, a matta, sempre perigosa, como ainda em pleno seculo XIX se viu com Stanley, no Continente Negro. Quando não era possivel, procuravam logares em que a matta era mais estreita.

Conheciam os boqueirões e delles souberam se utilizar de um modo admiravel.



Se encontravam algum rio prestadio para a navegação, improvisavam canôas ligeiras, faceis de varar nos saltos, alliviar nos baixios ou conduzir á sirga. Por terra, aproveitavam as trilhas dos indios; em falta dellas, seguiam corregos e riachos, passando, nos váus, de uma a outra banda, conforme lhes convinha, e ainda hoje rememoram isso as denominações de Passa Dois, Passa Quatro, Passa Vinte, etc.

Caminhavam quasi sempre descalços, com um cinto de couro em torno dos rins e um chapéo de palha ou de couro, de abas largas.

Vestiam gibões de uma pollegada de espessura, feitos de muitos pannos de algodão, cozidos juntos, tão rijos que podiam ficar em pé. E' essa a theoria de Rio Branco que, citando Montoya, explica serem os casacos "uma couraça de couro acolchoada de algodão". E ainda no principio do seculo passado, qual se vê na estampa XXI do tomo I da "Voyage Pittoresque au Brésil" de Debret, ainda era assim que se vestiam os mamelucos de São Paulo, quando em expedições contra os indios.

Na época do Anhaguéra, principio da 2.^a metade do seculo XXVII, ao expirar a guerra dos hollandezes, os habitantes do campo passam por uma radical transformação: os bandeirantes fazem-se conquistadores.

O que distingue uns dos outros é que os bandeirantes, sahindo do Piratininga, podem demorar-se um, dois ou mais annos no sertão, mas nunca perdem a idéa de tornar aos campos nataes. E agem sempre por conta propria, sob sua responsabilidade exclusiva. Os conquistadores, não! Verdadeiros emulos dos invictos "condottieri" italianos, são homens audazes, contractados pela Corôa e têm a missão de pacificar certas regiões em que os naturaes resistem; recebem sesmarias, vastas concessões territoriaes, onde geralmente se estabelecem. Entre elles merecem especial menção: Domingos Jorge Velho, um dos descobridores do Piauí e o destruidor dos "quilombos" de Palmares; Estevam Ribeiro Bayão Parente, o conquistador dos sertões de Ilhéos, para onde foi chamado pelos bahianos, impotentes para jugular os indigenas; Mathias Cardoso, notavel guerreiro, o fundador do mais antigo povoado do alto S. Francisco.

Emquanto que uns, os conquistadores, povoaram de facto, preparando o terreno, pela pacificação, aos civilisadores, como fizeram na Bahia, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, isto é, na vasta zona habitada pelos Carirys; os bandeirantes antes concorreram para despovoar, escravizando os indios e dizimando-os com a guerra que levavam aos sertões.



Já disse o Poeta:

Fugitiva e dispersa, a turba dos vencidos
Atrac, guia, conduz para a tribo distante,
Para a perdida paz de seus lares trahidos,
A guerra, o captiveiro, a morte: o bandeirante.

Vem o seculo XVIII e aos Paulistas maior transformação imprimem as opulentas minas de ouro e diamantes, que só as de ouro renderam, segundo o computo de Calogeras, 1.042.500 kgs. !

E' enorme o *rush* aos sertões, para onde acorre tanta gente que o Conselho Ultramarino, justamente alarmado, pediu providencias ao soberano para que este puzesse paradeiro á emigração que cada vez se fazia mais intensa. A fama das riquezas convidava os reinões a se passarem para o Brasil a procural-as. Por este modo, escreveu-se no tempo, se despovoará o Reino, e em poucos annos virá a ter o Brasil tantos vassallos brancos como tem o mesmo Reino”.

O seculo XVIII é o periodo do apogeu, em que a mineração se estendeu das serranias do Espinhaço até os chapadões dos Parecís. A figura culminante é talvez Fernão Dias Paes Leme, o “Caçador de Esmeraldas”, o descobridor das minas de Serro, pai de Garcia Paes, que abriu o caminho novo entre Minas Geraes e Rio de Janeiro, sogro de Manoel Borba Gato, o famigerado descobridor das minas do rio das Velhas.

Os paulistas possuem então, conforme determinou o Mestre insigne que é Capistrano de Abreu, tres grandes linhas de penetração ás minas.

A 1.^a é para Minas Geraes: parte do Parahyba, atravessa a Mantiqueira, contorna as cabeceiras do Rio Grande e seus afluentes até o rio das Mortes, onde se bifurca, indo um galho procurar a bacia de S. Francisco, outro a do rio Doce.

A 2.^a linha é para Goyaz e corre entre S. Paulo e Urubupungá, que deixa á esquerda, procurando a bacia do Parahyba e a do Tocantins-Araguaya.

A 3.^a é para Matto Grosso e corre entre Urubupungá e Guayará, atravessa o Paraguay e se bifurca, indo um galho para S. Lourenço e Cuyabá, e outro para o alto-Paraguay e seus afluentes.

Junte-se a isso o facto das explorações do rio S. Francisco e do rio das Velhas abrirem communição entre S. Paulo e Bahia, e, depois, desta com o Maranhão; junte-se a viagem de José Peixote da Silva Braga, em 1727, descendo de Goyaz pelo Tocantins até o Pará, a de Manoel Felix de Lima pelo Guaporé e o Madei-



ra até o Amazonas e a de João de Souza Azevedo, descendo de Matto Grosso pelo Tapajoz — e eis bem patenteada a extraordinária missão que coube a S. Paulo: *a ligação entre o Norte e o Sul do Brasil*.

E ainda é um paulista, Antonio Pereira de Campos, que comunica Matto Grosso a Goyaz, effectuando a difficil descida do Chapadão pelos tombadouros ou talhadas.

Após os paulistas, devassadores imperterritos, avidos de ouro e de gloria, ha os bahianos. Menos dramaticos e menos sangrentos, os successos da penetração bahiana não desmaiam em comparação com os de S. Paulo.

Do Reconcavo da Bahia de Todos os Santos, essa magnifica faixa littoranea que circumda o golfo grandioso, partiram as primeiras migrações. E se no seculo XVI é que chegam a Sergipe, conquistado por Christovam de Barros, é nos principios do seculo XVIII que attingem os “carrascos” ou “caatingas” do S. Francisco.

São as “caatingas” ou “matto branco” a vegetação typica dos campos sertanejos do Nordeste. O matto branco quer dizer aberto, ralo, com bosques extensos, cheios de tojaes, sem a altura da matta virgem. Por elle poude ser feita a penetração.

Na “caatinga” vingam certas especies permanentes ou periodicas, arbustivas. São-lhe caracteristicas o catingueiro, o xique-xique, as juremas, etc. A agua, exceptuando alguns rios permanentes, limita-se a ipueiras, a olhos d’agua, poços naturaes mais ou menos grandes e constantes; fora destes casos é procurada no sub-solo, operação facil nos leitos seccos; quando não é assim, transforma-se a procura d’agua em empresa ardua e sem fructo.

Pedindo um pessoal diminuto, exigindo pouco capital e tendo o sal sufficiente á sua alimentação nos numerosos barreiros do interior, a criação do gado vaccum, iniciada nas cercanias da cidade do Salvador, espalhou-se pelo sertão a dentro e foi o factor por excellencia da penetração do Nordeste.

O gado vaccum vivia solto o maior do tempo e internava-se pelas “caatingas”. Quanto ao gado cavallar dava-se bem no sertão, mas nunca se multiplicou tanto como o outro, por falta de forragem apropriada.

No seculo XVII, além da continuação da marcha colonial para o Noroeste, pelo rio Real, iniciam os bahianos dois grandes movimentos, para o O. e para o S.

O primeiro realisa-se pelo Itapicurú e pelo Jacuipe, alcançando Jacobina, deste modo ligada á Cachoeira, e pelo rio Salitre e



Morro do Chapéu ás margens do S. Francisco. Duas familias — Garcia d'Avila e Antonio Guedes — obtêm no seculo 17.º todo o sertão bahiano, entre Jacobina e o S. Francisco. Pouco depois, pelo Pajehú, affluente do S. Francisco, chegam ao sertão de Pernambuco, e tendo o transito aberto pelos paulistas que anniquilaram o gentio, demandam os bahianos os campos de Geremoabo. Vão a caminho do Piauhy, assim descoberto pelos fundos, pelo que se alarga ao sul, não tendo quasi littoral.

Quando os bahianos e os paulistas chegam ao Piauhy, os maranhenses, subindo o Itapicurú, procuram uma sahida e traçam a linha que, partindo deste ultimo rio, se liga a Pastos Bons, passando por Caxias, então Aldeias-Altas, e que representa a funcção de um isthmo, ligando dois centros: o Maranhão e a Bahia.

O gado do Norte alcança assim a nova estrada e vai alimentar os centros de mineração do Sul. E esse trajecto foi o do 1.º bispo de Mariana que, sahindo de S. Luiz, pelo interior, chegou á sua diocese.

A gente do Ceará, pelo rio da Brigida, communica com os bahianos, que deixam traços inapagaveis no Cariry.

Este é o primeiro movimento.

O movimento para o S. effectua-se para Maracás até a serra do Orobó. Pelo Paraguassú são alcançados Lenções, a Chapada Diamantina e o Jussiape ou alto rio das Contas, como tambem as nascentes do rio Pardo e do rio Doce.

Parallelamente, porém mais tarde, ha um movimento costeiro para Ilhéos e Porto Seguro.

Esses movimentos para o S. abrem á Bahia e a seus productos os mercados mineiro e paulista.

No seculo XVIII, vai a Bahia pelo littoral até S. Matheus e o Espirito Santo e pelo sertão até o rio das Velhas e o alto rio Doce e Jequitinhonha. Para o O., continuam as sesmarias a ser concedidas, e amplia-se, pois, cada vez mais a sua zona de influencia. Penetra em Goyaz e são os boqueirões de S. José do Duro, Taguatinga e S. Domingos as passagens obrigadas, a darem a sahida nem sempre concedida, pelas montanhas que constituem os limites entre Goyaz e Bahia.

Duas estradas ha a mencionar: uma ao S., oriunda da Lagôa Feia e do Mestre de Armas; outra, ao N., que ia buscar o Rio Grande, affluente do S. Francisco. Nesta 2.ª estrada é que fica a actual cidade de Barreiras, importantissimo centro sertanejo onde se sangra o gado e a borracha da mangabeira de Goyaz.

Como se vê, foi muito importante a expansão bahiana.



Passemos a Pernambuco, cujo ataque ao interior é dos primeiros instantes da nossa Historia.

A tendencia dos povoadores pernambucanos era tambem o S. Francisco. O 1.º donatario, Duarte Coelho, se offereceu para conquistá-lo, seduzido pelas riquezas que lhe eram attribuidas. A invasão flamenga e do mesmo modo a republica rustica dos Palmares, no primeiro quartel do seculo XVIII, estancaram, porém, o avanço, de sorte que na 2.ª metade do seculo XVIII, quando bahianos e paulistas varavam o extensissimo interior do paiz, não se penetrava do Recife além de umas quinze legoas pelo interior: o que ficava adiante era bahiano.

O celebre economista, o bispo Azeredo Coutinho, governador interino de Pernambuco, de 1798 a 1804, abriu um caminho communicando Olinda com os sertões do Estado: o caminho acompanhava o Capiberibe até Taguaretinga, de onde demandava vias abertas um seculo antes pelos bahianos.

Os serviços de Pernambuco avultam, porém, em outro sentido e a sua civilização diffundi-se para a Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará. De Pernambuco sahiram a conquista do Maranhão, a fundação do Pará, a posse da Amazonia.

Não é licito, portanto, contestar o valor formidavel deste foco de irradiação, cujo raio de acção vai até a serra do Araripe e até Sobral, a perola do Acarahú. Pode-se, conforme já se propoz, chamar pernambucanos os sertões de fóra, desde Parahyba até o baixo Parnahyba, e bahianos os sertões de dentro, desde o Rio S. Francisco até o S. O. do Maranhão. (*) Nas margens do S. Francisco encontram-se os bahianos e os pernambucanos com os paulistas; as tres grandes correntes chocam-se no grande rio que pode ser considerado como o "caminho maximo da civilização brasileira".

Um caminho importante liga Pernambuco ao Ceará: Icó, os rios Piancó e Seridó, o Capiberibe. Pedras de Fogo e Itambé ficam nesta estrada: uma é parahybana e a outra pernambucana, confundidas por uma rua, como no Extremo Sul, Rivera e Sant'Anna do Livramento.

Ligado Sobral ao Parnahyba pela villa de Mocha, hoje Oeiras, e transposta a cordilheira da Ibiapaba, pela ladeira da Varzea da Vacca, Pernambuco communica-se com o Maranhão.

S. Luiz do Maranhão é o quarto fóco de irradiação: a elle se acha vinculada a formação territorial da Amazonia. Sob

(*) *Capistrano de Abreu — Cap. de Historia Colonial.*



outro aspecto, é secundario pela diminuta população que sempre teve.

A feitoria franceza de S. Luiz, após o memoravel combate de Guaxenduba, no principio do seculo XVII, foi enlaçada pelo movimento expansionista de Pernambuco.

Mas, uma peculiaridade da costa veio dar uma notavel autonomia ao Maranhão. Neste trecho chanfrado da costa brasileira o systema de ventos fazia as communicações a vela difficeis e precarias. Jeronymo de Barros, filho e herdeiro de João de Barros, um dos primitivos donatarios, informa que de sua capitania os navios demandavam as Antilhas. E antes de Alexandre de Moura nenhum dos emissarios mandados ao Maranhão conseguiu volver por mar ao ponto de partida.

Surgiu, então, em 1621, a ideia de crear ali um estado independente. E' o "Estado do Maranhão" que começava no Ceará e ia até a fronteira septentrional, ainda indefinida, do Pará. Viveu uma vida á parte, subordinado directamente á metropole e essa é a razão pela qual, em 1822, contra a sua adhesão ao grito de Ipiranga allegava-se que nada tinha o Maranhão de commum com o Brasil. Tornou-se para isso necessaria a intervenção de Lord Cockrane, Marquez do Maranhão; e só a navegação a vapor integrou-o na nossa comunidade.

Colonisado S. Luiz, a canna, o algodão e o gado fizeram a navegação do Pindaré, do Mearim, do Itapicuru e do Gurupy. Vão até a margem direita do Tocantins, onde fundam Carolina. Em 1733 a séde do governo é transferida para Belém, mas volta, em 1772, a ser em S. Luiz e o Maranhão prospera francamente até o abandono da agricultura por productos florestaes semelhantes aos da baixada amazonica.

Com a fundação de Belem, em 1616, enceta-se a penetração lenta no Amazonas, descoberto por espanhoes, na foz, e descido tambem, primeiramente, por espanhoes, mas que acabou portuguez, "especie de contrasenso historico", identico ao que se deu com o Rio da Prata, descoberto e baptizado por portuguezes e al fim cahido em mãos de castelhanos.

O Amazonas é o Mediterraneo da Sul America. Foi uma optima via de penetração.

Em verdade, o meio affeiçoa o homem; no Amazonas o homem é pescador. Pescador, ou antes, ichtyophago, isto é, comedor de peixes e de tartaruga, já denominada a "vacca amazonica". A caça a esses alimentos levou-os a familiarizarem-se com a intrincada rêde de canaes, rios, furos, paranás, igarapés, igarapemirins, lagos, lagôas — complicado entrelaçamento, gigantes-



co labyrintho que constitue a physiographia da baixada do maior caudal da terra.

Ao explorador, a matta amazonica, sem embargo do seu volume e espessura, não é obstaculo, graças a esse opulento systema vascular do grande rio. E quando á cata da borracha, da copahiba, da andiroba ou da castanha, preciso lhe é penetrar, ainda os igarapés, bastantes ás suas leves montarias, abrem-lhes caminho commodo aos recessos habitados pelos vegetaes preciosos. E ali mesmo, no seio da matta, não raro della propria tira o seu alimento, a mór parte das vezes o peixe, o peixe especial chamado do matto, criado e vivendo nos igapós, nas lagôas e brejaes, abundantes naquelle mundo de aguas.

Assim, a penetração da matta amazonica só se fez mediante os infinitos cursos d'agua da gigantesca rede fluvial.

Nos fins do seculo XVII, as terras amazonicas eram distribuidas ás differentes missões: os jesuitas ficavam com a margem meridional do rio; os franciscanos com as terras do Cabo Norte até o Urubu; os carmelitas com o valle do rio Negro, subido mais tarde o Branco e alcançado o alto Essequibo ou Sipó.

Os jesuitas penetraram de um lado o Solimões e o Madeira, de outro encontraram no alto-Tocantins os bandeirantes paulistas, ávidos de ouro.

No seculo XVIII, estenderam-se os portuguezes para o poente, repellindo as missões espanholas lá estabelecidas, como no Sul conquistaram as aldeias do Uruguay. E' a era da ligação do planalto amazonico ao Rio Mar pelo Madeira, pelo Tapajós, pelo Tocantins. O Xingu fica inexplorado até o seculo transacto, o que foi maravilhoso para a ethnographia brasilica, pois nelle se encontraram intactos, representantes das grandes raças indígenas.

Na immensa baixada amazonica o predominio da agua e da matta restringiam as occupações agricola e pastoril. O gado vacuum, creado nos mondongos da ilha de Marajó, perto do Parú, em Obidos, nos sertões do Tapajós, nos campos geraes do Rio Branco onde foi introduzido em 1793, não chegava para o consumo interno. De gado cavallar ainda menos se curava: o transporte era exclusivamente fluvial, desde a montaria, verdadeira succedanea do cavallo, como o nome está indicando, até as grandes canôas, arqueando centenas de arrobas.

Agora, lancemos a nossa vista sobre o littoral, e neste observemos que entre o S. da Bahia de Todos os Santos e o N. de S. Vicente extendia-se, até o seculo passado, matta grossa e enredada, que vedava passagem. A via unica de penetração dessa região de



ferozes Botocudos e Aymorés, era a dos rios encachoeirados, de duplo nome, como o Jequitihonha ou Belmonte, Contas ou Jussiape, Pardo ou Patype, etc. Homens audazes, já o disse formosamente Capistrano, transpuzeram-n'os, mas da passagem delles apagava-se o effeito ao mesmo tempo que a esteira da canôa que montavam. Foi uma excepção o *Rio de Janeiro*, centro de povoamento que se tornou graças á sua situação de excepcional relevo politico. E' do seculo XVIII, de 1763, a elevação da cidade de S. Sebastião a capital da vasta colonia. De importancia relativa, iamoz dizer secundaria, foi nos tempos coloniaes a penetração originaria da bahia de Guanabara, onde vinha morrer a estrada de Garcia Rodrigues Paes, oriunda das Minas e que escoava directamente as riquezas della enviadas a Paraty. Optimo resgate forneceram a Duguay Trouin...

Talvez não se exagere dizendo que o territorio fluminense, situado entre os dois centros do povoamento activo, Bahia e S. Vicente, é o resultado desses dois centros.

Com o descobrimento das primeiras minas, os paulistas, procurando uma sahida entre Guaratinguetá e Taubaté de um lado e Paraty de outro abrem, ou melhor reabrem, porque já os indigenas o possuam, o caminho que serviu a Knivet, na bandeira celebre que foi até o morro de Yaraguá.

Mais tarde, os fluminenses abrem a estrada do Inhomirim, que hoje chamariamos de Petropolis.

Eis ahi apontados os fócios coloniaes da penetração para o interior: a historia do Brasil antes da navegação a vapor.

Os sertões constituam uma massa amorpha, entregues os seus habitantes a si proprios, sem figura de ordem, nem de organização. Nos sertões bahianos, depois da installação do arcebispado da Bahia, crearam-se freguezias, algumas de cem leguas e mais. Uma carta régia de 1699 mandou crear nessas freguezias juizes, e tambem um capitão-mor e cabos de milicia, obrigados a socorrer e ajudar os juizes.

Os capitães-móres deixaram fama de violentos, arbitrarios e cruéis; não eram, todavia, incontrastaveis e, maior ou menor, sempre encontraram opposição. Grande o respeito á propriedade; o ladrão é o mais detestado dos criminosos; a vida humana, porém, não era tida em elevada consideração, e tinha commum o desfecho de sangue.

Na zona das minerações, identicos sentimentos campeavam; ao lado de um outro, quiçá uma das consequencias immediatas da exploração das minas: a ideia de independencia, o espirito de autonomia. E os pruridos de emancipação viçavam sempre, apesar das



sangrentas rivalidades dos proprios paulistas entre si, que todos se juntavam contra os forasteiros, os emboabas, que vinham concorrer com elles na colheita das pepitas luzentes, no fundo das ba-feias, crescendo em torno das catas, desmesuradamente, a popula-ção. E ainda o accumulo de gente para minerar trouxe como consequencia forçada a fome. As poucas roças plantadas não da-vam para sustentar a nuvem de aventureiros e seus satelites; o anno de 1701, por exemplo, foi de privações taes que os mineiros tiveram de abandonar suas lavras até o restabelecimento dos preços normaes dos viveres.

Nessas sociedades *in fieri*, nessas agitadas agglomerações, onde o delirio do rapido e portentoso enriquecimento escandecia e obse-cava todos os cerebros, numa febre continua e insopitavel, manda a justiça historica que se registre a obra de paz e de evangelisação devida aos missionarios, *maximé* aos jesuitas. De facto, aos irmãos de Nobrega e do Santo Anchieta, devemos durante os 210 annos em que exerceram a sua actividade na nossa terra, além de innu-meras missões na Bahia, em Pernambuco, no Ceará e no Mara-nhão, os mais assignalados serviços, obreiros infatigaveis que fo-ram da cathechese do selvicola, da moralisação da nossa gente e da educação da mocidade.

Ao raiar o sec. XIX que nos trouxe a Independencia, preparada pelas ideias autonomicas do sec. XVIII, attingira o Brasil o ma-ximo de sua expansão territorial, definindo, de certo modo, a sua linha de fronteiras, consolidada pela diplomacia. Emmoldura-se o paiz, extendendo-o, conforme reconheceu o tratado de Madrid de 1750, ao S. até a margem septentrional do Prata, a O. até o Pa-raguay, o Guaporé e o Javary e ao N. até o alto rio Negro e alto rio Branco. Ao todo, mais de 8.000.000 kms.

Aliás, largos trechos de territorios não colonizados separavam os centros povoados das colonias espanholas.

No sec. XIX, as multiplas questões de limites com os nossos nu-merosos vizinhos são estudados e só na Republica têm um termo feliz.

Cria-se, para a Amazonia, mais uma grande linha de penetração com a emigração dos "paroáras" do Ceará que, fugindo á secca, devassam o Purus e o Juruá, depois do Paraguay e do Amazonas os rios mais navegaveis do continente, e funda-se no Extremo Norte um Novo Ceará, rico pela borracha. Em 1871, tinha o Purus 2.000 almas; em 1890, 50.000. Incorpora-se ao Brasil esse esplendido trato de terra, verdadeira dependencia geographica do paiz, que é o Acre, definitivamente nosso após o tratado de Petropolis, acto diplomatico onde culmina o genio politico



cm

1

2

3

4

5

6

7

10

11

12

13

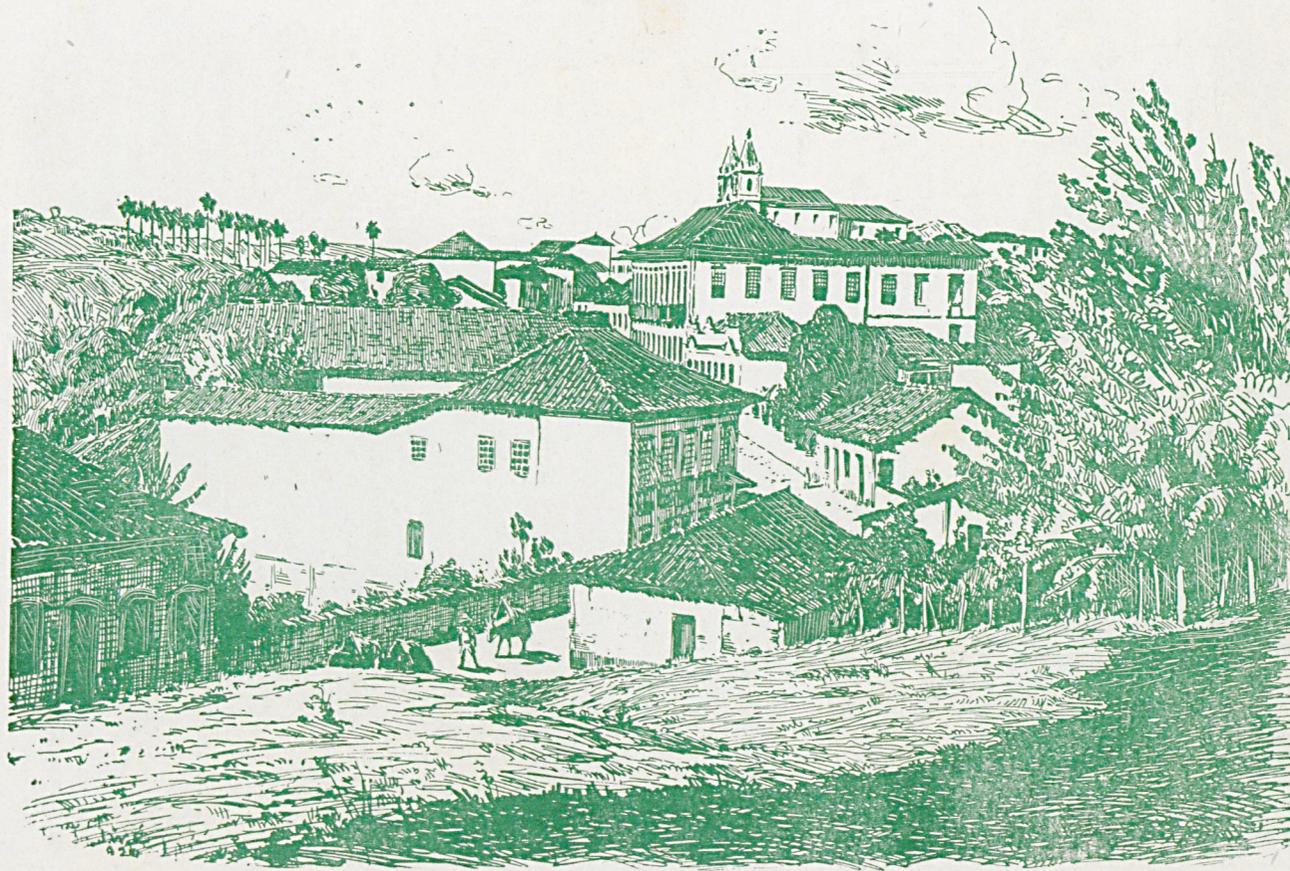
14

15

16

unesp

O VELHO BRASIL



Santa Luzia do Rio das Velhas — Minas

O VELHO BRASIL



Santa Luzia do Rio das Velhas — Minas



daquelle que foi o *Deus-Termino* da nossa Nacionalidade, Rio Branco — o 2.º.

Ainda ha a proclamar, como notaveis vias de penetração, as que determinaram o povoamento do Oeste de S. Paulo, do S. da Bahia, do Espirito Santo e dos Estados do Paraná e de Sta. Catharina. Em S. Paulo, o café; na Bahia e Espirito Santo, as madeiras e o cacáo; nos Estados sulistas, como tambem nestes, o benemerito immigrante, collaborador activo do nosso progresso, foram os agentes que fomentaram a constituição destas linhas.

No sec. XIX fez-se a penetração, não só pela navegação fluvial, mas mediante novos recursos: as estradas de rodagem e as vias ferreas.

As estradas que foram os unicos meios de communicação nos tempos coloniaes, ainda hoje o são para grande área do paiz. Outr'ora, só lhes escapou o transito fluvial ou maritimo que lhes fazia concurrencia; porém só no seculo passado, em era recente, construíram-se verdadeiras estradas de rodagem, antes para cavallo que para boi, e quando, augmentada a população, ao lado da segurança e barateza, exigiu-se a rapidez.

Entretanto, ainda hoje o chiante *carro de boi* é o nosso grande meio de transporte, salvo nas regiões já beneficiadas largamente pela estrada de ferro, cuja elevada missão nos paizes novos, pelo menos até apparecer o automovel, foi crear o trafego e a riqueza.

Foi em 1835 que os nossos estadistas começaram a acariciar a ideia ferroviaria para convertel-a em realidade no anno de 1852, já na 2.ª metade do seculo, com a E. de F. Mauá, obra immorredoura de Irineu de Souza, visconde de Mauá, cujos primeiros trilhos foram plantados quando já os Estados Unidos possuíam 20.000 kms. . . .

As estradas de ferro são um admiravel conductor da civilização, sejam estrategicas, criadas no interesse da defeza nacional; sejam industriaes, promovidas para o desenvolvimento da agricultura, do commercio e das artes.

O 1.º problema da viação ferrea no Brasil foi a transposição das serras costeiras. O 2.º foi a ligação das rédes existentes entre si. As linhas iniciaes convergiram para o S. Francisco.

Hoje, a nossa rede ferro-viaria abrange com os seus 30.000 kms., *grosso modo*, quatro grupos: o do *Norte*, comprehendendo os Estados septentrionaes até o Ceará inclusive e a parte N. do Matto Grosso; o do *Nordeste*, comprehendendo os Estados do Nordeste do paiz até a Bahia inclusive; o *Central*, comprehendendo os Estados do Centro e do Este até S. Paulo inclusive; e o do *Sul*, comprehendendo Paraná, S. Catharina e o Rio Grande do Sul.

Entre o grupo N. e N. E. não se effectuou ainda o enlace con-



tractado. Entre estes dois e o Central não ha traço de união, mas peçamos a Deus que proximo esteja o dia em que comprehendam os homens publicos do Brasil a necessidade premente desta ligação, custe o que custar, e que, ha mais de 10 annos, ao assumir pela 2.^a vez a direcção da E. de F. Central do Brasil, o egregio Paulo de Frontin mostrava ser inadiavel. E' pena que se vá commemorar o Centenario sem a estrada de ferro de Pirapóra a Belem, fadada a ser como que a espinha dorsal do Brasil e a melhor via de penetração da civilisação que poderiamos construir para patentear ao Mundo um seculo de actividade e de trabalho.

O grupo S. está ligado ao Central, pela E. de F. S. Paulo Rio Grande.

Mencionemos ainda duas importantes estradas de ferro, simultaneamente estrategicas e industriaes: a E. de F. Madeira-Mamoré, construida segundo um compromisso assumido no tratado de Petropolis, e que liga S. Antonio do Madeira á Villa Bella, vencendo a secção encachoeirada do Madeira; e a E. de Ferro Noroeste do Brasil que nos deu, a nós, o Matto Grosso, livrando-nos do terrivel "Bosphoro platino", como com rara eloquencia escreveu o inolvidavel Euclides da Cunha. Alem de estrategicas, são, como dissemos, duas estradas de commercio: a 1.^a escôa o N. da Bolivia para o Madeira; a 2.^a está destinada a transformar Santos em porto internacional, sangrando a Bolivia e o Paraguay.

Citaremos tambem o projecto de uma extensa linha de penetração: é a estrada de ferro que partindo de Santarem, no Pará, irá morrer em Cuyabá, atravessando diagonalmente o Brasil. Já foi dada a concessão ao Dr. José Agostinho dos Reis, professor da Escola Polytechnica.

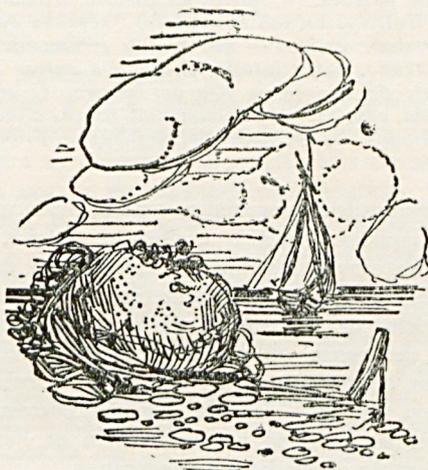
As tres linhas Rio de Janeiro-Pirapóra-Belem, S. Paulo-Rio Grande e S. Paulo-Corumbá, que entre si unirão os quatro grandes nucleos ferro-viarios do Brasil, constituem excellentes linhas de penetração no sec. XX, o seculo que ha de assistir o aproveitamento de todo o Far-West brasileiro, já cortado por linhas telegraphicas de Cuyabá ao Amazonas, pelo illustre General Rondon e seus companheiros que revivem pacificamente em nossos dias as façanhas dos devassadores do sertão, nos seculos idos.

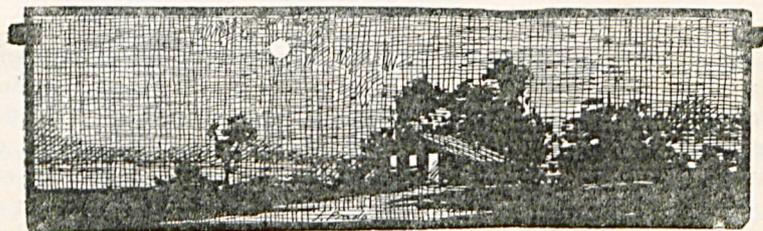
Mas, resta ainda uma grande via de penetração, grande no passado, grande no presente e certamente grande no futuro. E' o *mar*.

O mar, entre nós, aproxima os nossos centros uns dos outros, apezar da America do Sul ser pela feição massica das costas, um continente desherdado, onde minguem mediterraneos, peninsulas, golfos, ilhas consideraveis e no qual coexistem quasi sem transições



e sem penetração a terra e a água. O mar é que nos põe em diário contacto com os velhos e novos focos de civilização do estrangeiro. Foi o mar que trouxe o Descobridor, os colonisadores, os povoadores, os civilisadores. Foi o mar que trouxe o branco e o negro, os quaes misturados ao gentio, constituíram esse typo ethnico, em formação ainda, que é o brasileiro. Foi o mar que transportou ás nossas plagas D. João VI e com elle a abertura dos portos do Brasil ao commercio das nações amigas. E com esta se formou a Nação brasileira





RÉPROBO DA SECESSÃO

POR ALBERTO RANGEL

A phase da libertação, para o Brasil, foi também phase de grandes loucuras e criminosas aberrações. Emquanto Feijó lutava — gigante benéfico — por manter a unidade nacional através de todos os riscos que a ameaçavam, numa tempestade de paixões, — outros, na sombra, tramavam, teimosos, em sentido contrario. Entre esses, um houve — o “réprobo da secessão”, como lhe chama o autor deste artigo, — que tentou seriamente separar o Norte do resto do paiz, tendo, nesse intuito, chegado a entrar em confabulações com o representante da França no Rio de Janeiro. O sr. Alberto Rangel nol-o revela, com precisão documental, graças a indagações realizadas nos archivos diplomaticos da França.

N o alvoroço nacionalista e jacobinico, superaquecido na indisciplina dos quartéis, o Brasil liquidava em 1831 a situação anterior, em cujo acervo apparecia o vultuoso espolio inscripto na columna do debito das indemnisações do bloqueio do Prata. Emquanto isso o paiz sustentava a sua unidade pelo capricho da persistencia de um peso morto. Mas dentro d'esse movimento de inercia em que a nação se conteve, permanecendo nos seus perimetros geographicos e no seu regimen monarchico, taes foram os arrancos de dissolução interior que não ficaram estes na effervescencia das ruas, em odio ao portuguez, nem se limitaram aos projectos de uma federação abortada por inopportuna.

Tempos em verdade tristes e conturbados os que se poderiam conter na annotação de uma formula tão ao gosto dos systematicos de hoje: — cyclo Feijó. Caracterisam-no, de um lado, a desordem da sociedade que a tutella da dynastia não mais amparava por desrespeitada no soberano afrontado e repellido, e, de outro lado, as reacções de um poder provisorio de investidura casual, debilitado ainda mais pelo facto de representar uma creança. Nessa lucta pela estabilidade geral e fortificação de laços politicos o historiador arrolou arruaças que prolongam a “noite das garrafadas” á aventura de Bulow enterrando a chanfana restauradora nos mangues de São Diogo.

Mais grave, porém, era a situação que impressionava apenas pelos tumultos dos exaltados e a insubordinação da tropa. Respeitáveis mandatários na Assembléa Legislativa intrigavam para separar o norte e na propria Regencia, *incredibile dictu*, haveria quem lhes approvasse a idéa. O paiz enorme cambaleava, sentindo frouxos os laços que tres seculos por intermedio de vagos agentes genericos de cohesão, como a Religião e a Lingua, não tinham apparentemente bastado a fortificar. E por isso as idéas federalistas surgiram, popularisando-se entre os elementos de mais ambição no torvelinho parlamentar e nas classes mais razas e impressionáveis, nos maiores centros do paiz. Seria esse federalismo incipiente e turbativo, que chegou a se inscrever num projecto de lei approvedo pela Assembléa, a significação politica com que se legalisariam tendencias francamente separatorias cuja manifestação, mesmo sob essa capa doutrinaria e lealmente partidaria, deveria escandalisar o patriotismo dos moderados, constitucionaes e integralistas.

Certo é que não ficou esse pensamento de dissociação no dominio exclusivo dos debates, na esphera idealistica em que se lançam e amadurecem tão arrojados e delicados problemas, nem, como se tem visto, num recurso de espantallo paradoxalmente empregado por tribunos e agitadores patriotas afim de intimarem á união e fortalecel-a por todos os modos. A correspondencia diplomatica do caes d'Orsay, aberta sobre os bastidores de nossa historia, projecta sobre o caso uma luz particular, apresentandonos com desembaraço e certa abundancia de pormenores a existencia de uma conjuração em plena sombra da Regencia, representada pelo estadista que, portas a dentro da residencia de um agente estrangeiro, se empenhou na divisão de sua patria e no regateio d'essa desgraça.

A 3 de Novembro de 1830 substituiu Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcante e Albuquerque a José Antonio Lisboa, que tinha a pasta da Fazenda no gabinete de 12 de Agosto d'esse mesmo anno. Abriu-lhe as portas do ministerio um sopro da refrêga liberal condensando as primeiras nuvens da Abdicação, a qual levou elementos avançados ao pé do Throno no vacuo deixado pelo manhoso valido e negociador imperial, marquez de Barbacena, enxotado escandalosamente por D. Pedro I, num desaguisado que ainda não se tirou completamente a limpo.

Deputado á Assembléa era Hollanda Cavalcante o representante de uma d'essas familias feudaes enriquecidas pelo assucar e com fumaças de remota nobreza alienigena, á qual Pernambuco deveu por longo tempo o peso de seu prestigio na balança politica do Imperio e mais particularmente se notabliisara com o trocadilho de curso popular naquella provincia: — quem não era Cavalcante seria cavalgado. Alteia-se-lhe o nome nos annaes parlamentares com o relevo do talento, nessa bancada liberal de cimos de montanha e baixos de grotão, inquieta e ousada geratriz de facções, incapaz de realizar as reformas que levantava nos programmas, embora não se lhe cansasse o folego em discutil-as e apregoal-as.

Justamente um anno depois da Abdicação deixava Hollanda Cavalcante



o cargo de Ministro de Estado. Dir-se-ia que, afogado de escrúpulos num posto de governo, descera d'essas alturas para mergulhar á vontade no baixo fervilho das paixões onde se elaboravam com as transacções, as hostilidades e as insidias dos militantes da politica, as fórmulas superiores de estabilidade e progresso necessarias ao organismo e desenvolvimento do Brasil.

Hollanda Cavalcante seria um desmarcado pessimista; e, emprestando-lhe esse aspecto, que se lhe perdõe em parte o desabuso do pretendido golpe na integridade da nação com o qual despertara a cupidez de forasteiros. Parecera-lhe talvez sossobro da monarchia o pé de tumulto e abalo em que se encontrava o paiz. E por uma confusão lamentavel de seu espirito perfunctorio, exacerbado pelos sentimentos de exclusivismo bairrista, cahiria no vergonhoso erro d'essa tentativa politica que foi o terrivel attentado em falso de um homem publico a tomar contas perante o tribunal que deve julgar especialmente os réus e ambicioneiros de tal jaez.

Muito haverá a sondar no terreno em torno á intriga d'esses chefes de tope liberal, que tentaram solapar a unidade brasileira, para lhes explicar os moveis e sopesar os designios na instabilidade d'essas horas criticas tão propicias á vehemencia de certos enthusiasmos e aos enredos da traição para determinados proveitos. Por emquanto nos limitemos a narrar o facto trazido á baila pelo documento official. Consta de trechos confidenciaes a que a boa vontade da administração publica franceza, considerando a cicatrização pelo Tempo, quebrou os sellos da reserva, tornando-os um bom pasto para os historiadores.

Hollanda Cavalcante por varias vezes se apresentou a Eduardo Pontois, encarregado de Negocios de França no Rio de Janeiro, a expôr-lhe a empreza de separar, a começar da Bahia, o norte do resto do Brasil. Em despacho n.º 75 de 28 de Setembro de 1831 o alto representante enviou ao conde Sebastiani, ministro de Estrangeiros sob Luiz Felippe, com abundantes considerações e esclarecimentos, as grandes linhas do commettimento no qual via as mais altas vantagens para que merecesse toda a attenção e apoio de seu governo. E, provavelmente, nessa recommendação de solidariedade a tão importante acontecimento julgaria Pontois coroar-se-lhe a carreira de funcionario do immarcessivel laurel de conselheiro de um optimo negocio.

Contractaram Hollanda Cavalcante e Pontois, sem que este dispuzesse de um mandato em fórmula o qual o autorisasse a discutir tal materia e muito menos sancionar com sua chancellia official a negociação do politico brasileiro, avido da aventura que, por ter falhado, nem por isso deixa de ser doloroso incidente bem demonstrativo, aliás, das inclinações perigosas da politica quando não a nutre o solido respeito aos principios fundamentais da dignidade e o patriotismo.

Diogo Feijó, nos apuros da faina de sustentar o paio nesse temporal, não se pejou de ir bater também á porta do mesmo estranho, postulando-lhe reforçasse a autoridade precaria com uma manifestação significativa a



bordo dos navios francezes de estação no porto. Não se lhe applaudam os passos de supplicante no desamparo momentaneo de Hercules esmorecido.

Entendam os mais exigentes e susceptiveis que a virilidade e dependencia de Feijó, sombreasse nesse appello na treva ao delegado de uma potencia européa. Mas, que dizer d'aquelle que se abalou a conluir com esse mesmo estrangeiro, entre as assumpções a duas cadeiras de ministro de Estado, a divisão e cessão do territorio de sua propria patria?

E tentaria o pernambucano o sacrilegio por despeito ou ambição? Os motivos decantados por Pontois, isto é, fazer escapar grande parte do Brasil ás miserias de sua propria ruina não são plausiveis. A operação cirurgica não passaria de um assassinio, pois o corpo soffrendo de anarchia tinha justamente nos elementos de sua intangivel grandeza territorial os vastos recursos materiaes e moraes que deveriam salvaguardar-lhe o futuro. Não havia gangrena localisada que justificasse a amputação do Norte. Não se cortam doentes por mais graves que sejam pelo meio... A desordem era geral e especialmente em todos os nucleos do litoral onde fermentava esse delirio momentaneo, dixaedo pelo ataque ás tradições da ordem publica por essa rebeldia de soldados e patulêa a explorarem da rua da Quitanda ao campo d'Acclimação a birra nativista entre o portuguez e o mulato, representados no marquez de Paranaguá e no doutor Meirelles...

Eis de que constava, segundo o original, o troco de compromissos propostos e acceitos nos conciliabulos de Hollanda Cavalcante:

1.º L'Agence Politique de France au Brésil recevra immédiatement de son Gouvt. l'autorisation de se mettre en rapport avec la personne investie du Pouvoir du nouvel Etat, et de negocier et de signer, avec elle, tous arrangements ou actes relatifs à l'exécution du Plan dont il s'agit, notamment le traité qui aura pour but de reconnaître l'indépendance de la nouvelle monarchie, dont la couronne sera deférée à l'une des jeunes Princesses de la famille Impériale du Brésil, aussitôt que cette indépendance aura été proclamée par les Representants ou les notables du Pays. Il sera autorisé également à faire porter les forces navales du Roi sur les points qu'il indiquera, de concert avec les autorités constitués, et à remettre à ces mêmes autorités les fonds et munitions de guerre ci après designées.

2.º Les secours à fournir par la France consisteront en:

Trois ou quatre bâtimens du Roi, qui devront être rendus à Bahia et à Pernambouc en Mars, ou au plus tard, en Avril de l'année prochaine; un armement et équipement complet pour 4 à 5.000 hommes; un ou deux navires de commerce, armés en guerre, pour être rendus au nouveau Gouvt.; une avance de fonds, qui ne pourra s'élever au delà de 20.000 L. sterling.

3.º Les avantages particulières à acorder à la France, en compensation de ses sacrifices et de son assistance, semblent, au premier coup d'œil, pouvoir être:

une fixation de frontières donnant la Rivière des Amazônes pour limite entre la Guyane Française et le nouvel Etat; la navigation de ce



fleuve commune aux deux Etats riverains; la conclusion d'un Traité de Commerce d'amitié, basé sur le principe de la Réciprocité, et dans lequel certains privilèges seront réciproquement stipulés en faveur de la navigation et du commerce des deux nations.

Com o despedaçar do gigante cahiria o abutre ás bicaradas nos despojos: condiminio no rio Amazonas e aquisição da grossa fatia do territorio do Amapá. Evaporavam-se nessa machinação o tratado de Utrecht e a sua referenda pelo Congresso de Vienna, que nos garantiriam a sentença de Berne.

O sonho d'esses negociadores deveria ter-lhes enchido o claro das insomnias de malfeteiros. Cortavam largo na carta da America, scindindo e alienando o Brasil em colloquios de gabinete, ao fumo de alguns charutos. Triste tentativa de dois pobres homens! Na manigancia de seus conchavos manipulavam o impossivel. A nacionalidade brasileira restabelecia-se pouco a pouco por uma transição expontanea ao equilibrio geral. Na apparencia do cahos irremediavel a politica exaltada intervinha destruindo um mundo. Artistas da popularidade, mas seus escravos, acreditavam servil-a, irreverentes e nihilistas, aniquilando por incompreensão e desamor o grandioso edificio que não sabiam sustentar. Antes de serem maus brasileiros foram maus videntes e constructores...

Interessante que, balanceando as possibilidades de exito e as possiveis reduções na vastidão do plano que apoiava, acariciasse Pontois a hypothese de falhar o córte em duas partes e se dispartisse o Brasil na farinha dos Estados em que se pulverisasse. E o diplomata rejubila-se ao architectar esse caso, pois que sómente com o Pará autonomo seria mais facil e mais barato ainda ao glutão de ultramar avançar nos mesmos bocados que premeditara no convenio de Hollanda Cavalcante.

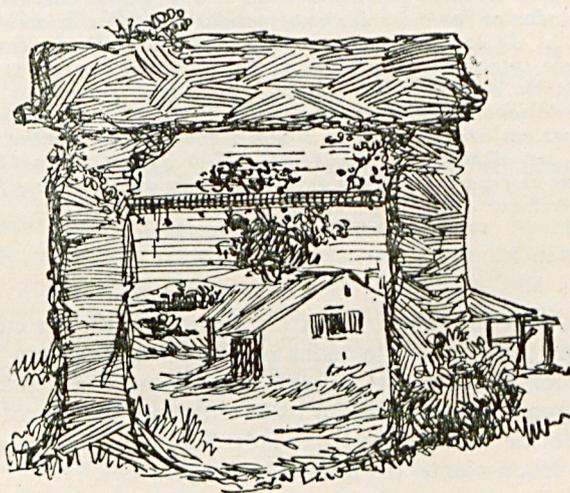
Procurando Pontois pescar nas aguas turvas da situação regencial, a bem do que julgava interesses de sua patria, estava no seu direito. Nada extranhavel portanto a attitude do agente que, parece, experimentava inclinar-se nas directivas da politica que conquistara a Algeria no anno anterior e cujo appetite de devoração, sobrepujados outros ideaes mais humanos, levaria a França a qualificar-se no bando irresistivel e famelico das nações de presa. Imperdoavel que um brasileiro de tal responsabilidade pretendesse destruir a obra historica d'esse patrimonio que elle, em sua missão de suffragio e outras investiduras publicas, como todos nós, dos mais importantes aos mais obscuros, temos a obrigação religiosa de restituir intacta aos vindouros.

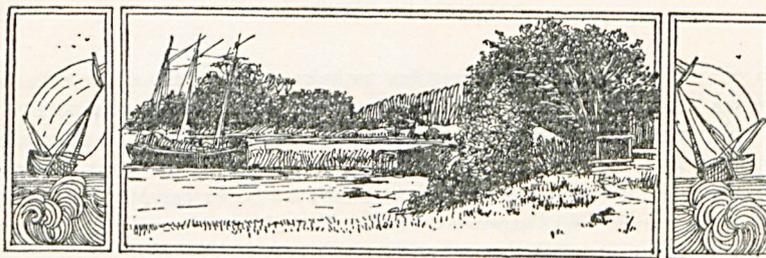
Honrosissimo para o Rei Luiz Felipe que a attitude de seu agente no Rio de Janeiro fosse francamente reprovada. Na minuta do officio n.º 45 de 6 de Dezembro de 1831, lê-se com referencia á communicação de Pontois a respeito do accôrdo de Hollanda Cavalcanti: *Ce plan ne s'accorderait ni avec le principe que nous defend d'intervenir, en aucune façon, dans les affaires interieures des autres pays, ni avec le système de politique generale adopté par le gouvernement du Roi.* E, depois de varias considerações



com que procura destruir as asserções optimistas de Pontis, a chancellaria franceza corôa nobremente a sua repulsa d'estas palavras desassombradas, que sob uma fórmula implicita e de protocolar polidez respinga e tacham a face do politico do esphacêlo do Brasil. *C'est a ce titre que vous voudrez bien, M., décliner les propositions qui nous ont été faites par M. Cavalcante, tout en lui renouvelant l'assurance de mes dispositions bienveillantes envers son pays.*

A 9 de Agosto de 1832 foi de novo chamado aos conselhos da Corôa Hollanda Cavalcante. O ministro do Imperio, e mais tarde visconde de Albuquerque, conseguiria abafar os seus remorsos, obnubiliar-se d'esse escorrego de consciencia de partidario e extremista para os quaes não ha fim que não justifique os meios? A politica na sua fabrica de inconsequencias e absurdos é uma officina de recuperações. D'essa vez felizmente transformou um conspirador, reprobado da secessão, num fidalgo e servidor do Imperio.





A LINGUA NACIONAL

(Fragmento)

POR AMADEU AMARAL

A importância da língua como factor de coesão da nacionalidade já não é negada, em these geral. Mas isto não basta. Affirmações vagas valem quasi tanto como erronias chapadas. Ellas têm o grande inconveniente de se prestar a todas as fantasias dos imaginativos e a todas as acrobacias dos apaixonados... Se todos estão de accôrdo em que a língua é um factor importante, são entretanto infindaveis as discordancias acerca das "razões" dessa importância e sobre o seu "grau" em relação aos outros elementos de formação nacional. Coar e fixar algumas idéas sobre este assumpto difficil, — poucas embora, mas claras e bem travadas, — constitue, de certo, esforço para ser olhado com sympathia. E' o que se faz no fragmento abaixo, em que se encara o aspecto psychologico da questão. Este fragmento pertence a um largo estudo sobre "NOSSA LINGUA — sob o ponto de vista nacional".

A língua, tal como ela é, tosca ou graciosa, rude ou culta, com todas as suas imperfeições e todos os seus encantos, com todas as suas variações no tempo e no espaço, consoante as épocas e os meios, a língua é a manifestação mais extensa e mais profunda da alma multiforme de uma nacionalidade, porque é a obra anónima, colectiva e inconsciente de inumeráveis gerações.

A glotologia tem abandonado aos filósofos a questão da origem da linguagem, pois, como já observava Darmesteter ha quarenta anos, dentro dos seus metodos não se encontram meios de resolver o problema. Em todo o caso, é talvez mais do que uma simples conjectura a ideia de que as raizes das artes vão pelo menos tão longe quanto as da linguagem, pois todas nasceram da mesma necessidade primordial de comunicação entre os homens. As artes, como a linguagem, são talvez meras

diferenciações do mesmo facto inicial, visto que o homem, quando começou a fazer-se entender de seus semelhantes, se utilizava ao mesmo tempo da mimica e do ruído imitativo, semeando com os germens da linguagem os da música e os da dança...

O facto, porém, é que, observando-se uma língua constituída, em qualquer período de sua evolução, ela pôde ser considerada como o mais significativo dos productos colectivos. Não só é menos vago do que as artes, cujas obras constituem expressões fatalmente imprecisas, dirigidas mais ao sentimento do que á intelligencia, como ainda, na marcha das reacções mutuas, ele envolve, penetra e domina com a sua influencia todas as artes, assim como todas as outras manifestações da vida social — instituições, governo, historia, religião, moral, etc.; de tal modo que se pode conceber uma língua que mal tenha recebido os reflexos de qualquer dessas outras manifestações mas não se concebe uma dessas manifestações sem o influxo permanente, energico e criador da língua.

Acresce que, á medida que a civilização avança, todas essas manifestações do espirito humano vão recebendo de mais em mais o cunho da acção pessoal, voluntaria e reflectida, e tornando-se numa obra, ainda colectiva embora, mas não já comum a todo um povo, e não já anónima e inconsciente como o idioma. Na historia das criações institucionais e artisticas o poder de determinadas individualidades é claro e forte, ao passo que a colaboração activa e directa da comunidade é nula ou quasi nula. É nunca tendo havido genio que conseguisse libertar-se da língua que a comunidade criou, tambem nunca houve possança intellectual que pudesse exercer sobre ela nenhuma influencia superior a um simples aperfeiçoamento na "maneira" de jogar com os materiais existentes. Fazendo notar esta verdade, Camille Monier cita o exemplo de Augusto Comte: "este pensador, que tantas ideias agitou", não introduziu no francês mais de dois unicos vocabulos: *sociologie* e *altruisme*.

Compreende-se logo a importancia da língua como elemento de coesão nacional. Esse carácter de formação colectiva, obra de todos para uso de todos, na qual todos colaboram e da qual ninguém é autor, implica necessariamente um liame em que se entrelaçam todos os individuos de uma nação, desde os mais altos até os mais humildes. O linguajar do analfabeto mais bronco, tão distanciado da prosa repolida e rebrilhante de um Ruy Barbosa, é, essencialmente, a mesma cousa que ela. Com esse mesmo instrumento, o homem douto e o ignorante podem entender-se um com o outro á vontade; e se o ignorante apreen-



de para seu uso algumas expressões do douto, este, não raro, para dar vigor e graça, para dar um boleio e uma côr sugestivamente vernaculos á sua prosa, se serve á larga de termos, de locuções, de imagens, de modismos apanhados, na plena força do seu encanto nativo, á boca do povo inculto.

Essa constante troca é possível porque ha um fundo psicológico *nacional*; mas essa propria psicologia nacional, em grande parte, é ainda um producto da lingua. As acções e reacções mutuas são inextricaveis. A linguagem *que todos falam* não é o instrumento do pensamento puro (e pensamento verdadeiramente puro de contaminação sentimental só se encontrará na matemática), mas o instrumento do pensamento como êle é na realidade viva: todo embebido de subjectivismo, todo molhado de emoções e de sensações. Uma porção dessas emoções e sensações são individuais e intransmissiveis: ninguem poderá jamais perceber todas as minhas associações intimas, tudo quanto eu sinto quando pronuncio uma simples frase de despedida endereçada a um amigo: "Até um dia !..." Mas todos, conforme a entonação, conforme o gesto, conforme a expressão do rosto, conforme as circunstancias, todos apreenderão uma parte do que eu experimento, porque em todos a mesma frase vai acordar uma vaga, mais ou menos forte, de movimentos semelhantes. As entonações, os gestos, o jogo fisionómico não são os mesmos para todos os povos. Baste, como exemplo, a mímica variada e a sonoridade viva com que os italianos falam: meios expressivos tão diversos dos que nós são habituais, que freqüentemente nos induzem a erros como o de tomar uma expansão de affecto por uma explosão de cólera... Aquela mesma frase, lida, independentemente de qualquer entrecho que lhe dê todo o valor, não precisará de mais que um ponto de exclamação e reticencias para repercutir de uma modo especial no fundo das almas brasileiras, ainda que longinquamente, num fugitivo lampejo de melancolia e de saudade. E' por via de factos desta ordem, — é por causa dos valores subjectivos lentamente associados, em cada povo, aos sinais de ideias de que êle se serve, — que as traducções perfeitas são impossiveis em literatura.

A lingua constitue, pois, um liame moral entre os seus naturais, e um elemento de coesão nacional, pelo simples facto da sua formação psicológica. Considere-se agora a força que esse elemento adquire, quando a lingua é tambem escrita.

A forma grafica é uma das forças conservadoras da lingua: ela retarda, sem a anular, a marcha dos factores revolucionarios. Dando aos vocabulos um corpo visivel, põe em jogo todo o me-



canismo das impressões visuais, das imagens visuais, da memória visual, das associações visuais — cria mais uma serie de laços entre o individuo e a sua lingua.

Scripta manent:— a forma grafica permite que o homem possa examinar a propria linguagem, que já não é uma simples successão fugitiva de vibrações; surge então a necessidade de regular a escrita, de impôr normas e regras à representação grafica dos vocábulos, normas e regras de mais em mais sistematicas. Essa disciplina, dando maior fixidez às formas orais incertas e mudaveis, cujas gradações, em séries duplas, se desenrolam pelo território do idioma e se encadeiam através do tempo, torna menos rápida e menos obscura a obra vivaz e cega da evolução e susta o pulular desenfreiado das diferenciações dialectais. Este efeito, ela não o consegue sem perpetuar tambem, à mixtura, numerosos erros. Mas, em compensação, que enorme beneficio sob o aspecto do interesse social, do interesse nacional e do interesse supremo do progresso humano!

A escrita acarreta a literatura. E' outro elemento conservador. Conserva melhorando.

Como já ficou dito, nenhum individuo, por mais genial que fosse, conseguiu jamais modificar sensivelmente a lingua dos seus compatriotas. Criasse embora dezenas de neologismos sapientissimos, "bem formados", "expressivos", "sonoros"! Esses neologismos, as mais das vezes, ou ficaram fechados na obra do autor, ou adstrictos ao uso limitado de meia duzia de literatos. E quando o escritor conseguisse tauriar a lingua corrente e comum com uma centena, que fosse, de palavras do seu fabrico, o que representaria essa centena de gôtas de agua naquele oceano? E releva notar que a função inovadora dos individuos está quase inteiramente circunscrita ao vocabulario: ninguem teve ainda, que se saiba, o poder de introduzir uma só unidade notavel na sintaxe, ou, sobretudo, na morfologia.

A acção da literatura sobre a lingua é global, e o seu efeito é puramente conservador e aperfeiçoador, — aperfeiçoador no sentido de que se reflecte no falar do vulgo, tornando-o, além de mais firme, tambem mais regular, mais claro, mais polido, enriquecendo-o de mil reminiscencias historicas, estéticas, eruditas, impregnando os vocábulos velhos de sugestibilidades novas, através de uma abundancia crescente de associações de ideias.

A literatura é, pois, como a linguagem escrita em geral, uma extraordinaria força avigoradora do poder coesivo do idioma. Mas a sua acção não se limita, bem se sabe, á economia da *lingua*. Quer dizer: por meio dela, a lingua não se conserva e não



se aperfeiçoa apenas como liame entre contemporaneos; por ela, a lingua constitue-se, independentemente de qualquer aperfeiçoamento, numa especie de memória nacional, e é um liame entre as gerações. Os seus arquivos escritos ligam-nos ao passado da nacionalidade: toda a historia dos nossos predecessores, lutas, sofrimentos, vitórias, ideias, esperanças, crenças, tudo se perpetua, tudo revive, tudo continúa a agir indefinidamente através dos tempos. Ligam-nos tambem ao futuro do nosso povo. Por ela temos a certeza de que continuaremos a viver: de que os impulsos do nosso ser, que hoje determinam os nossos gestos e as vibrações da nossa voz, continuarão tambem indefinidamente a agir, espiritualizados, irradiantes, pelo tempo fóra, entrando por parcelas infinitesimais nos impulsos generosos de outras almas irmanadas á nossa.

E quer a nossa natureza que isto seja uma casta de consolo— pensar que daqui a muitos anos, longinquamente, quando não restarem de nós senão granulos dispersos de um pó esquecido, ainda estremecerá talvez qualquer coisa da nossa alma no gesto excelente de alguém que ensine, que conforte, ou que perdôe...

Pela lingua cada individuo, desde que aprenda dos labios maternos a primeira balbucie, se torna desde logo, antes que tenha consciencia de si proprio, numa célula de um grande organismo pre-existente, se incorpora nos caracteres diferenciais de uma grande entidade inconfundivel.

A lingua é um producto social, na frase de Durkheim, "superior e exterior" ao individuo. Este está para ela quasi como a gota d'agua que a torrente leva no seu seio. Costuma-se dizer que alguém *maneja* o seu idioma com habilidade ou com elegancia: sob outra luz, não seria usar de uma imagem menos justa o dizer-se que a lingua é que *maneja* os individuos, instrumentos passivos e transitórios da sua vitalidade permanente.

Dentro da lingua se forma o espírito de cada um: êle é prisioneiro d'ela. Com a lingua, que lhe é imposta, que êle não escolhe, que êle não pode voluntariamente modificar, lhe são impostos, nas mesmas condições, os materiais que hão de formar a íntima trama da sua personalidade moral. E depois, por mais alto que vôle, jamais se libertará, pela mesma razão de que ninguem se liberta de si proprio.

Só lhe restará um recurso: quebrar violentamente todos os laços, calar a própria lingua, esforçar-se por esquecer-la, aprender e adoptar uma lingua estrangeira. Para tanto precisará mudar de terra, mudar de costumes, olvidar a familia, os antepassados, os amigos, as leituras feitas, apagar todo o substracto de



impressões que se lhe acumulou nas entranhas do ser durante a permanencia nos ares natais, no seio da sua gente, na atmosfera histórica, literaria, moral e afectiva da patria: em suma, terá de se *despersonalizar* e de se *desnacionalizar*.

A lingua é a propria nacionalidade.





R O L A N D O

POR MARTINS FONTES

*J*UNTO a São-João-a-Par-do-Porto-em-Roncesvalles.
No outono. A tarde canta! Em mil reflexos louros,
O amarelo incandesce os bosques europeus.
Rolam, a remugir, as cachoeiras nos valles,
Reboando nos grotões, pelos arrampadouros
Dos Oceanicos Pyreneus.

*V*indos da Iberia, rumo ao norte, de aeroplano,
Parámos, para ver a escarpada collina
Onde expirou, depois da mais negra matança,
Rolando, heroe da raça e christão sobrehumano,
O immortalizador, na Illiada latina,
Destas Thermopylas de França!

*R*oucamente, através do silencio profundo,
O gado a recolher, soam, a quando e quando,
As trompas dos zagaes, pelos ermos sem fim.
E Rolando eu suppunha ainda ouvir, moribundo,
A assoprar, com fereza, os pulmões rebentando,
No alvo olifante de marfim.



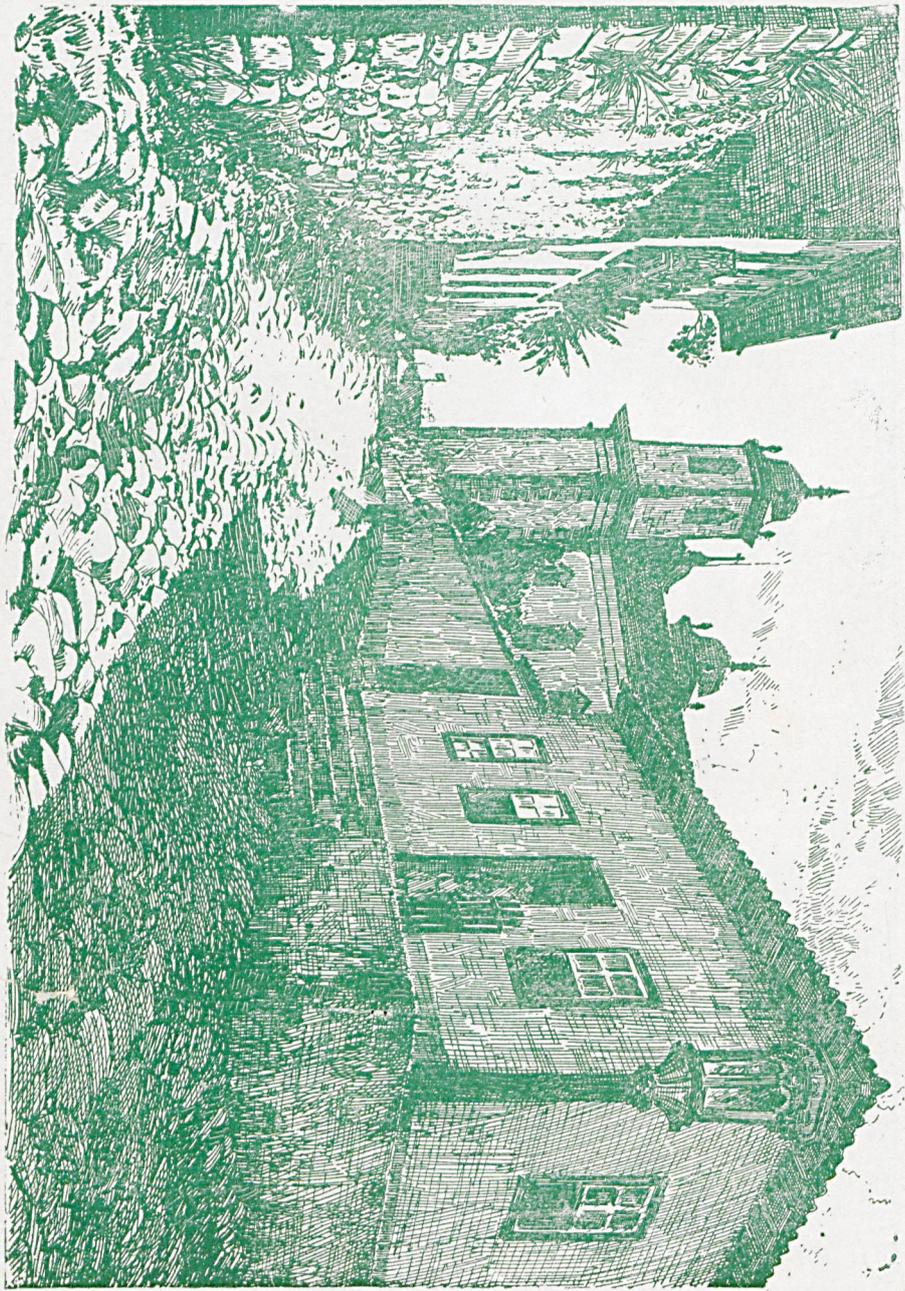
cm
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

unesp

O VELHO BRASIL



Pico do Itacolomy — Ouro Preto, Minas



O VELHO BRASIL.

Caeté — Minas

O GENERO EUCALYPTUS

(Artigo no texto)



EUCALYPTUS:
Cornuta *Eugenioides* *Conica* var. *Baueriana*
Baileyana *Occidentalis*

O GENERO EUCALYPTUS

(Artigo no texto)



De nat. per O. Vecchi.

EUCALYPTUS:

Rostrata
Globulus

Calophylla

Terebinthina
Citriodora

litterario e caracteristicos, na distincção de temperamento artistico e de processos estheticos.

Torna-se um prazer intellectual evocar emoções como as que produz a leitura das obras poeticas de Theodore Banville, Sully Prud'homme, François Coppés e Ed. Grenier. E maior intensidade de gozo assume a tarefa de estudar a producção de poetas divergentes na fórma e nas ideias, heterogeneos na sensibilidade e poder emotivo, afim de preparar a synthese de juizo critico, definindo-os em rapidos traços de penna.

Foi o que me succedeu nestes escorços litterarios, ao esboçar as figuras de Bazilio da Gama e Claudio Manoel da Costa; ao classificar os vultos de Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Teixeira de Mello, Gonçalves de Magalhães e Fagundes Varella e, entre os modernos, ao estudar poetas como Adelino Fontoura, Luiz Murat, Filinto de Almeida, Raymundo Corrêa, Goulart de Andrade, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Magalhães de Azeredo, Lucio de Mendonça e Augusto de Lima.

Cada qual com sua feição propria, a exigir minuciosa analyse psychologica e a despertar emoções differentes e agradaveis impressões.

Augusto de Lima, por exemplo, apresenta um "facies" novo, imprevisto para quem conhece os lyricos brasileiros, mas perfeitamente nacional, tanto na essencia da inspiração quanto na espontaneidade do estro. E no proprio ambito de sua producção poetica deparamos com as feições inconfundiveis e bem caracteristicas do entusiasmo do poeta nas "Contemporaneas", nos "Symbolos" e nas "Laudas ineditas", as tres partes constitutivas do volume "Poesias".

A primeira havia o artista publicado em 1887, com prefacio de Theophilo Dias, que lhe exaltou a perfeição inimitavel, louvando-lhe a "correspondencia exacta, a equivalencia perfeita, entre a forma e o pensamento".

Ahi se encontram, bem accentuadas, as modalidades philosophica e pantheista, a interpretação da vida e o amor á natureza, como nos sonetos "A descida" e "Sceptico" e no hymno naturista "Entre as arvores".

Sylvio Romero classifica o autor das "Contemporaneas" no periodo de reacção contra o romantismo, da poesia realista, umas vezes social. Com effeito, Augusto de Lima é um materialista que se extasia perante as bellezas do universo e só comprehende o amor que gera a vida em todas as suas manifestações. Como mineiro, denota predilecção pelos themes geologicos e revela encantos pela mineralogia. As rochas, os fosseis, as minas, abysmos e vulcões; as bétas e vieiros de ricos metaes, as pedras preciosas lhe attrahem frequentemente a attenção; assim como os mineiros e cavouqueiros, ferreiros e artifices de ourivesaria merecem a sympathia do artista.

Naturalista por indole e transformista por ideias, não renegou o credo primitivo, derivado de Plinio e Darwin; antes o avigorou no livro



"Symbolos", com que proseguiu no culto á natureza, a descobrir a *anima rerum*. E, quando volve o olhar para os homens, é pessimista, como se revela nas "Estancias philosophicas"; é sceptico sempre que se refere á sociedade.

Augusto de Lima é um artista completo, impecavel na fôrma, correcto nas descripções, conceituoso nos pensamentos e iniciado na arte dos sons, pois é pianista e compositor musical.

Não possúe o gongorismo artificial de alguns parnasianos, porque sempre subordina a fôrma ás exigencias da ideia; não se deixa enlevar pelos paradoxos inchados. E' um poeta completo que possúe inflexões na metrica. Objectivista na essencia, manifesta verdadeiro fetichismo em quasi toda a obra; pantheista por temperamento, torna-se ás vezes mystico ou metaphysico; sceptico em philosophia, quando encara o ente humano, é monista para explicar a existencia do mundo organico e inorganico; consegue até ser lyrico apaixonado, como se revela em "Palimpsestos", "Noivado celeste" e "Dormindo".

Lamento não conhecer o seu poema "A vida" onde, segundo Araripe Junior, "consagra um canto á festa de recepção dos legionarios do progresso, que diariamente, de todos os pontos da Europa, irrompem atravez do Atlantico, em demanda das nossas florestas protectoras". E' imperdoavel que conserve o poema inacabado.

E' pena tambem que a magistratura, a principio, o magisterio depois e agora a politica lhe estancassem a veia poetica.

Antonio Augusto de Lima nasceu em Sabará, a 7 de Abril de 1858. Fez os seus primeiros estudos na provincia natal e com 20 annos de idade matriculou-se no curso juridico de S. Paulo, bacharelando-se em fins de 1882. Pertenceu á turma de escól, composta de Assis Brasil, Raymundo Corrêa, Valentim Magalhães, Alcides de Lima, Theophilo Dias, Affonso Celso, Julio de Castilhos, Fontoura Xavier, Randolpho Fabrino, Gaspar da Silva e outros, revelando sempre apreciavel modestia e pronunciado talento.

Tem sido magistrado em Minas, jornalista, professor de direito da Faculdade de Bello Horizonte, director do Archivo Publico e é deputado federal.

A politica afastou-o, ou, pelo menos, o distrahiu, da litteratura.

Ainda em versos, possúe um drama "Tiradentes", de que não posso fazer referencias, pois não logrei conseguir um exemplar para leitura. Faz parte do *Archivo Publico Mineiro* e vae ser desenvolvido pelo autor, para o theatro dramatico.

Como prosador, alem da contribuição jornalística disseminada pelos orgãos da imprensa mineira e carioca, escreveu: "A comarca da Capital de Minas" (duas series), trabalho com que pleiteou a sua remoção de juiz de direito da comarca de Ouro Preto, para a de Bello Horizonte; "Um municipio de ouro", memoria historica, inserta na "Revista do



Instituto Historico e Geographico Brasileiro”, acerca da freguezia de Congonhas de Sabará, hoje Villa Nova de Lima, onde se acham as celebres minas do Morro Velho, fonte inexgotavel de ouro; “A lucta colonial pela Independencia”, discurso de caracter historico; e algumas orações em homenagem a politicos mineiros, de paronympho, de recepção na Academia e conferencias litterarias.

Não é aqui logar opportuno para apreciar a acção do politico. Só me cabe externar a magua que me causa o connubio extranho do artista com a matrona seductora e prosaica, após um quasi divorcio do poeta com a formosa e inebriante Musa.

Augusto de Lima possui temperamento nimiamente artistico e permanece contrafeito no parlamento. Prova a minha asserção a escolha por elle feita de themas para os seus discursos. Repete-se o caso de Coelho Netto, Luiz Murat, Gustavo Barroso e alguns outros.

Mas não me compete censurar actos alheios, maxime quando licitos e justificaveis. Limito-me, por isso, a lamentar o transvio e a fazer-lhe o appello de volver á actividade litteraria.

Ultimamente o poeta tem se dedicado ao estudo de questões de limites interestadaes, como delegado ou advogado do Estado de Minas.

Que não olvide os encantos das duas musas, no enlevo pela coquette fascinante, são os meus votos sinceros.

Será remida a sua culpa, si concluir o poema em preparo e volver aos seus primeiros amores, embora mantenha a ligação adulterina.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A geração privilegiada — Primeiros symptomas do genio artistico — As Contemporaneas e os Symbolos — Posição do poeta entre os coevos — Caracter de sua musa — As ultimas produções poeticas — Estanca-se a fonte da inspiração — O orador — O magistrado e o professor — Campanha de civismo — Tributos á historia — Maldita politica.





J. F. Oliveira Vianna: POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL. Edição da "Revista do Brasil", S. Paulo, 1920.

Ainda nos domina o prestígio dos grandes homens e das hecatombes sociaes. Alexandres e Cesares, Cromwells e Bonapartes, os idolos da humanidade. Consagra-os Carlyle. Santifica-os Augusto Comte. Brasileiros, quizeramos nossa a Revolução Franceza, nosso o Imperio Romano, a Revolução da Inglaterra, a epopéa napoleonica... Para os males nacionaes — um heróe e uma catastrophe. Para a transformação da sociedade — a subversão theatral do mundo á russa, com Lenines e Trozskys...

Entretanto, "as verdadeiras alterações historicas não são as que nos enchem de espanto pela grandeza e violencia; as unicas mudanças importantes, das quaes provém o renovamento das civilizações, operam-se nas ideias, concepções e crenças." E' a lição de Le Bon, apprehendida do renovamento da sciência sob o criterio naturalista. Assim como a historia das especies, não a explicam os cataclismas de Cuvier, tambem a historia dos homens não se aclara nas revoluções e nos heróes, expoentes apenas de forças mais complexas: a formação de no-

vas condições de vida e pensamento, a destruição de crenças religiosas, politicas e sociaes.

Entendeu-o muito bem F. J. Oliveira Vianna, que com extraordinaria clarividencia de sociologo e perfeita segurança de historiador apprehendeu o mais notavel, o mais completo, o mais lucido e nitido dos nossos estudos nacionaes. Logo á primeira pagina, propõe-se exactamente "investigar na poeira do nosso passado os germens das nossas ideias actuaes, os primeiros albores da psyché nacional". Dahi, a sua concepção da Historia e da nossa vida contemporanea, concepção verdadeiramente bella e, demais, intelligente, profunda, incontrastavel. Na "poeira do passado" mergulhou elle e, ao vêr, na época da colonisação, formar-se para as nossas raças fundamentaes um meio novo, pode surprehender os "germens das nossas ideias e concepções."

A' parte os chronicons estafantes, a paleographia prolixa, com todas as suas datas e acontecimentos, os seus heróes e as suas guerras. De tudo, apenas o espirito, a intelligencia dos factos, a margem da historia, illuminada pela comprehensão... Nenhuma rebellião: puro anonymato. Sabe Oliveira Vianna que o homem é, as mais das vezes, um manequim

movido pelo acaso. Os proceres da Revolução transfundem-se, na era napoleonica, em méros burguezes afidalgados. O bom exito dos conspiradores depende de circumstancias fortuitas: aguerridos exercitos capitulam sem saber porque nem como. A Inglaterra, que ha pouco levou a Westminster, tomado ás cegas, um cadaver anonymo cahido em campanha, reconhece a impotencia do individuo ante a fatalidade do determinismo historico. A França, acompanhando-a, ao recolher ao Pantheon um "poilu" do Marne, referenda a theoria. O individuo é contingente. A verificação das possibilidades psychologicas — clara durante as convulsões sociaes — decreta-lhe a fallencia.

Que resta então?

Resta a raça, restam os antepassados que em numero e força ascendem em proporção geometrica, a ideia e o subconsciente, o meio e as circumstancias, para que a Historia se construa.

Existe o grande homem, certamente. Na theoria do cabotino de Cousin, na do homem-deus de Hegel ou na do genio de Carlyle, é factio que elle se revela, porém, não mais do que como a expressão abreviada e consciente de inconsciente conjuncto.

Assim, sem duvida, pensa Oliveira Vianna, o brilhante e vigoroso iniciador da nossa philosophia da Historia. Preferindo ao littoral, palco pomposo de nossa vida historica, os bastidores da vida interior e rural, onde, em ultima instancia, se elabora a nacionalidade; sobrepondo aos factos a causa delles e aos homens a sua formação social; pre-

terindo a sumptuosidade da vida politica para eleger a obscura, porém, magestosa vida social e economica, como nossa ultima razão de ser — é o sociologo e o philosopho, que inaugura no Brasil o unico estudo capaz de nos dar consciencia de nós mesmos. O seu livro — *Populações meridionaes do Brasil*, decididamente, marca uma época. Na historia mental do paiz não ha o que se lhe compare. Apenas Silvio Romero, em parcellados ensaios, aliás, notaveis, o precede como o precursor, que, aqui e alli, sem nenhum quadro de conjuncto, indica o caminho agora sabiamente assignalado.

O aparelho scientifico, entretanto, para a feitura de tão bella e extraordinaria obra, ha muito aguardava o obreiro intrepido que o manejasse no Brasil. O evolucionismo invadiu todos os departamentos scientificos, acarretando a transformação dos estudos, o desbravamento de novos terrenos, a descoberta de novos veeiros e filões de ouro para a intelligencia das coisas. A anthropologia, a sociologia, a psychologia, quer associadas e combinadas entre si, dando logar a novas sciencias, quer approximadas a outras, refundiram e, sob novas bases, restauraram a geographia e a historia. Uma a uma, as raças assim vêm sendo estudadas e os povos, um a um, as proprias sub-raças e mesmo as pequenas communitades regionaes merecem attento, minucioso estudo. Outra coisa não faz a escola de Le Play. Dividindo os povos não só pelas raças mas pelo genero de vida, particularista ou communitario e, mais além, pelos meios e modos de trabalho, conforme a sua occupa-



ção agricola, pastoril ou industrial, observa-os no trabalho e ahi os comprehende em sua existencia e em sua historia.

No Brasil, pois, era para termos no minimo uma dezena de estudos semelhantes. Os nossos vinte Estados podem dar mais de vinte, sub-dividindo-se em regiões. Entretanto, nada.

Assim, a obra de Oliveira Vianna não é menos que gigantesca: a reconstrucção, por um só homem, de um monumento que é o conjuncto de algumas dezenas de edificações.

Quaes os principios em que se baseou? Os de Lapouge e Ammon, com o seu exclusivismo dogmaticamente assentado nas leis da hereditariedade e selecção? Ou os de Le Play e seus discipulos, com a sua larga comprehensão, o seu criterio empirico e racional e o seu conceito da relatividade? Prefere as razões anthropologicas ou os factores mesologicos?

Passando rapido sobre a questão ethnica, detém-se com amor no estudo das condições locais de vida, da formação economica, da organização da familia, da expansão desta, da coordenação dos movimentos sociais. Para Oliveira Vianna o brasileiro não é tanto o producto de tres raças como o é da fazenda e do engenho. São os fundamentos de nossa Historia. Na fazenda é que nascem as bandeiras; della é que sahem os novos povoadores, os descobridores e os guerreiros. Nella, a aristocracia primitiva, com a sua auctoridade politica. Nella, ainda, a olygarchia do Imperio que promove a Independencia e sustenta os dois reinados. A propensão do auctor pa-

ra os adeptos da sciencia social é decidida. Ensinam elles que o progresso "só pode produzir-se, de um modo regular e continuo numa sociedade baseada nos seguintes principios: larga autonomia do particular, estabilidade da familia, pratica assidua de varios trabalhos, apertada limitação dos poderes da auctoridade central."

Ora, Oliveira Vianna não faz senão destacar a cada momento cada uma dessas forças elementares, acompanhando-as em suas crises de hipertrophia ou de declinio: plethorico, o fazendeiro vicentista se faz bandeirante e a historia se illumina; fraco e anemiado, desaparece e eclypsa-se tambem o nosso brilho historico; estavel a familia, assim como se perpetua a aristocracia, a plebe se forma ao seu lado, até que, sem a quebra da estabilidade, se nivelam ambas no alto.

Melhor não podia ser a orientação. E a execução, methodica e solida, sem um ponto fraco, nada deixa a desejar. *Populações meridionaes do Brasil*, o primeiro de uma serie de livros, é a mais nitida projecção do desenvolvimento historico do paiz. Sem o lêr não fazemos ideia do que somos.

E' a obra que ha de ser classica na literatura sociologica do Brasil.

Goffredo: A FADA NŪA, poema. Casa Editora "O Livro", S. Paulo, 1920.

No "Canto de Daphnis" a condessa de Noailles escreveu:

Ne reste pas distraite ainsi, le plaisir veut
Que lentement l'esprit l'observe et le
Iconçoive,



Et que le pied soyeux, l'épaule et les
 [cheveux
 Autant que le regard et les lèvres le
 [boivent.

Estes versos admiráveis poderiam constituir o portico d'*A Fada Nua*. Nada melhor resume o pensamento que lhe presidiu a composição. E' assim que Goffredo, concebendo o prazer, concebe o amor: a mais completa e perfeita integração do ser em transe que tanto tem de espiritual quanto de physico. Quer-se o prazer observado e lentamente concebido pelo espirito e tanto gosado pelos labios e pela vista quanto pelos hombros, pelas mãos, pelos cabellos. E' que o desejo não se aventura senão

...vers l'esprit soumis qui se laisse envahir
 Et dans son miel cuisant languissamment
 [s'attarde.

Percorram-se as paginas do poema e outra concepção não nos surpreenderá. Tudo 'alli são minudencias de amor, circumstancias de prazer, espiritualisações da materia, na mais alta medida.

Paginas de volupia, gravadas a fogo, fez mal em traçal-as?

Daphnis que responda:

Que reste-t-il aux morts, sinon d'avoir eu
 Un moment de la vie et de l'éternité,
 Quand le corps attentif et l'âme par
 [saccades
 Atteignent á la volupté?...

E na verdade. Porque, pois, lhe censuraremos a intrepida coragem de ser sincero e veraz?

Essas, a sinceridade e a veracidade são as virtudes basicas da *Fada nua*. O auctor teve a coragem de

se nos mostrar tal como é, romantico e sensual, lyrico e erotico. Já não é pouco. Quem arrostaria assim o nosso ambiente de scepticismo e impassibilidade, de frieza e provincianismo? Pois não sómente o arrostou como o fez da mais bella e graciosa maneira.

Goffredo não é apenas romantico. Como este livro, colloca-se entre os mais modernos poetas, aquelles que, abandonando escolas e entregues a si mesmos, soltam redeas á propria individualidade e renovando a comprehensão do classicismo, merecem ser chamados ultra-romanticos. Não toma attitudes. Não visa este ou aquelle effeito. Péga o leitor pelo braço, fal-o sentar-se ao pé e se lhe confessa. Conta-lhe todas as doces futilidades do amor, peccados mentaes e imaginarios attentados. Cada uma das pequeninas sensações de namorados vale uma criação poetica: um perfume que passa, um lenço que cahiu, uma palavra que não foi dita, recordações ligadas a uma gravura, uma entrevista que falhou, sedas e linhos que se não rasgam, uma nudez tão bella que escandalisa as quatro paredes de um quarto solitario.

Não ha mais na poesia de Goffredo. Eis tudo. E que mais? Não está ahí, inteiro, o amor? A psychologia affectiva não vae além. Seja o homem um genio, seja um rustico, viva para o espirito ou viva para a acção bruta, sente e ama de uma unica maneira. Serão as differenças de intensidade; de qualidade, não. E a *Fada nua* freme intensamente. Realisa o ideal da universalidade dentro da personalidade. Mais, ou menos, segundo a capa-



cidade emotiva, reconhecemo-nos dentro della.

Mas, com ser vulgar o amor, vulgar não é esta poesia. Debalde procuraremos nella generalidades insulsas. Em vão, o inexpressivo da phrase, o logar commum da imagem. Na simplicidade de versos que, por si, ás vezes nada valem, sobrenada o espirito do conjuncto, a vivacidade da ideia que irrompe, emfim num remate forte e quasi sempre graciosissimo. Muitas vezes, é esta ideia final que vivifica toda a poesia e, só depois de apanhada, se diffunde por inteiro a significação.

Que mais gracioso final que o daquelle idyllio frustre e no emtanto esplendidamente descripto? Depois de uma noite de vigilia, noite que

Foi uma longa festa, cheia d'ella,
Tão cheia, tão vasia!...
Tudo termina. Vi, pela janella,
Que a noite já morria.

E ella não veio. A decepção é completa. Então,

Tomei meu ar de indifferença
E murmurei: "leviana!".

Já se viu mais bem expresso o despeito do namorado mal correspondido? Deixal-o a noite inteira á espera é, decididamente, uma levianidade.

Outro exemplar de finissima graça: "Confiança". Em forma de dialogo de que se ouviu apenas um dos interlocutores, protesta-se confiança na promessa feita, para, afinal, depois de mil juras, concluir-se:

Prometteste!... Mas ouve... esta mesma
[promessa
Não a fizeste a mais ninguem?

E' a incerteza, o anhelante desejo de crêr, a necessidade mesmo, em lucta com a desconfiança, o medo, a suspeição. Juramento e perjurio, eis o gracioso quadro intimo.

No mesmo genero, "Intimidade". O par está só, na sala. Ninguem os ouve. Ella pode falar de tudo: de um livro ou de um romance, de viagens e paizes, bailes e vestidos. Fale de mil coisas, mas não fale de amor.

... Por que de amor? E depois, francamente
Creio que entendes mais de festas e
Ivestidos.

Está retratada a levianidade feminina. Festas e vestidos, a essencia. O amor e o resto, corollarios fataes e inconscientes. De vestidos e festas ella entende. De amor, não, porque é instinctivo e insopitavel.

Surprehede agradavelmente este tom de galanteio e familiaridade, tão raro em nossos poetas, mesmo nos melhores, nos mais inspirados e applaudidos. Constrangem-se todos na attitude. Os nossos mais perfectos lyricos têm excessiva a theatralidade emphatica. Temem a ingenuidade. Prendem-se ao protocollo rigido. E' raro romper alguém a etiqueta mental que os embaraça.

Já nos primeiros poemas de Alberto de Oliveira notava José Verissimo o constrangimento, ressaltando, aliás, uma ou outra peça em que o auctor acquiescera em chegar-se a nós, familiarmente. Na *Fadánua* esse gesto, como vimos, se accentua-se mais do que o pudemos mostrar. E' preciso lêrem-se — *Decepção*, á pag. 59, *Confiança*, á pag. 89 e *Intimidade*, á pag. 97 — lêl-os de começo a fim para

que se apanhe o alcance da nota final que os caracteriza.

Mas — dirão — a ingenuidade...

Ora, não seja poeta quem não queira ser ingenuo. Seja-o quem dessa fraqueza possa fazer, exactamente, a sua força. A ingenuidade é o fundamento. Sem ella não ha imaginação, não ha poesia, não ha criação possíveis.

Eis aqui um soneto que é um encanto de amor ingenuo:

Ando a pôr mil segredos no que faço.
Ninguém me viu partir. Parti sósinho.
E fui revêr, parando a cada passo,
A fonte, o bosque e as sébes do caminho.

Pensei em ti. Pensei em teu abraço.
Pensei tambem nos dias que adivinho;
E estremei, por vêr em todo o espaço,
Uma expressão de enlevo e de carinho.

O bosque; a fonte; o grande céo tranquillo!
E a saudade de ti. E em tudo aquillo,
A luz do sol que ao longe se consome.

Pairava em tudo teu aroma ausente...
E então, d'olhos fechados, lentamente,
Quasi com medo, balucei teu nome.

Não ha nada ahi dentro? Ha, sim.
Ha um mundo psychologico. Apenas,
esse mundo é feito de mil nada-
das. Mas, culpa não é do poeta...

Goffredo é o grande psychologo do amor. Ninguém como elle aprofundou tanto a analyse das nossas sensações e emoções perante o outro sexo. Como, pois, deixaria de ser sensual? Só, si se contentasse com a superficie lyrica. Mas, todo lyrico esconde um erotico e só o comprehendemos bem quando desvendamos o outro. Assim, si tão bem planou

á flôr dagua, melhor desceu ao reino das nymphas e naiades, para só emergir em pleno paiz das não menos desnudas dryadas e oreadas. Não se contentou com a flôr; quiz o proprio fructo. Só a flôr é bella? Mas, sómente o fructo é prohibido. Só elle, essencial. O psychologo não podia parar a meio caminho.

A feição psychologica da *Fada Núa* não está simplesmente na sensualidade, é claro, porém, na forma clara e nítida em que são vasadas as observações do poeta. A psychologia é, si quizerem, o cahos em que todos mexem. Será uma burla, talvez. O psychologo é que nunca será cahotico nem charlatão. Ha de ser muito limpido, muito agudo para ser profundo e sincero. Goffredo o é.

Todo o livro ahi o prova. "Quer o prazer que lentamente o observe e o conceba o espirito..." E elle o observa e concebe assim. Submisso, o espirito de sua musa deixa-se invadir pelo desejo audaz e, no seu mel ardente e acerbo, languidamente se demora.

Porque?

Porque, em verdade, não nos restará nada um dia, senão o termos sido um momento da vida e da eternidade, quando, espectante o corpo e impetuosa a alma, attingimos á suprema integração da personalidade.

Concepção pagã de um romantico, agradeçamos ao poeta a renovação que nos deu do lyrismo ao subvertel-o pela base. Soube fazel-o. Absolva-o a belleza que creou.



Alvaro de Carvalho: ENSAIOS DE CRITICA E ESTHETICA. Imprensa Official, Parahyba, 1920.

O sr. Alvaro de Carvalho, que, na Parahyba, com outros moços de talento, não desdenha dos bons estudos e da produção intellectual, compilou os ensaios que sobre varios assumptos tem produzido sob a fórma de artigos e conferencias. Os temas preferidos por nossa gente, como a idade media, a arte christã, a escola do Recife, o superhomem, correntes literarias e outros, suggeriram-lhe paginas interessantes, reveladoras de um espirito culto e bem orientado.

Esperamos que o auctor nos apresente logo obra mais solida que simples collectaneas.

Francisco Barroso: MARINA. Typ. Economica, Parahyba, 1920.

O sr. Francisco Barroso, auctor de varias comedias representadas com successo em theatros do Norte, apresenta-nos em volume de cerca de cem paginas a sua comedia *Marina*, em dois actos, acompanhada da peça do mesmo genero *Gervasio, o Diplomata*.

E' innegavel que o sr. F. Barroso tem qualidades de dialogação facil e natural, aproveitaveis em scena. Pena é que não cuide um pouco da linguagem, cujo cunho popular não desculpa as maculas que a afeiam.

Principalmente, o auctor precisaria... theatralisar as suas peças, que não passam de um só dialogo de começo a fim: não têm enredo, nem situações.

Renato Sá Brito: MUNICIPIO DE PASSO FUNDO. 1920.

Afim de propagar o conhecimento do municipio de Passo Fundo, o sr. Renato Sá Britto fez editar um folheto contendo detalhadas informações e dados estatísticos, a respeito daquela circumscripção municipal do Rio Grande do Sul.

Agostinho Campos: ANTHOLOGIA PORTUGUEZA—Frei Luiz de Sousa e Herculano. Ailaud & Bertrand, Lisboa, 1920.

Sob a direcção do sr. Agostinho de Campos apparece a *Anthologia Portugueza*, optima collecção de livros em que se reúnem as melhores paginas dos classicos da lingua.

Estão publicados os bellos volumes referentes a Frei Luiz de Souza e Alexandre Herculano.

POR PROTESTO E ADORAÇÃO (polyanthéa). Gremio Euclides da Cunha, Rio, 1920.

O Gremio Euclides da Cunha, associação de moços que se reúnem para o nobre culto á memoria do grande escriptor d' "Os sertões", editou em volume de cerca de trezentas paginas os valiosos estudos euclidianos de Alberto Rangel, Escragnolle Doria, Roquette Pinto, Coelho Netto, Afranio Peixoto, Basilio de Magalhães, Araripe Junior, Sylvio Romero, Felix Pacheco, Oliveira Lima e Adalgiso Pereira.

João de Oliveira: PRO PATRIA. Rio, 1920.

O sr. João de Oliveira reuniu em livro os seus artigos sobre o



kaiser, o militarismo e a guerra, publicados na imprensa, durante a guerra.

BRENNO FERRAZ.

Benito Lynch: LOS CARANCHOS DE LA FLORIDA. Editorial "Patria", Buenos Aires 1920.

Benito Lynch é um novellista cujo nome merece transpor as fronteiras do seu paiz, porque fará fóra conhecer a vida rustica da Argentina como nenhum outro escriptor. Os gaúchos que pinta são criaturas vivas que se movem numa paisagem de relevo stereoscopico. O modo de falar, os cacoetes de linguagem, a violencia do temperamento desses homens rudes, quasi barbaros, crueis por força da vida de lucta com o gado, tudo resalta com estranha vida nesta novella verdadeiramente primorosa. Cada personagem é um typo documental porque desenhado ao vivo em traços fortes, notaveis pela precisão.

D. Pancho — desenvolvimento de um typo já fixado no Mayor, da "Raquela", essa encantadora novel-

la que se lê de um folego — e Pancho, seu filho, Sandalio e Marcelina, Cosme e Bibiano são puras creações cujo caracter grava-se nos para sempre na memoria. E como Lynch possui o segredo dos romancistas authenticos e sabe compôr o quadro sem sobrecargas inúteis, numa perfeita seriação de planos, esses personagens integram-se no ambiente, formam corpo com a paisagem e dão á obra a unidade essencial ao genero. D'ahi o encanto da novella. Sua leitura faz-nos viver intensamente umas horas em pleno campo argentino e comprehender a psychologia das estancias, a alma dos homens e das coisas.

O estylo é pessoal, incisivo, enxuto, sem arrebiques ou phrases feitas. Percebe-se que o autor sente o assumpto e fala do que viu e observou — do que viu e observou com olhos argutos de artista requintado. Sua arte lembra a de Godofredo Rangel que é a mais pura e a mais documental de quantas possuímos no Brasil.

M. L.



Recuerdo indeleble es! —
Una mañana, en "Green Park,
"There's the Brazilian Monarch,"
Me dijo un amigo inglés.

Ansia de verle me excita;
Mas ni una insignia real
Miro en redor... — Cuál es, cuál?
— Aquél de negra levita —

Y apuntaba hacia un anciano
Sin palaciegos ni corte,
Alta la talla, y el porte
El de un patricio romano.

Viendo estoy al gran Don Pedro!
Cuánta majestad de veras!
Emula á nuestras palmeras,
Emula al vetusto cedro.

Allí va en la mutlitud,
Sin dar de quién es indicio,
Cual pasa al lado del vicio
Ignorada la virtud.

El suave rostro le alegre
Expresión ingenua y franca,
Flóta la barba blanca
Sobre la levita negra.

Y el que ahí va, meditando,
Es el Monarca (me dije)
Que imperio tan vasto rige,
Arbitro de medio mundo?

Pues dónde las reales fiestas,
Dónde los arcos triunfales
Con que á las testas reales
Saludan las reales testas?

No hay ya en los palacios pompa?
Se ignora su alteza suma?
Rompió la Historia su pluma?
Rompió la fama su trompa?...

Y aclaman y dan insinia
A una voz, sin controversia,
A un sátrapa de la Persia,
A un barbaro de Abisinia!...

Es que él ve en la libertad
El ángel de luz del siglo,
En la autocracia un vestigio,
Ley divina en la igualdad.

Su voz, cristianas lecciones,
Su gobierno es magisterio,
Y su poder, el imperio,
Lo tiene en los corazones.

Pues los Reyes ó Don Pedro.
Quién es, quién es el triunfante,
Don Pedro mirando avante,
Los Reyes mirando arredro?

Quién á los pueblos reintegra
El fuero que les asiste?
El que oro y púrpura viste,
O el de la levita negra?

Dijo un pensador profundo,
Ya Napoleón sepultado,
Que en alto su traje izado,
Llamara á la guerra al mundo.

A la guerra!... Hay bién mayor?...
Pues de él gozad! y gran medro!—
La levita de Don Pedro
Llama á la paz, y al amor.

COMO D. PEDRO VIAJAVA

Como viajava Pedro II? — Se ha
ainda muita gente que já era
"gente" ao tempo do antigo regi-
men, tambem é verdade que a gen-
te dos dias presentes não tem a
mais leve idéa das excursões do
Imperador. Para estes, principal-
mente, é que reproduzimos o curio-
so programma traçado por Aure-
liano de Souza e Oliveira Coutinho
para uma visita de d. Pedro II á
cidade de Campos, a joia mais va-
liosa da terra fluminense.

Aqui vae esse documento, na sua
integral e com as letras maiúsculas
em todos os pronomes, relativos á
pessoa do monarcha:

"Programma para o recebimento
de S. M. o Imperador nas villas e
cidades por que ha de passar em
sua viagem á cidade de Campos. —
Os Commandantes Superiores da
Guarda Nacional desta Provincia,
a quem competir, darão suas or-
dens, para que huma Guarda de
Honra venha esperar S. M. o Im-
perador na divisa de cada hum dos
Municípios por que houver de pas-
sar e, ahi formada, faça ao MES-
MO AUGUSTO SENHOR em sua
passagem, as devidas honras e
continencias e O acompanhe até o
pouso em que Se Dignar ficar, on-
de permanecerá para O acompa-
nhar até a divisa do novo Muni-
cipio no dia seguinte ou quando a
S. M. Imperador aprouver partir.

Na entrada das cidades ou villas
estará formada em grande parada
a Guarda Nacional, para dar as
descargas de alegria, ou vivas do
costume e desfilar em continencia,
aguardando, depois, as ordens do
Soberano.

Os Commandantes Superiores
com todo o Estado Maior esperarão
tambem a S. M. o Imperador na
extrema do Município em que re-
sidem e O acompanharão até á
casa em que pousar, onde, depois
da parada, com toda a officialida-
de terão a honra de Lhe beijar a
Mão, se assim aprouver ao Mesmo
Augusto Senhor, e O acompanha-
rão até á extrema do outro Muni-
cipio, ou até encontrarem a outra
Guarda de Honra, e o respectivo
Commandante Superior.

As Camaras Municipaes, Juizes
de Direito, Juizes Municipaes e de
Orfãos, Delegados, Subdelegados,
e mais Autoridades, bem como os
Cidadãos, que quizerem gozar de
igual honra, virão á distancia de

hum legoa, ou mais longe, (combinando entre si) das Cidades ou Villas receber a S. M. o Imperador, apeando-se e formando alas, quando o Mesmo Augusto Senhor passar, e acompanhando-O depois até á casa em que Houver de pousar; e ahi depois da parada da Guarda Nacional comparecerão ao cortejo e beijamão, se S. M. o Imperador Se Dignar Dal-o:

A musica, onde a houver, tocará durante o cortejo, e á noite defronte da residencia do Imperador.

No dia em que S. M. o Imperador Resolver seguir viagem, as

Camaras e Autoridades, que tiverem ido receber S. M. Imperial á hum legoa de distancia, acompanharão o Mesmo Augusto Senhor até outra igual ou maior distancia, precedendo para isso o devido accordo.

Quaesquer ordens especiaes, que além destas convenha expedir, serão opportunamente communicadas ás respectivas Autoridades.

Palacio do Governo da Provincia do Rio de Janeiro, em 22 de Fevereiro de 1847. — AURELIANO DE SOUZA e OLIVEIRA COUTINHO".





DEBATES E PESQUIZAS

HISTORIA

OS DETRACTORES DE JOSE' BONIFACIO

Em artigo publicado no "Commercio de Santos", sob o titulo "O Tutor barato", o sr. dr. MARTIM FRANCISCO esclarece interessante pormenor da vida do Patriarcha, seu preclaro ascendente:

O velho José Bonifacio teve, e continúa a ter, no Brasil, muito maior numero de accusadores que em Portugal. Foi mesmo um republicano portuguez, Latino Coelho, em divulgado estudo que narra o cientista e o estadista, o professor e o soldado, o poeta e o sociologo, qum melhor justiça fez ao Patriarcha da Independencia.

Apesar de, intelligentemente, na Real Academia de Lisboa em 24 de Junho de 1819, haver declarado que, "deixando Portugal, sua patria adoptiva, breve demandaria o Brasil onde nascera, terra fadada para um grande e vasto Imperio, e onde a fundação da monarchia brasileira faria época na historia do universo", sem impecilhos obteve da metropole, em reconhecimento dos seus trinta e muitos annos de sequentes e variadissimos serviços, os vencimentos de aposentado. Isso, de Portugal. Do Brasil recebeu uma vez o exilio, e duas vezes a prisão.

Embora irrequietos, têm sido pouco assignalados os detractores de José Bonifacio: que, nas lapidações, mais se reparava na figura da victima que nos desvarios impulsivos da multidão. De quando em vez, porém, um arranjo de papeis velhos corrige o exagero desse quasi anonymato. E' o que está a succeder no fecho deste livro.

O documento "intimação feita, em 15 de Dezembro de 1833, ás onze horas da noite, no Paço da Boavista assaltado com o estrondo de armas, a José Bonifacio, de que estava por decreto da Regencia destituido duma tutoria para a qual fôra nomeado pelo pai dos tutelados", foi o derradeiro acinte com que os interesses abalados pela emancipação da colonia torturaram o já então doente, enfraquecido e envelhecido patriota. E' um documento frisante de significação.

E' de polemica esclarecedora a intenção que me induz a publica-lo. Em 1890, pesquisadoramente indignado contra os esbanjamentos da ex-Monarchia, e com a fructuosa compentencia financeira que tanto o popularisou, o alto funcionario aduaneiro A. J. Souza Botafogo, no semestre digno official de gabinete do excellentissimo ministro da Fazenda, com enorme repercussão no animo publico entregou aos louvores nacionaes um, então, liddissimo livro: "O Balanço da Dynastia". Foi, e é, no genero um inexceldivel primor. Nas paginas 11 e 12, porém, especificando as imperiaes despezas nos exercicios (eram de Julho a Julho) de 1831-2, 1832-3 e 1833-4, tres vezes repete o exigente escriptor a verba... 10:304\$000 para "pagamento da tutoria e mestres" da gente que Pedro 1.º, abdicando apressadamente sem dizer o que, deixará cá por terras brasileiras: 30:912\$000, portanto.

Enganou-se, necessariamente em exercicio de boa fé, o explicavel republicano. Enganou-se confundindo verba de orçamento da des-

pesa com a despesa realizada: que esta, nos tres indicados exercicios, de apenas 16:510\$000 foi com os menores tutelados. E eu já vou dizer porque: porque o tutor José Bonifacio não recebeu ordenados; porque José Bonifacio, pobre, recusou os doze mil cruzados que o Thesouro lhe offereceu; porque José Bonifacio, septuagenario, trabalhou de graça.

Um pouco mais de elucidação. Assentou o artigo 6.º da lei de 12 de Agosto de 1831 caber ao tutor dos imperiaes menores ordenado igual ao dos ministros de Estado; e, consequentemente, consignavam as disposições orçamentarias a verba annual de 4:800\$000 para esse servico em exercicio. Não tendo querido José Bonifacio, bem ou mal, receber dos cofres publicos dinheiro em remuneração de encargo que, mal ou bem, entendia haver recebido dum particular, cumpre aos hodiernos patriotas em disponibilidade, historiographos alguns nas horas vagas, indagar energeticamente do destino que tiveram esses 14:400\$000 que, affirmo e firmo, asseguro e juro, a familia de José Bonifacio nunca viu, e nunca procurou ver.

Onde teria ido parar essa quantia? Onde? Estava no poder o partido moderado e para se lhe reconhecer o acerto da adjectivação o documento, que publico, é mais que sufficiente. Era ministro do Imperio Antonio Pinto Chichorro da Gama, companheiro de cama e mesa de Thomé Joaquim Torres, o agente das Côrtes de Lisboa, que, já não encontrando no Rio de Janeiro as forças de Jorge Avilez, geitosamente se transferiu para a agitação nacional, guardando porém contra o Patriarcha, odio que explodia sem escolher occasião.

Incidente annexo ao processo crime intentado contra o perseguido patriota, a proposito da tutoria que lhe arrancaram, merece relembração como uma das explosões notorias desse original moderado.

Na ordem de "habeas-corpus" em favor de Bento Antonio Vahia escreveu a seguinte sentença o moderado Thomé Joaquim Torres, então juiz de paz em funcções:

"Não cumpro a ordem de fls. que me foi dirigida pelo Exmo. Presidente da Relação desta Provincia, para admittir a prestar fiança o Reo Bento Antonio Vahia, pronunciado a fs. Porquanto considerando o mesmo Reo incurso no artigo 89 do Código Penal vistos os depoimentos de fls. inaffiançavel é o seu delicto em face do art. 161 do Cod. do Processo, e como tal manifestamente contraria

á Lei tal ordem na fórma dos artigos 132 e 160 do dito Cod. Pen., e por isso illegal á vista do artigo 143. Portanto, e para que não seja punido na forma do artigo 142, seja o R. conservado na prisão em que se acha, e prosiga-se. — Rio de Janeiro 6 de Fevereiro de 1834 — Torres".

... Foi assim mesmo em 1893. Nos agrupamentos partidarios primam pela ferocidade os adherentes recémchegados. Thomé Torres moldava, com cinco lustros de antecipaço, a acquiescencia de tres conselheiros da Monarchia — Afonso Penna, Paulino de Souza e Rodrigues Alves — aos fusilamentos no Paraná, aos assassinatos em Magé e Santa Catharina.

*

Mas que mysterioso rumo tomariam esses profusos 14:400\$000, que o investigador A. J. de Souza Botafogo pensava terem entrado no bolso de José Bonifacio?

Acoimado de ambicioso por não haver recebido a violencia sem protesto, declarando que só obedecia por falta de força para reagir, foi a victima, nesse particular, amplamente defendida pela eloquente réplica do illustre Candido Ladislau Japiassu, seu espontaneo advogado:

"Que! senhores jurados! E' ambicioso o Homem, que exerceu paternalmente a Imperial Tutella sem receber o honorario de doze mil cruzados, que a Lei lhe dava: que só da caza dos Augustos PUPILLOS se servia de uma sege, porque não tinha sua, e não é ambicção a do seu successor, que recebe os doze mil cruzados e que segundo voz publica, não contrariada, faz do Paço dos Príncipes PUPILLOS hospedaria universal para todos os seus parentes adherentes e escravos?"

*

Oscilla entre o impossivel e o improvavel a feia hypothese de haver Manuel Ignacio de Andrade Soutomaior Pinto Coelho, marquez de Itanhahen (o documento repete o "h"), grande proprietario, arrecadado e guardado, sem explicações, os dinheiros que o Patriarcha da Independencia conscienciosamente recusára.

Nas opiniões sobre a honra alheia toda a cautela é pouca. Dõe a injustiça, e, especialmente nas incertezas da vida politica, da represalia ninguem está livre.

Não sei ser injusto. Não conheço, entre os detractores, mortos ou vivos, de José Bonifacio, quem

*Foi a quinze de agosto, á tarde, em setecentos
E setenta e oito, aqui, ao vir de Çaragôça,
Que o Rei Carlos perdeu, ferida de emboscada,
A guarda dos seus cento e dez regimentos,
Sessenta batalhões, de gente ardida e moça,
Nesta garganta estrangulada!*

*De Touroulde a canção me vem logo á lembrança.
E, ao ver o oiro outonal, que ao pôr-do-sol fulgia,
Recontei, com ternura e volupia, talvez,
O oiro vivo que exprime a grandeza da França,
O oiro da graça, da elegancia, da ironia,
O oiro do espirito francês!*

*Sonhava. Schahrazade, em palavras divinas,
A Fada-Fantasia, a sorrir, ao meu lado,
Murmurou, no dulçor de um cantar que enamora:
— “Eu te permitto ver tudo quanto imaginas.
Vê, se acaso te apraz, evocando o passado,
Tudo o que estás pensando agora”.*

*E eu vi, no abysmo, em baixo, a batalha tremenda!
A lide carolingia, o heracleico rebate!
Rolando, que, feroz, dentre os mais sobresaie!
Tudo quanto descreve a tragedia da lenda:
Durandal, que, de um golpe, os carvalhos abate!
A guerra, a grita, a angustia, o guai!*

*Veillantif, a exhalar fogo pelas narinas,
E, contra Ferrabrás, como o raio se lança;
Oliverio, a dizer, atirando a manopla,
E ostentando o brasão das armas palatinas:
— “Que o Senhor São Dinis proteja o Rei de França
E exarcho de Constantinopla”.*

*Era bello e brutal! Na refrega medonha,
Viam-se os capitães, doze pares do Imperio:
— Gérin, Gérier, Ivon, Ivore, Oihon, Samson,
Béranger, Anseis, Angelier de Gasconha,
E Rolando, furioso, ao lado de Oliverio
E de Gérard de Roussillon!*



*Era excelso! Aterrava! Ao centro das fileiras,
Geoffroy d'Anjou, Thibaud, Aimeri de Narbonna,
Gautier de Luz, o sabio Naimé, entre arrancadas,
Patheticos, erguendo as flammantes bandeiras,
Pareciam, no arfar da infernal peleona,
Ereas estatuas animadas!*

*Piques, clavas, broqueis, estarcões, partasanas,
Chocavam-se, luzindo, ao bramar dos alarmas.
E, forrados de estanho e de cobre, os christãos,
No tumulto agareno, em surtidas insanas,
Destroçavam, brandindo immanes achas d'armas.
E espadagões dambalas mãos!*

*O arcebispo Turpin, no mortal fervedouro,
Bendizando as legiões e calando a viseira,
Rasga, esmaga, destroe, a brigar braço a braço.
Fulvida, em caracões, a barbaçana de ouro
Todo o peito lhe inunda, a sobrar da babeira,
Sobre o laudel de placas de aço.*

*—“Montjoie”!—cantam, em côro, os soldados de França!
E a esse pregão retroa, augmentando o perigo,
O cartel imprecante, o algazu' — “Macha-Allah!”
E bravo, como um leão, em pugnaz desvairança,
Rolando, sem cessar, desbarata o inimigo,
Bradando aos céus: — “Mantjoie! Mantjoie!”*

*Passam horas durante essa horrenda peleja.
A exhaustão da referta os combatentes prostra.
Cada qual, na sangueira, é mais féro, á porfia.
Até que, quando a noite entre as nuvens negreja,
A' moirama de Espanha a victoria se mostra,
E finda a atroz carniçaria!*

*Ah! o fim da epopeia! O cruel desenlace!
Oliverio expirante e Rolando ferido!
Jamais hei de esquecer esse assombro immortal!
Remembro do titan a impavidez da face!
Sua voz truculenta inda a guardo no ouvido,
Assim falando a Durandal:*

— “O’ minha Durandal, quanto és bondosa e branca!”
E bipartir a espada infrangível procura,
Cravando-lhe num monte o ferro formidando!
Mas a irman de Hauteclairre os rochedos arranca,
E abre, em mais de dois mil e cem metros de altura,
O ovante “Passo de Rolando”!

— “O’ minha Durandal, quanto és brilhante e boa!”
Ao próprio coração a aponta, de repente,
Para que a não profane o sarraceno emir.
E, enquanto São Miguel a relustra e abençoa,
Dobra-se Durandal, christianissssimamente,
Quebra-se, para o não ferir!

Depois, é a morte, o fim do drama, a despedida,
Que, antes de se arrojear pelo despenhadeiro,
A’ bella Aude envia, ao país da esperança,
E ao velho Imperador da harta barba florida!
E ao consagrar á espada o beijo derradeiro,
Morre, voltado para a França!

E eu via, enquanto a noite as muralhas eleva,
E na paz sepulchral a natureza dorme,
O cadaver cyclopeo, ultramonumental,
Dentro dos Pyreneus, no ataúde da treva,
De pé, contra a montanha oppondo o vulto enorme,
Hirto, abraçado em Durandal!

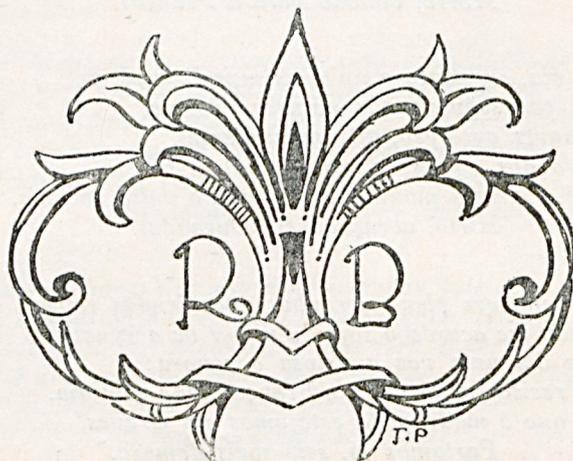
Abstracto, em pleno arroubo, estas lendas revia,
Quando me acorda o som do motor da aeronave,
E me diz uma voz amistosa e sonora:
— “Precisamos entrar em França ainda com dia.
Para que á madrugada estejamos em Graves,
Partamos já, sem mais demora.”

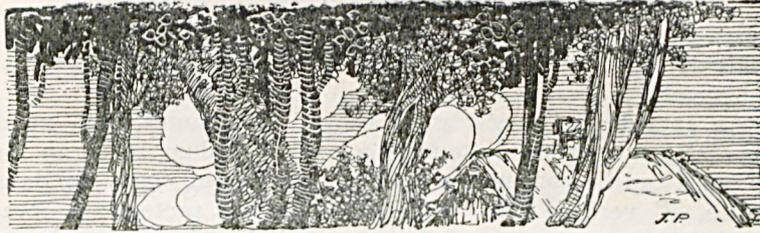
Como um filho, ao voltar ao berço em que se encerra
O thesouro dos paes, entrámos, sem tardança,
O adoravel jardim dos loureiros em flor!
E osculei o ar de França, a luz de França, a terra
Do galante rimar, da minha doce França,
Rosa do meu constante amor!



*E ao pensar quanto devo á fragrancia latina
Desta flor que possui a perenne virtude
De embalsamar o mundo, inspiradoramente,
Disse, como quem reza uma estrophe em surdina,
As palavras de fé da minha gratitudo,
Do meu fervor flammifervente:*

*— Aos artistas de França, Heroes na Liberdade,
Poetas, que conquistando a suprema realeza,
Attingiram no tempo a perfeição moral,
Pelos seculos cante o hymno da Humanidade,
Louvando-lhes o sonho, ó Mestres da Belleza,
Na minha Patria espirital!*





GUNGA - MUQUIXE

POR VALDOMIRO SILVEIRA

Estava em preparos a casa-do-boi. O capitão Justiniano, azafamado, desinquietao, corria de um grupo a outro, dando ordens. Irava-se algumas vezes, notando algum atraso de serviço caseiro; ria-se outras, gostosamente, quando se lhe ponderava que os macoteiros haviam de passar por essas e peiores, e não era a troco de nada que um homem, como elle, podia arrastar consigo seus mil sertanistas, afóra a negrada da fazenda. Quem quer ser eleitor e manda-chuva num centro assim, ha de por força entrar em gastos e trabalhos, ainda que haja de acontecer-lhe o que succedeu ao Neca Travassos.

Era aquillo o mau sonho das noites do Justiniano, a lembrança do infortunio do Neca, chefe do logar nos tempos de atrás, que, tendo empenhado tudo o seu por sustentar caprichos e não deixar perecer os protegidos, entregou sitios e gado e animalada, caiu na piranga, e não teve mais ninguem por si. Quando se falava naquelle caboclo decidido, que preferiu ficar sem nada a receber imposições dos credores, toda a gente dizia:

— Home de bem tá alli, não hai duvida: mas meio sem cabeça!

Desfizera-se por tal maneira um prestigio, e dos mais fortes. O Justiniano, porém, fazia confronto entre os proprios teres e os do Neca Travassos, e sentia-se avantajado. O Neca possuia um sitio de canna, com engenhoca e bemfeitorias respectivas, uma propriedade de criação e uma chacara ao pé do arraial, não contando a casa grande da povoação e dois ou tres biongos sem serventia. Elle Justiniano era senhor de duas fazendas de café, duas invernadas de legua e tanto, terras e terras na bugraria e



mais de cem escravos, não andava balanceoso, não devia nada a ninguém.

Ao entardecer começariam a chegar os votantes, para no dia seguinte, encostado o estomago a café com duas mãos, se dirigirem á capella com o gunga-muquixe á frente, como era de costume. E' verdade que um Chico Amancio, protestante, levava tambem seu povo, mas até dava pena, á vista do acompanhamento do Justiniano ! Si o Justiniano botava seiscentos votantes e coisa, o Chico Amancio pialava quando muito uns oitenta ou cem: e, de mais a mais, fazia um viveiro pobre e matado, que não causava enthusiasmo.

Tambem, porque havia o Chico Amancio de ter aquella turra e sustentar opinião de liberal, quando o partido conservador é que estava de riba? Num logar de sertão, como aquelle, não se podia estar contra o governo, affirmava o Justiniano: o direito era ser cascudo com os cascudos, chimango com os chimangos, porque o governo, vendo-se guerreado num recanto de tamanha lonjura, até fazia por se esquecer de que alli vivia gente...

A's vezes, no primeiro dia da chamada, o protestante ficava meio ganjento, meio inchado, pois andava quasi igual com o Justiniano ou ganhava por um pouco; mas logo ao dia seguinte vinha formigando a caipirada dos quarteirões mais arredados, e elle sumia numa distancia triste !

Agora, o Justiniano tinha levado de pique não lhe dar o gostinho de nem emparelhar no principio da chamada: havia de ir perdendo desde logo, para não ser desaforado e largar a fumaça de ter partido num cafundó quasi mal visto de Deus.

Fervia, pois, o casarão da fazenda nos aviamentos. O paiol, o monjolo, as proprias senzalas estavam á disposição dos vindouros. De espaço a espaço, no terreiro, pendia de alguma forquilha, com a cabeça para baixo, os olhos parados e fixos desde a ultima dor, um cabrito ou um carneiro, que fôra sangrado poucas horas antes. E o gengibre para as queimadas abundava em cada canto da casa ou vizinhança de fogueira.

Certa hora, entretanto, o Justiniano sentiu um desgosto aguar-lhe a ansia dos preparativos. Em frente á morada, pouco adeante da porteira, pastavam preguiçosamente as vaccas, amollentadas pelo ardor do sol. O Damião, negro bahiano, fulla, de dentes espontados e olhar esperto e arisco, tocava um garrotinho que ia carnear-se para o churrasco da rapaziada, quando lhe sai quasi a subitas, de um lançante, o marruaz daquella invernada — um quêra enorme, brasão, meio mascarado, a sacudir as guampas, em viva ameaça, bufando.



O Damião não teve praso de chegar á porteira nem de vingar a cerca: a perseguição do marruaz era sem treguas. Alongou-se para o largo da campanha; evitava as abalroadas entre as moitas de capim-lanceta e colchão, fazia frente ao quêra, instigava-o, torcia o corpo quando elle vinha de cabeça baixa e urrando, ganhava tempo em vão. Via-se-lhe já correr o suor pelo peito descoberto, onde a rija ossatura se desenhava como o fino e resistente madeiramento de um estaleiro que se arma. Chegou-se a uma cinco-folhas, enganou o touro alguns instantes, corre-correndo de um lado para outro; por fim, vendo que elle encurtava as avançadas e o procurava de mais perto, conseguiu acercar-se de uma leiteira, armou-lhe um salto formidavel a um dos galhos: mas o galho da leiteira, secco e pururuca, deu de si com leve estalido, e o Damião caiu quasi de bocca.

Ergueu-se, desorientado, exclamou como em desanimo:

— Ah! quêra marvado! você á mó'que é a minha perdição!

Circumvagou os olhos pelo descampado: nem uma arvore. Apenas, de longe a longe, as hastes do jaraguá se levantavam tremulas e algum cajueiro mais crescido sobresaía, verde-claro, entre os cupins humildes. O touro gemia de furia, e veiu-lhe cego ao encontro, agitando as aspas tremendas, com que chegava a raspar no chão ás vezes. E o Damião récuou de novo, afastou-se, tomou da cinta o facão de mato, esperou-o, pulou-lhe para entre as pontas, e, com assombrosa destreza, cravou-lhe o facão em pleno sangradouro, bambeou o corpo, caiu em peso sobre o cabo do facão. O quêra mugiu um grito rouco e humido, balanceou frouxamente os chifres, rolou para ao pé de uns angelins rasteiros; seguiu-se uma sororóca e um vago escoucear, uma tremura pelo dorso, o inteiriçamento final.

Quando o Justiniano viu cair o marruaz, não teve mão em si que não dissesse horrores ao escravo: que elle Damião não servia por meio quêra, e fizera aquillo de perverso, pois tinha podido fugir e salvar-se, e não o quiz; que, na peor das contas, devêra de morrer e deixar vivo o touro, que custára em Nioac perto de um conto, ao passo que o negro não valia nem os quinhentos mil réis, que déra por elle, então doente, no vallongo. Mandou que o amarrassem num pau de ximbó, perto da roça de milho, para, quando voltasse o feitor ao tapar da noite, lhe passar o bacalhau de taquara. O negro pediu misericordia, o proprio filho mais velho do Justiniano atreveu-se a perguntar:

— Hoje, pae, que vem o povão de votantes?

Mas o Justiniano foi inflexivel:

— Quem é o manda aqui da casa? Sou eu ou você? Antão você'tá com muita dó desse resto de bacalhau, desse tirador de



cipó que me acaba de dar um perjuizo tão grande ? Agora elle tem que pagar a nova e a velha, aquella fugição da sumana atrasada !

Refrescava o dia.

Um bando de nhandaias passou grasnando bulhentemente.

Quando se cerrou de todo a noite, já estava cheia a casa. A multidão de votantes derramára-se pelas dependencias da fazenda, parava ao redor das fogueiras, junto ás rodas de samba, no paiol, no moinho, nas senzalas. O rufar das caixas misturava-se, de onde em onde, com a aspera voz das puitas e o crebro roncar dos urucungos. A espaços, como envergonhado de se fazer ouvir entre aquelle guaiú continuo, o triste de um violão chorava, a acompanhar modinhas de saudade e lunduns enternecidos. O canto fanhoso das sanfonas echoava nas bibócas. E não faltou quem tocasse um birimbau dos grandes, coisa de muito rir, no meio dos matutos embasbacados.

Na sala-mestra da casa havia mesas de truque, de chimbica e de solo. O proprio capitão, por dar exemplo, esteve quasi uma hora a jogar truque-de-mano com o vigario; afinal levantou-se, exclamando com muita ufanía :

— Arre ! que já'tou cansado de tanto bater ! Chega ; não chega, seo vigario ? Não jogo mais : premeiro, porque dar pancada em padre diz que é sacrilegio ; depois, porque truque-de-mano todos falam que faz mal-de-cuía.

E saiu a perpassar pelos grupos de jogadores, pelos dançarinos, pelos que apenas se entretinham a olhar a crepitação das brasas, fóra. No pateo, quando tornava, preparou-se uma roda de canoa. A cantoria dava muito certo, o canoa era um quebra : aquillo foi pandega de maior ! Cansados os da roda, chegaram outros, prepararam um villão-de-banco, a toque de sanfona, porque os violeiros andavam por empenho. O primeiro villão foi um rapazinho do norte, espigado e ingahiva, que volta e meia ficava zangado, por ver que nunca mais sahía da penitencia, resmungava de modo exquisito, arregalando os olhos e repuxando os cantos da bocca, por um triz não descia a manguera nos parceiros, e chegou a atirar o chapéu comprido ao chão, num momento de zanga mais brava. Foi peor ; teve que ouvir coisas destas :

— Olhe só o motêvo, o mané-do-jacá, o sambangó que não se livra mais !

— Ih ! que geito changueiro, meu Deus !

— Já viu só que cabocrinho estopento ? Já viu ?

De repente, porém, todos quedaram. Ouviase um grito lastimoso, um chorar quasi uivado, semelhante ao do lobo quando a



lua vai apontar: era o Damião na surra. Voltaram-se para o lado donde vinha o rumor doloroso, que augmentou extranhamente, ganhou quasi o volume de um rugido de boi espicaçado, tremeu em angustia funda, e entrou depois a afracar, a fazer-se cavo e frouxo, até que não foi mais que um lamento soturno.

O Justiniano deu tino da piedade que já se apoderava dos votantes. E explicou aquillo o que era:

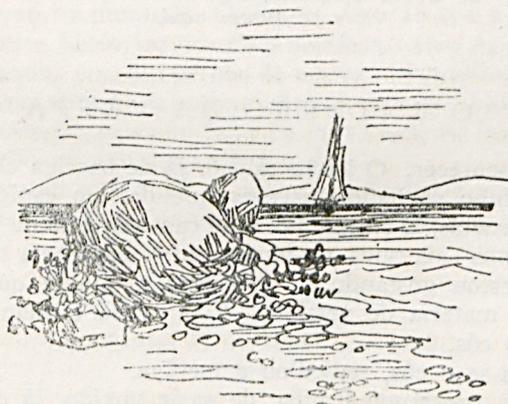
— E' um negro á toa, que'tá no bacalhau por via de me matar o touro quêra. Bamo' p'ra deante, ô do violão! Pois o que é que vale um negro? P'ra mim, antão, é que, graças a Deus, não vale mesmo nada! O que é um boi, p'ra quem tem sete fazendas?

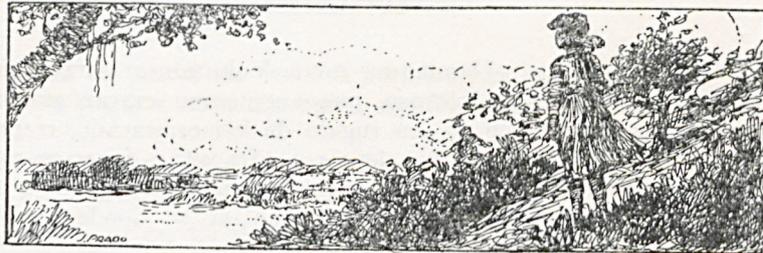
Continuou o villão. Veiu a primeira corrimaça de fervida. Juntaram-se pretos e brancos no terreiro, porque o Victorino, moço bem estudado, que morava de pouquinho no arraial, ia fazer um discurso, e todos sabiam, por noticia, que elle era quatro-paus numa fala. Fez o discurso, com muito boas palavras, e muito bonitas, acabou com um viva em voz alevantada:

— Viva seo capitão Justiniano!

(Entretanto, sem que ninguem o quizesse, houve uma pausa antes da correspondencia. Ouvia-se de novo um rumor abafado, como de soluço ou gemido que não póde erguer-se. Podia ser que o coitado do Damião estivesse morrendo; mas tambem podia ser o murmurio longinquo do ribeirão...)

— Viva!





LUCIA

OU

A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO

POR MONTEIRO LOBATO

(Fragmento)

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas excepções, pobrissima de arte, e cheia de artificio, — fria, desengraçada, pretenciosa. Ler algumas paginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vaccina préventiva contra os livros futuros. Esvae-se o desejo de procurar emoções em letra de fôrma; contrae-se o horror do impresso... Felizmente, esboça-se uma reacção salutar. Puros homens de letras voltam-se para o genero, tão nobre, por ventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo album illustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episodios, alguns dos quaes se reproduzem aqui.

O ENTERRO DA VESPA

Foi ao escurecer. O leitão rabicó, já de barriga cheia, roncava no chiqueirinho sonhando arvores que dessem espigas de milho em vez de fructas. E Narizinho, num canto da sala de jantar, vestia na boneca uma saia nova, de pintas azues, feita pela tia Anastacia.

— Não estou gostando... murmurava Emilia que era muito luxenta em materia de vestidos. Está pensa e além disso muito apertada no cós.

— Alarga-se o cós, remediou a menina.

— Depois, continuou Emilia, de nariz torcido, já disse que não gosto desta moda de babadinhos. Fico velha e feia, tal qual uma perúa choca.

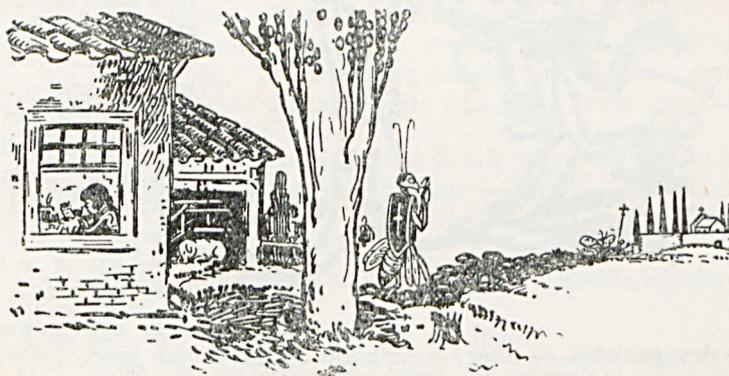
— Enjoada!...



Emquanto assim conversavam as duas, em baixo da jaboticabeira grande se reuniam amigos e parentes da vespa machucada.

Pobre vespa! Muito tempo ficou no chão, moribunda, movendo lentamente ora uma perninha ora outra. Por fim encolheu as pernas todas e immobilizou-se, morta. E agora vinham amigos e parentes a cuidar do enterro.

Quatro formigas pretas ergueram no ferrão o seu triste corpinho inteiriçado e foram-se com elle a caminho do cemiterio.



Atrás dellas um louva-a-deus de mãos postas seguia, rezando — *ora pro nobis, dominus vobiscum* — no latim lá dos insectos.

E assim chegaram ao cemiterio onde uma paquinha coveira acabava de abrir a cova. As formigas depuzeram na cova a defunta e começavam a cobrir o corpo de terra — quando appareceu, esbaforido, um besouro de sobrecasaca e chapéu-canudo, com as tiras de um discurso na munheca. O illustre figurão era o orador official do Instituto Historico dos Escaravelhos, sabio de grande fama na Besourolandia, mas um peroba de marca! Principiou a falar, com citações de mil autores e muitas phrases latinas. Falou, falou, e como não acabasse mais de falar, o louva-a-deus, impaciente, arrolhou-lhe a bocca com um toquinho de páo.

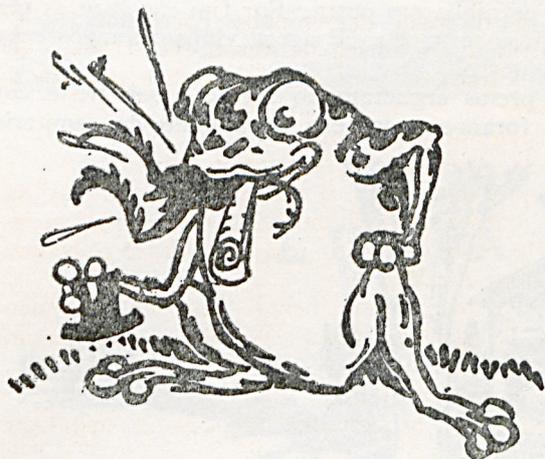
As formigas aproveitaram o lance para encher a cova e collocar em cima da terra um pedregulho redondo com esta inscripção:

*Aqui jaz
uma pobre vespa assassmada
na flor dos annos
pela Menina do Narizinho Arrebitado.
Orae por ella!*

Feito o que, cada um tratou de raspar-se para as respectivas tocas, depressinha, antes que a noite viesse. Porque então appareceriam os morcegos malvados que caçam sem dó todos os insectos

desprevenidos. Só ficou no cemiterio o orador besouro, luctando para desarrolhar-se afim de concluir a leitura do discurso.

Teimava em falar, o ladrão! E tanto fez que arrancou o batoque e proseguiu na lenga-lenga:



— Mont'Alverne já disse que...

Mas aconteceu que suas palavras despertaram um sapo que cochilava ali por perto. O sapo olhou-o bem, ouviu um pedacinho do discurso, deu uma risada velhaca, e disse lá com as suas pintas:

— Eu já te curo, meu pedante...

E approximando-se devagarinho, — *nhoc!* — enguliu o orador com sobrecasaca, discurso, cartola e tudo.

Bem feito. Assim houvesse um sapo para cada orador cacete!...

A PESCARIA DE EMILIA

A CABARAM-SE afinal as jaboticabas. Somente nos galhos bem lá do alto é que inda se via uma ou outra, furadinha de vespa. O leitão rabicó — *ron, ron, ron* — volta e meia dava seu gyro por alli ficando parado bons minutos, muito serio, á espera de que cahisse alguma. Narizinho tambem veio e lá estava de vara na mão e nariz arrebitado para o ar sondando a arvore, quando a tia Anastacia, de passagem para o rio, com a bacia de roupa á cabeça, lhe gritou de longe:

— Arre, menina! Não chegou uma semana inteira de *tloc, tloc?* Largue disso e venha me ajudar a estender roupa no córador.

Narizinho jogou a vara em cima do leitão, que fez *coin!* — e foi correndo para o rio, com a Emilia de cabeça para baixo no bolso do avental.

Lá chegando teve uma idéa: deixar a boneca pescando enquanto cuidavam da roupa. Poz o dedinho na testa, reflectiu e disse:

— Tia Nastacia é capaz de me fazer um anzolzinho de alfinete para a Emilia? A pobre está secca de vontade de pescar!...

A negra balançou a cabeça: — Sim, senhora! Era só o que faltava!...

— Faz? insistiu a menina. Alfinete, aqui tenho um. Linha, ha ali no alinhavo do meu vestido novo. Vara não falta. Faz?

A negra não teve remedio.

— Como é que não hei de fazer, demoninho? Faço, sim...

E fez. Dobrou o alfinete em forma de anzol, encastroou-o na linha do alinhavo, atou a linha na ponta de uma vara e amarrou a vara ao braço da boneca.

— E isca, como é? perguntou a menina?

— Isca é o de menos. Qualquer gafanhotinho serve.

Narizinho, salta d'aqui, salta d'alli, conseguiu logo apanhar na grama um grilo verde. Espetou-o no anzol. Em seguida, arrumando a boneca á beira d'agua, muito tesa, com uma pedra ao collo para não cahir, disse-lhe:

— Agora, dona Emilia, bico calado, hein? Nem um pio sinão me espanta a peixaria. E logo que beliscar — *zugt!* — um puxão na linha!

E deixou-a lá indo ter com a preta.

— Você me assa hoje mesmo os peixinhos que a Emilia apanhar?

A preta riu-se, riu-se...

— Asso, sim, minha filha, asso até no dedo!...

— Não caçõe, tia Nastacia, não caçõe da Emilia... Ninguem imagina quem é aquella sonsa. Emilia é uma damnada!

Palavras não eram dictas e — *tchibun!* — a pescadora de panno, com pedra e tudo, revirou para dentro d'agua.

— Acuda, Nastacia! grita Narizinho. Acuda que a Emilia se afoga!...



Um peixe havia engulido a isca, e luctando para safar-se do anzol, arrastava com a piracuara para o meio do rio.

Narizinho, cada vez mais afflicta,

— Acuda! Depressa!... gritava, com desespero, vendo a Emilia rodar pela correnteza abaixo.

Tia Anastacia arranjou uma vara de gancho e com muito geito foi arrastando para a beira do corgo a pescadora infeliz, até chegar em ponto onde a menina pudesse agarral-a.



Assim aconteceu, qual não foi a alegria de Narizinho vendo sahir d'agua, presa ao anzol, uma linda tarira de palmo, que rabeva como louca!

A negra persignou-se de brinquedo:

— Credo! Até parece feitiçaria!

E Narizinho, numa contenteza nunca vista, disparou para casa com o peixinho na mão.

— Vovó, disse ella ao entrar, adivinhe quem pescou esta tarira!...

A velha olhou, olhou e disse:



— Ora quem!...
Você, minha filha.

— Errou!

— A Anastacia,
então.

— Qual Nasta-
cia, nada...

— Então foi o
sacy...

— Vovó não ad-
vinha! Pois foi a
Emilia...

A velha duvi-
dou:

— Estás bobeando a tua vovózinha?!...

— Juro, vovó! Palavra de Deus que foi a Emilia. Pergunte á
Nastacia, si quizer...

A preta vinha entrando nesse momento.

— Diga, Nastacia: quem foi que pescou a tarira? Não foi a
Emilia?

— Foi sim, sinhá, foi a boneca... Sinhá não calcula que demo-

ninho de menina arteira é esta!... Arranjou geito de botar a Emilia pescando no rio é o caso é que peixe está ahi...

A vovó abriu a bocca:

— Bem diz o dictado que quanto mais se vive mais se aprende.

— Creança de hoje, Sinhá, já nasce de dente. No meu tempo, menina, assim, desse tamanho, andava no braço da ama, de chupeta na bocca. Hoje?... Credo! Nem é bom falar...

E com a menina dançando á sua frente lá se foi para o fogão, a frigir a taririnha da boneca.

AS FORMIGUINHAS

Só depois de manducar o peixe frito é que a menina se lembrou da pobre boneca que estava a tremer de frio, entanguida pelo banho.

— A coitada!... E' bem capaz de morrer de pneumonia...

E lá foi correndo cuidar della. Despiu-a e levou-a para um lugar de bastante sol. Dum lado estendeu as roupinhas molhadas e de outro a pobre Emilia, núa em pêlo. E ia retirar-se, quando a boneca fez cara de chôro.

— Eu não fico aqui sozinha...

— E porque, sua enjoada? Tem medo que o leitão venha espiar esses cambitos?

— Espiar é o de menos, mas elle é capaz de me comer...

— Nesse caso penduro você na arvore.

— Pelo amor de Deus, Narizinho! E se as vespas me ferram?

— Boba! Não sabe que vespa não morde panno?

— E si eu cair, com o vento?

— Si cair, caiu. Grande coisa!... Boneca quando cae não se machuca. Eu é que não posso ficar neste sol toda a vida esperando que a excellentissima senhora dona Emilia seque. Quem mandou molhar-se?

— Mal agradecida... Si não fosse a minha molhadela não comias a taririnha.

— Está pensando que era uma grande coisa o tal tarira?... Só espinho...

— Mas a senhora bem que a papou, que eu vi...

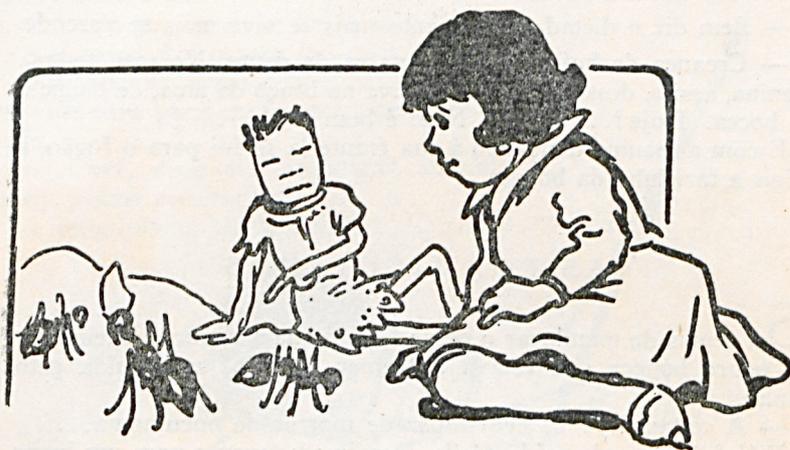
— Papei porque quiz. Não tenho que lhe dar satisfações, han! disse Narizinho, zangada, pondo-lhe a lingua.

Amuaram. Mas Narizinho ficou. Lá no intimo estava com receio de deixar a boneca sozinha naquelle sertão. Podia vir o Rabicó, e quem sabe até se alguma onça...

Estava um sol quente e muito silencio no quintal.



Nas arvores, só um ou outro tico-tico; no chão, só formiguinhas ruivas. A menina, para matar o tempo, principiou a observar o



corre-corre das formigas e logo esqueceu a zanga com a boneca.

— Já reparou, Emilia, como as formigas conversam? Que pena não entender a gente o que ellas dizem...

— “A gente” é modo de dizer, replicou Emilia, porque eu bem que entendo o que ellas dizem.

— Verdade?

— Verdade sim, entendo muito bem, e si ficares aqui commigo conto-te toda a historinha que ellas conversam. Repare. Vem uma de lá e outra de cá. Logo que se encontrem pegam de prosa.

Dito e feito. As formigas encontraram-se e principiaram a tagarelar; depois, cada uma seguiu o seu caminho.

— Fiquei na mesma, disse a menina.

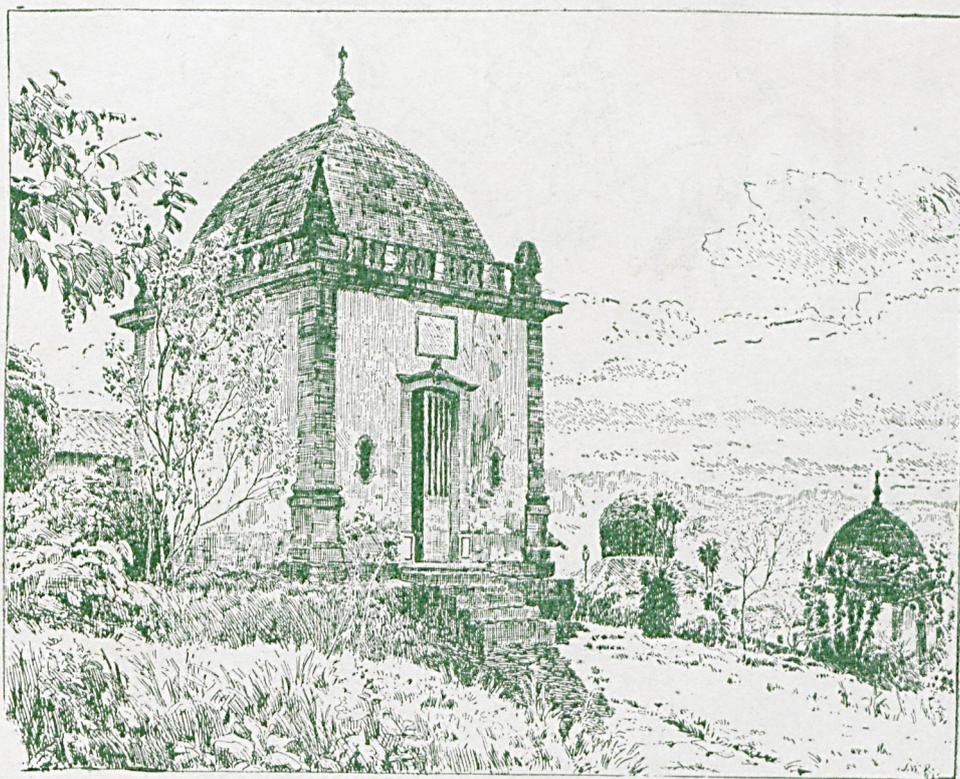
— Pois eu não, retrucou a boneca. A de lá disse: “Encontrou o corpo do besourinho verde?” A de cá respondeu: “Não”. A de lá: “Pois volte e procure perto do pé de pitanga, naquella pedra onde mora uma paquinha. Esse besouro morreu hontem lá que eu vi”. A de cá: “Pois está direito, vou ver isso”. E foi.

Esta formiga que dá ordens deve ser a dona de casa do formigueiro. Tem uns ares de mandona e não sae daqui de perto, a entrar e a sair do buraquinho, como quem toma conta do serviço. A outra é carregadeira.

Devia ser isso mesmo porque logo depois chegou de fóra uma terceira formiguinha, muito apressada, que cochichou com ella e voltou para trás.

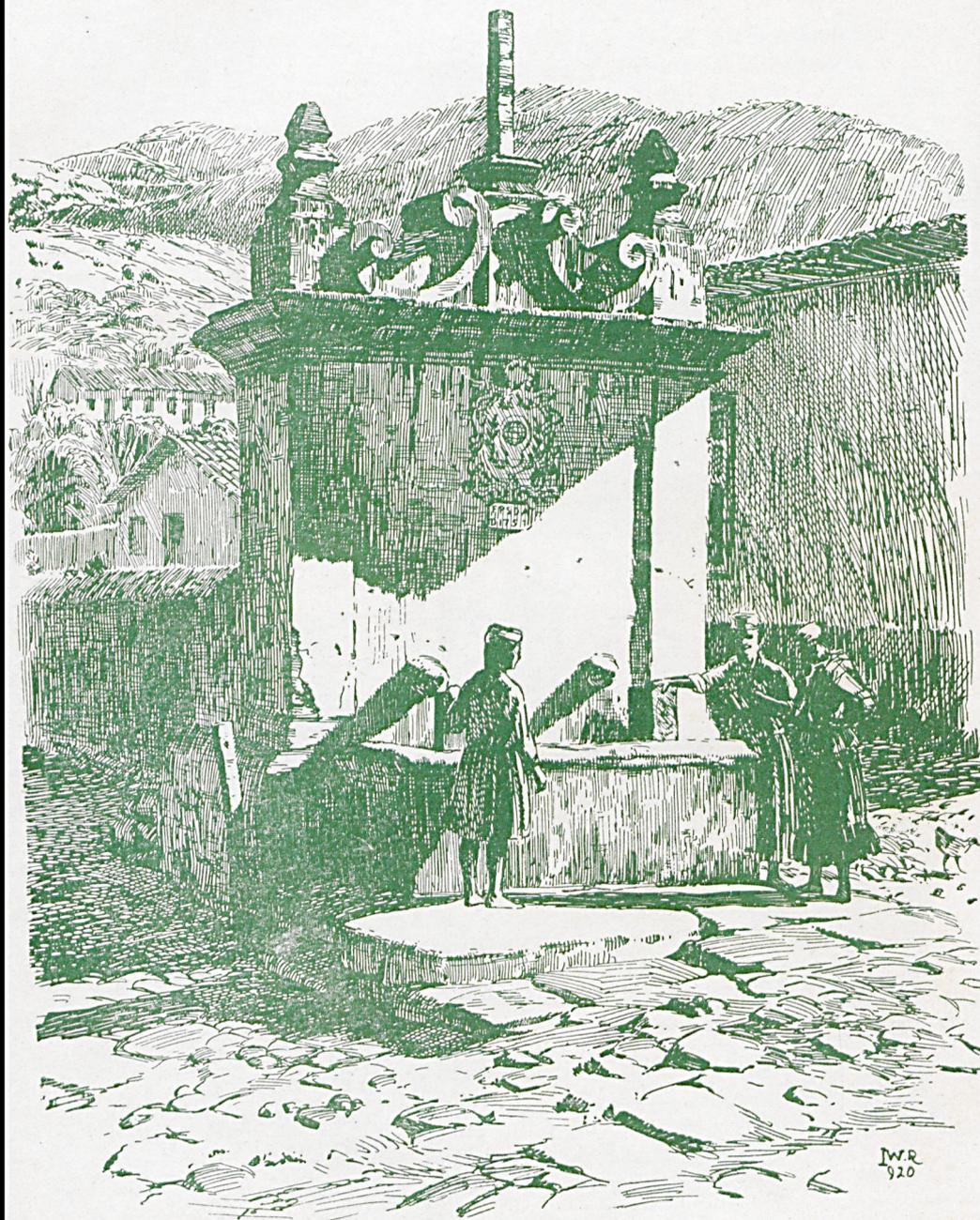
— Que é que disse esta? perguntou Narizinho.

O VELHO BRASIL



Congonhas (Minas) — Passos, numa antiga chacara

O VELHO BRASIL



Chafariz de Kakende, em Sabará — Minas

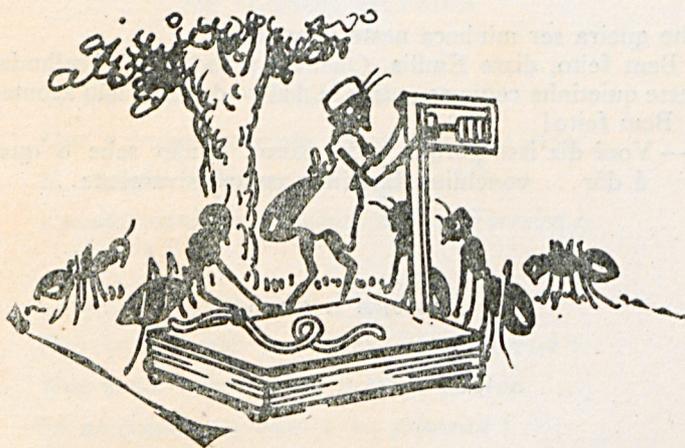
— Disse que tinham apanhado uma bella minhoca ao pé da porteira mas que precisavam de mais gente para trazel-a.

— Emilia!... Você me bobeando!... exclamou a menina, desconfiada. Mas vou espiar, e si não fôr verdade você me paga!

E disparou em direcção da porteira. Procura que procura, achou logo á beirada dum tijuco uma pobre minhoca corcoveando com varias formiguinhas no lombo.

Teve vontade de libertar a prisioneira, mas a curiosidade de vêr o que acontecia foi maior, e lá deixou a minhoca entregue ao seu triste destino.

Novas formiguinhas foram chegando que, de um bote — *zás* —, ferravam a minhoca duma vez. Não demorou muito e já eram mais de vinte. A minhoca, cansada de corcovear, foi molleando o corpo e acabou morrendo. As formiguinhas então começaram a arrastal-a para o formigueiro. Que custo! A bicha pesava umas



sete arrobas — arrobinhas de formiga — gorda que estava, de banha, e ia enganchando pelo caminho em quanto pedregulho ou capim havia; mas as carregadeiras, pacientes, davam volta a todos os embaraços e lá iam.

Afinal, depois de meia hora de trabalhadeira, deram com a minhoca em casa. Mas aqui nova atrapalhação. Não havia geito de recolher a minhoca inteira. E agora? Nisto appareceu a formiga mandona. Examinou o caso e deu ordem para que a picassem em doze pedacinhos.

Aquillo foi *zás-tras*. Em tres tempos, em vez de minhoca havia no chão uma duzia de roletes de carne. Cada lote de tres for-

migas arrastou um rolete, de modo que num instante a carnaria toda soverteu pelo buraquinho a dentro.

— Sim, senhoras! exclamou a menina. Servicinho limpo! Mas



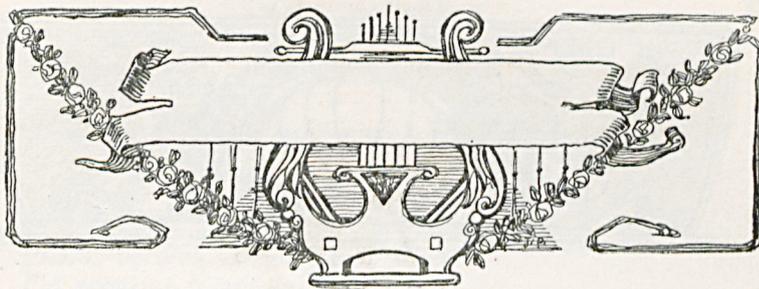
o demo queira ser minhoca neste quintal!...

— Bem feito, disse Emilia. Quem a mandou ser abelhuda? Si estivesse quietinha como as outras lá dentro da terra não aconteceria nada. Bem feito!

— Você diz isso porque é de panno e não sabe o que é dôr... concluiu Narizinho compassivamente...

(Ilustrações de Voltolino)





S O N E T O

POR AGENOR SILVEIRA

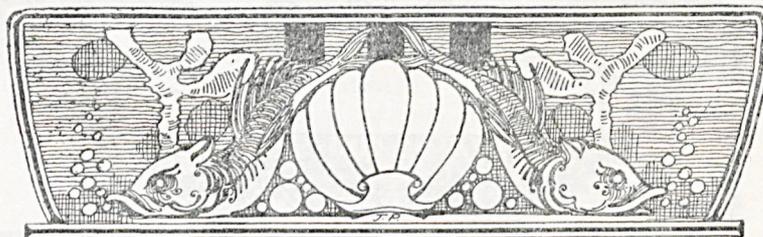
*Li teu soneto a minha cozinheira,
Que o trouxe sem que um vágado lhe desse,
E, acabada a leitura, exclamou: "Cesse
Quanto escreveu Camões, mail-o Ferreira !*

*Cesse a calligraphia de Vieira,
Pois melhor não me consta que a tivesse !
Mas como o português geme e padece
Cá na segunda quadra e na primeira !*

*Emfim, para dizer toda a verdade,
Não vae das pernas o ultimo terceto;
O outro soffre da mesma enfermidade...*

*Terminando, patrão, eu lhe prometto
Que a obra só prima pela brevidade,
Porque é soneto — e pessimo soneto."*

Santos.



MARIA MAGDALENA

POR BAPTISTA CEPellos

TERCEIRO QUADRO

NO CALVARIO

Numa encosta do Calvario. Chão aspero, pedras por todos os lados. De espaço a espaço uma vegetação rachitica reponta, num retorcido esforço de crescimento. Ao fundo um caminho que sóbe e de repente se perde de vista. Está proximo o local do suplicio, porque se ouve perfeitamente o vozear da turba em redor da cruz em que Jesus está pregado.

Ao longe mal se percebe a mancha que fórma Jerusalém, esfumada pelas nevoas de uma tarde pardacenta.

Grupos de judeus conversam com interesse. Pouco a pouco outros se vão reunindo. Por fim, é uma multidão compacta. Cada vez escurece mais. Não ha estrellas. No céu torvo, de quando em quando estalam trovões longinquos.

SCENA I

(UM PHARISEU, UM ESCRIBA. O POVO AO LONGE)

UM PHARISEU

*Pilatos vacillou. Grandissimo canalha!
Foi de balde! Vencemos a batalha!
E o chamado Jesus
Lá se estorce na cruz!*

UM ESCRIBA

*Um sonhador pateta,
Um fingido profeta,
Que, ameaçando arrazar homens e mundos,
Era seguido pelos vagabundos!*

O PHARISEU

*Está mudo. Por que não se desprega
E não desce da cruz em que estortega,
Olhando para os céus?
Mostre agora que é Deus!*

O ESCRIBA

*Não tenho pena desse Christo exangue...
Caia em minha cabeça todo o sangue,
Por Jehovah bendito,
O que eu disse está dito!*

*Elle soffre, porém não me commovo.
Morre? tanto melhor: salva-se o povo.
Não se deve ter dó
De um punhado de pó!*

O PHARISEU

Que será dos discipulos agora?

O ESCRIBA

Fogem dispersos pelo mundo a fóra...



O PHARISEU

E o bom Judas? safou-se?

O ESCRIBA

Fez melhor: enforcou-se!

O PHARISEU

*E o velho Pedro, o gallileu sizudo,
Tão obediente e tão disposto a tudo,
Que era uma sombra ao pé
Do homem de Nazareth?*

O ESCRIBA

*Esse tal, numa sala do Pretorio,
Foi um grande finorio,
E, mais ladino que um ratão sylvestre,
Teve o cynismo de negar o mestre!*

O PHARISEU (ironico)

*Pobre do Nazareno! Que desgosto
Lhe devia causar a ingratição...
Nesse instante eu cuspi-lhe no rosto.
Como bom cidadão!*

O ESCRIBA

*Fizeste bem, está bem visto!
Diz — que era nosso rei...
Diz — que era nosso Christo...*

O PHARISEU (rindo)

*Por isso o castiguei!
Mas os tratantes que falavam delle
Como de um salvador...*

O ESCRIBA (rindo)

*Ora, não sabes tu que o amor á pelle
É' o principal amor?*



O PHARISEU

*Tudo é assim nesta vida, nesta lucta
Em que vence o destino*

(Olhando em redor)

*Pouca gente. Nem uma prostituta
Virá chorar a morte do Rabbino?*

(O povo começa a aglomerar-se em torno, discutindo animadamente).

SCENA II

(OS MESMOS, O CENTURIÃO, OS SOLDADOS)

o ESCRIBA (escutando um rufar de tambor e o
marchar de soldados)

Ahi vem uma força.

O PHARISEU

*Mais soldados!
Os romanos! que cafila de cães!*

O ESCRIBA

*Os valles de Israel são maculados
E o lar em que nasceram nossas mães!*

*Moysés! Moysés! antes o sol do Egipto
Sepultasse o teu povo nos areaes,
E hoje não soltariamos o grito
De um captiveiro que não finda mais!*

O PHARISEU

*Não temos liberdade nem direito,
E é de balde que a estirpe de Jacob*



*Ergue os braços ao céu, bate no peito:
A sua pátria é o muladar de Job!*

O CENTURIÃO (á frente dos soldados, em voz de commando)

Alto! Frente á direita! (Tomando folego)

Que subida!

(Dirigindo-se ao phariseu e ao escriba)

*E o chamado Jesus, o vosso rei,
Naturalmente já deixou a vida?*

(Espiondo ao alto)

Jaz immovel, na cruz...

O PHARISEU (com má vontade)

Não sei.

O ESCRIBA (idem)

Não sei.

O CENTURIÃO

*Quantos vadios lá! Não falta nada!
Zumbem como bezouros, num zum-zum...
Ah! minha espada, minha bôa espada!
Quem me dêra espetal-os um por um!*

(Ao Escriba e ao Phariseu)

*Por que dèstes á morte o Carpinteiro,
Com tanta rispidez e tanto horror?
Si era um propheta falso ou verdadeiro
Que importa? Era um tranquillo sonhador.*

O PHARISEU

*Foi só justiça. E ha de servir de exemplo.
Vós, os romanos, que é que pretendeis?*



*Derrocar nossas leis e nosso templo
E impor-nos vosso templo e vossas leis.*

O CENTURIÃO

Cesar é como um pae, homens ingratos...

O PHARISEU

*E' certo, dizes bem, Cesar é assim.
E que foi que Caiphas disse a Pilatos,
Impondo a decisão do Sanhedrim?*

*Que o vosso imperador aqui reinava
E que, por conseguinte, esse Jesus
Que ora Christo, ora rei se intitulava
Era um trahidor, que merecia a cruz.*

O ESCRIBA

*E muito embora fosse um innocente,
Perturbava o socego da nação...*

O CENTURIÃO

*Teem vocês muita labia — infelizmente
Não garanto que tenham coração...*

(Aos soldados)

*Vamos ao pé da cruz, de lança em riste,
Contra essa plebe!*

(Em voz de commando)

Marcha!

O PHARISEU (olhando com odio)

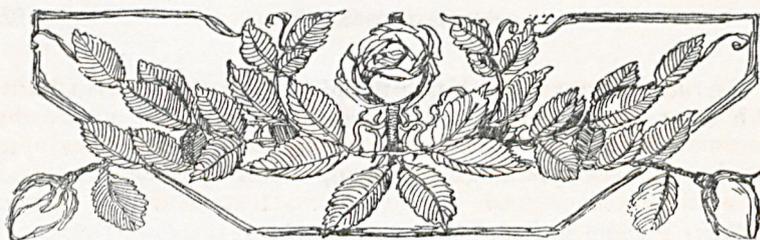
Isto é cruel!

O ESCRIBA (pensativo)

*O dia morre. Que scenario triste,
Triste como o destino de Israel!*

(A concluir).





O GENERO EUCALYPTUS

POR NAVARRO DE ANDRADE

E OCTAVIO VECCHI

A classificação das numerosas especies de eucalyptus ainda apresenta certas difficuldades. Ha, entretanto, um elemento, apenas entrevisto ha tempos, cuja validade acaba de ser verificada, no horto florestal da Companhia Paulista, onde existem cento e muitas especies de eucalyptus, todas ali cultivadas e estudadas. — Quaes as difficuldades alludidas? Qual o novo elemento? Como foi elle determinado? Eis o que constitue objecto deste trabalho, tão interessante sob o aspecto scientifico, como sob o da pratica da silvicultura.

O Genero Eucalyptus apresenta grandes difficuldades para a sua classificação, não só por ser muitissimo rico, mas tambem pela extrema variação que se nota em todas as suas especies e variedades. A tendencia que têm muitos eucalyptos a hybridar-se augmenta ainda mais e consideravelmente as difficuldades apontadas.

Botanicos de nomeada têm procurado dividir este genero em grupos ou secções, de modo a facilitar a sua identificação, mas até aqui nenhum delles conseguiu chegar a um resultado pratico, a obter um systema que permita determinar facilmente uma dada especie ou variedade. Sómente um conhecimento profundo do genero, alliado a uma longa pratica, circumstancias difficeis de encontrar reunidas, permite identificar cada uma das suas duzentas especies e variedades. O assumpto tem merecido o estudo de autores eminentes, mas longe está de se achar esgotado, tal a riqueza deste importantissimo genero vegetal, seu valor economico, multiplas applicações, etc. Entre as mais valiosas contribuições podem citar-se as de Georges Bentham, do Barão Ferdinand von Mueller, de A. P. De Candolle, do Professor R. Tate, do Reverendo Dr. W. Woolls, Wildenow, W. A. Howitt, R. T. Ba-

ker, J. R. Remfrey, D. Mc. Alpine, J. G. Luehmann, Charles Naudin e, finalmente, de J. H. Maiden, director do Jardim Botânico de Sydney e incontestavelmente o maior eucalyptographo da actualidade. A sua monumental "Critical Revision of the Genus Eucalyptus" é o melhor attestado do seu enorme valor.

Examinemos succintamente os systemas até hoje propostos para a elucidação de tão importante problema e os diversos caracteres que lhes serviram de base:

Porte — Foi o Professor R. Tate que se lembrou de dividir o genero em dois grandes grupos, segundo o seu porte: arvores e arbustos. Elle mesmo reconheceu, depois, a sua pequena utilidade, visto que os eucalyptos variam extremamente segundo as condições do meio em que vivem. Especies arbustivas, na sua forma typica e região originaria, tornam-se arboreas em circumstancias mais favoraveis, e vice-versa. O *E. occidentalis*, por exemplo, que chega a ser a arvore de elevado porte em solos ricos e em climas favoraveis, raramente attinge mais de dois metros em condições pouco propicias, como temos observado nas nossas collecções do Serviço Florestal da Companhia Paulista. O *E. viminalis*, de ramos pendentes e cujo aspecto tanto faz lembrar o chorão, em certos terrenos adquire tronco elevado e porte erecto.

Na descripção do porte das diversas especies do genero, nota-se grande divergencia entre Bentham, Mueller e Maiden, o que nada depõe contra o incontrastavel valor destes distinctos eucalyptographos, mas mostra claramente que cada um as descreveu segundo a região em que as observou, o que, por sua vez, demonstra a variabilidade do porte, conforme as condições de clima e solo, e a sua nenhuma utilidade pratica.

Casca — O Barão Von Mueller dividiu o genero em seis grupos, tomando como base a casca, sua textura, modo de desprendimento, etc. Além de ter o inconveniente de reunir no mesmo grupo especies botanicamente differentes e de separar outras estreitamente ligadas, esta divisão não offerece vantagem pratica, visto que tambem a casca varia em extremo. Assim, em terrenos humidos ou excessivamente seccos a casca pode variar extremamente da forma typica, especifica, como tambem com a densidade da matta, etc.

Madeira — J. H. Maiden durante muitos annos insistiu na importancia do estudo da madeira das differentes especies como auxiliar da classificação. Dividiu os eucalyptos em grupos, segundo a côr da madeira, seu modo de fender, etc. Embora factor valioso, tem o inconveniente de variar tambem conforme a natureza do solo, situação, clima, etc.



Exsudações — O mesmo autor separou o genero em tres grupos, segundo a composição das exsudações, sua maior ou menor solubilidade na agua e no alcool, tendo, porém, reconhecido o seu pequeno valor para uma classificação schematica.

Peciolo — Em 1890, McAlpine e Remfrey recorreram a córtices transversaes em peciolos de eucalyptos para auxiliar a determinação das especies; mas, segundo objecta Maiden, é pouco pratica a idéa aventada, visto que são precisos milhares de preparações para a obtenção de dados seguros.

Folhas — A posição e modo de inserção das folhas foram tambem tomadas como elemento de identificação, primeiramente, por De Candolle; mas, se há especies em que a posição das folhas se mantem inalterada durante toda a vida da planta, outras ha em que ella varia consideravelmente, assim como a propria forma das folhas. E' elemento de valor quando se refere apenas ás folhas de individuos novos, de accentuada fixidez para cada especie.

Nervuras — Baker e Smith procuraram dividir o genero em grupos, segundo a disposição das nervuras nas folhas, mas notaram tambem grande variação neste ponto. Muitos autores tomam como elemento de valor a distancia e disposição da nervura marginal, mas já notamos innumeradas vezes grandes diferenças em folhas de um mesmo individuo.

Caules — Pensou-se, a principio, em separar os eucalyptos de caules quadrangulares dos que os têm redondos, mas pouco trabalho foi preciso para se verificar que tal diferença se nota apenas na edade juvenil, ficando os eucalyptos adultos com os caules perfeitamente identicos.

Oleos essenciaes — A composição chimica dos oleos- essenciaes das diversas especies e o perfume das folhas, devido á sua presença, são auxiliares preciosos, mas têm o inconveniente de só poderem ser utilizados por mãos habéis e experimentadas. A analyse chimica de taes oleos não é elemento de valor senão para chimicos habilissimos e não apresenta nenhum caracter pratico.

No Serviço Florestal da Companhia Paulista temos feito distillar folhas de mais de cem especies e variedades diferentes, notando até aqui grande constancia na coloração dos diversos oleos. Em duas ou tres especies apenas observámos divergencia, o que se poderá attribuir á edade das arvores de que foram colhidas as folhas. As folhas de individuos adultos são tambem ricas em resinas, podendo estas fazer variar consideravelmente a coloração das essenciaes.

Além disto, para que a côr dos oleos-essenciaes possa ser tomada como elemento de valor na classificação, será indis-



pensavel que todas as folhas sejam distilladas com o mesmo gráo de humidade. Verificámos, por exemplo, que as folhas verdes do *E. tereticornis* dão um oleo côr de ambar, carregado, enquanto que alguns dias de seccagem dão-no de um amarello claro, lindissimo.

Estomas — Mueller classificou alguns eucalyptos conforme o numero e distribuição dos estomas, a sua presença numa só ou em ambas as paginas das folhas. Verificou-se, porém, que a sua distribuição chega a variar muitissimo nas folhas da mesma arvore.

Inflorescencia — O Professor Tate mostrou que a forma usual de inflorescencia nos eucalyptos é a umbella que, pelo alongamento do eixo, se transforma em panicula ou em corymbo. A transição é tão facil e tão frequente encontrarem-se na mesma arvore as diversas formas que se torna sem valor a inflorescencia como caracter especifico. Charles Naudin procurou grupar os eucalyptos segundo a sua inflorescencia, entrando tambem em linha de conta com as folhas e frutos.

Flôres — Nas flôres é egualmente grande a variação, quer no seu numero, quer na côr dos filamentos, embora neste ultimo ponto em menor gráo. São, porém, tão limitadas as côres dos filamentos que a sua applicação nunca daria resultados praticos e sensiveis.

Operculo — A forma do operculo foi primeiramente usada na classificação por Wildenow, em 1799, que dividiu as doze especies, então, conhecidas em dois grandes grupos: operculo conico e operculo hemispherico. Embora variavel, é ainda hoje um dos elementos de mais valor em mãos de observadores criteriosos.

Antheras — Foi Bentham, na sua "Flora Australiensis", o primeiro que reuniu as especies em grupos segundo a forma e modo de dehiscencia das antheras. Os cinco grupos que, então, formou foram mais tarde reduzidos a tres por Von Meuller. Não apresenta fixidez sufficiente para ser empregado como elemento decisivo na identificação das especies.

Calice — Muito empregado por De Candolle, que quiz tambem estabelecer certa relação entre elle e a disposição alternada ou opposta das folhas. E' elemento extremamente variavel.

Frutos — Deve-se a Tate a primeira classificação do genero baseada no fruto sómente, sua forma, dehiscencia, disposição locular, etc. E' ainda hoje considerado como um dos caracteres essenciaes, embora muito variavel, para a identificação das numerosas especies do genero.

Pelo que fica exposto, facil é avaliar a somma enorme de



difficultades que apresenta a perfeita classificação deste importantissimo genero vegetal. Para um trabalho consciencioso e perfeito, seria necessario tomar em consideração muitos dos caracteres apontados, e nunca um só, estudal-os em conjuncto, unico meio de contrabalançar a grande variação a que todos estão sujeitos.

Não foram estas das menores difficultades que tivemos de vencer nos nossos trabalhos no Serviço Florestal da Companhia Paulista, que conta hoje 112 especies e variedades perfeitamente identificadas. Occorreu-nos muitas vezes procurar um processo pratico e de facil applicação para immediata determinação das diversas especies de eucalyptos, dado o grande numero de elementos com que constante e continuamente lidamos. Veio o acaso ao nosso encontro, ao desenhar um de nós as mudas de eucalyptos ainda em viveiro. Notámos accentuada differença na disposição, forma e coloração das folhas cotyledonares e ainda na sua collocação relativamente ao segundo par de folhas. Estudando melhor o assumpto, vimos que Maiden se refere ás folhas cotyledonares como elemento de possivel valor para a determinação das especies, declarando, porém, nunca o haver experimentado por falta de material. Proseguindo ns nossas observações, verificámos uma notavel fixidez neste character, a ponto de não termos ainda hoje, após varios annos de trabalho, conseguido descobrir qualquer variação. Os desenhos do Serviço Florestal abrangem actualmente 116 especies e variedades e em nenhuma dellas pudemos notar até aqui a menor tendencia a variar, o que nos dá esperanças de ter obtido, finalmente, um meio simples e extremamente pratico de distinguil-as.

Não nos cabe a nós encarecer a importancia deste trabalho nem para elle chamamos a attenção dos leitores com outro intuito que não seja o de pôr ao seu alcance um processo que, além de todo o rigor scientifico, tem o incontestavel merito de poupar enorme somma de esforços e laboriosa pesquisa.





POR ARTHUR MOTTA

AUGUSTO DE LIMA

(Successor de Urbano Duarte na cadeira n. 12. Nasceu em Congonhas do Sabará, Estado de Minas Geraes, a 7 de Abril de 1858).

BIBLIOGRAPHIA

- 1 CONTEMPORANEAS—
poesias — 172 pgs. Rio.
Typ. G. Leuzinger e Fi-
lhos — 1887.
- 2 SYMBOLOS (1888-90)—
poesias — Rio, Typ. G.
Leuzinger e Filhos —
1892.
- 3 DISCURSO proferido no
Club "União Republica-
na", em 21-4-1896 — 6
pgs. Ouro Preto, Typ.
Beltrão — 1896.
- 4 TIRADENTES — drama
em verso, posto em mu-
sica pelo maestro mineiro
Manoel de Macedo (publicado no vol. II da Revista do Archivo Publico Mineiro
— 1897).
- 5 A COMARCA DA CAPITAL DE MINAS — 34 pags. (2.^a edição). Ouro Preto,
Typ. Beltrão & Cia. — 1898.
- 6 COMARCA DA CAPITAL (replica fóra dos autos) — 95 pgs. — Cidade de Minas,
Imprensa Official — 1899.
- 7 UM MUNICIPIO DE OURO — memoria historica, extrahida da Revista do Insti-
tuto Historico.
- 8 A LUTA COLONIAL PELA INDEPENDENCIA — Discurso — 18 pags. — Bello
Horizonte, Imprensa Official — 1902.
- 9 DISCURSO, em homenagem á memoria do dr. Silviano Brandão — 24 pgs. —
Bello Horizonte, Imprensa Official — 1902 (possue tambem uma separata do
Archivo Publico Mineiro).



- 10 CONFERENCIA em honra a Carvalho de Brito — 13 de Maio — 24 pags. — Bello Horizonte, Imprensa Official — 1908.
- 11 POESIAS — (contendo "Contemporaneas", "Symbolos", "Laudas ineditas") com o retrato do autor — 299 pgs. — Rio, H. Garnier — 1909.
- 12 DISCURSO na collação de gráu de 1909 — 14 pgs. Bello Horizonte, Typ. do "Diario de Minas", 1909.
- 13 A VIDA, poema inedito e incompleto.
- 14 A PLATAFORMA POLITICA do Mar. Hermes da Fonseca — artigos no "Diario de Minas" — 38 pgs. Bello Horizonte, Typ. do "Diario de Minas" — 1910.
- 15 LIMITES ENTRE MINAS GERAES E GOYAZ — 38 pgs. — Minas, Imprensa Official — 1919.
- 16 LIMITES ENTRE MINAS E S. PAULO — resumo historico fundamentado — 358 VIII pgs. — Bello Horizonte, Imprensa Official — 1920.

Collaborou na *Revista de Sciencias e Letras*, publicação mensal de S. Paulo (1880), com Raymundo Corrêa, Alexandre Coelho e Randolpho Fabrino; na *Gazeta de Noticias* do Rio (1881); no *Almanach da Gazeta de Noticias* (1882): Faust Poesia pg. 132, O paradoxo (poesia) pg. 186, Entre as arvores poesia offerecida a Fontoura Xavier) pg. 189, Os ferreiros (soneto a Assis Brasil) pg. 200; na *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Elogio a Urbano Duarte (discurso) vol. 8.º pg. 343, Os preconceitos (conferencia litteraria) vol. 5, pg. 39, Turbilhão (conferencia) vol. 8.º pg. 209; na *Revista do Brasil*: Affonso Arinos, n. 3, Uma carta a Antonio Salles (Alguns autographos) n. 32; no *Almanach Garnier* (1910): Sio-phantasma (poesia); em *A Noite*, collaboração semanal; *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, *Diario de Minas*; *Jornal Mineiro*, de Ouro Preto; *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fôra; *Gazeta*, de Uberaba; *Arquivo Publico Mineiro*.

O seu retrato é reproduzido nas Poesias, na Littérature Brésilienne de V. Orban, Almanach Garnier (1905), Le Brésil contemporain do dr. P. Rovelly e outras publicações.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

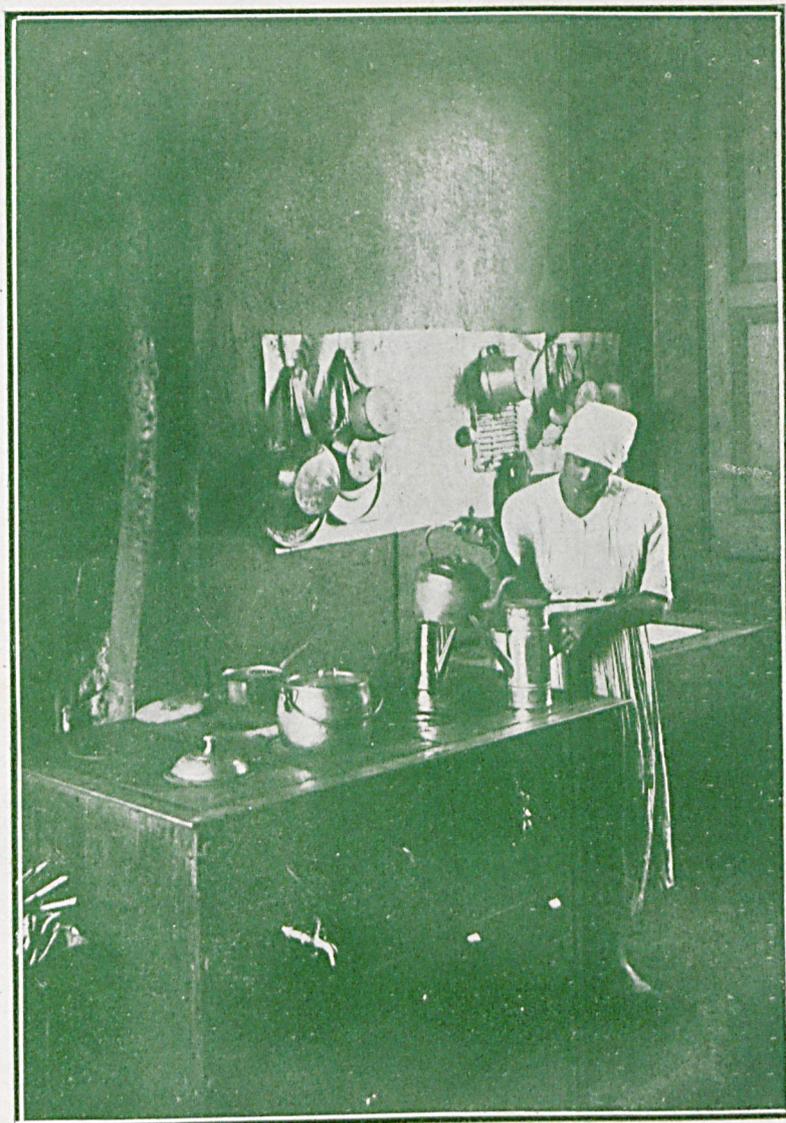
- 1 Medeiros e Albuquerque — Discurso de elogio na Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 8.º.
- 2 Theophilo Dias — Prefacio das Contemporaneas.
- 3 Raymundo Corrêa — Sobre as Contemporaneas.
- 4 Livio de Castro — As Contemporaneas.
- 5 Araripe Junior — Recado ao autor das Contemporaneas.
- 6 Sylvio Romero — Livro do Centenario I pg. 92.
- „ „ — Quadro synthetico da evolução dos generos.
- 7 Sacramento Blake — Diccionario bibliographico.
- 8 Victor Orban — Littérature brésilienne, pg. 282.
- 9 Eugenio Werneck — Anthologia Brasileira, pg. 435.
- 10 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 11 Almanach Garnier — de 1910.
- 12 Dr. P. Rovelly — Le Brésil contemporain.
- 13 Carlos de Laet — Microcosmo — "Jornal do Commercio", 1887.
- 14 Antonio Salles — "Diario de Pernambuco" 1907.

NOTICIAS BIOGRAPHICAS E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

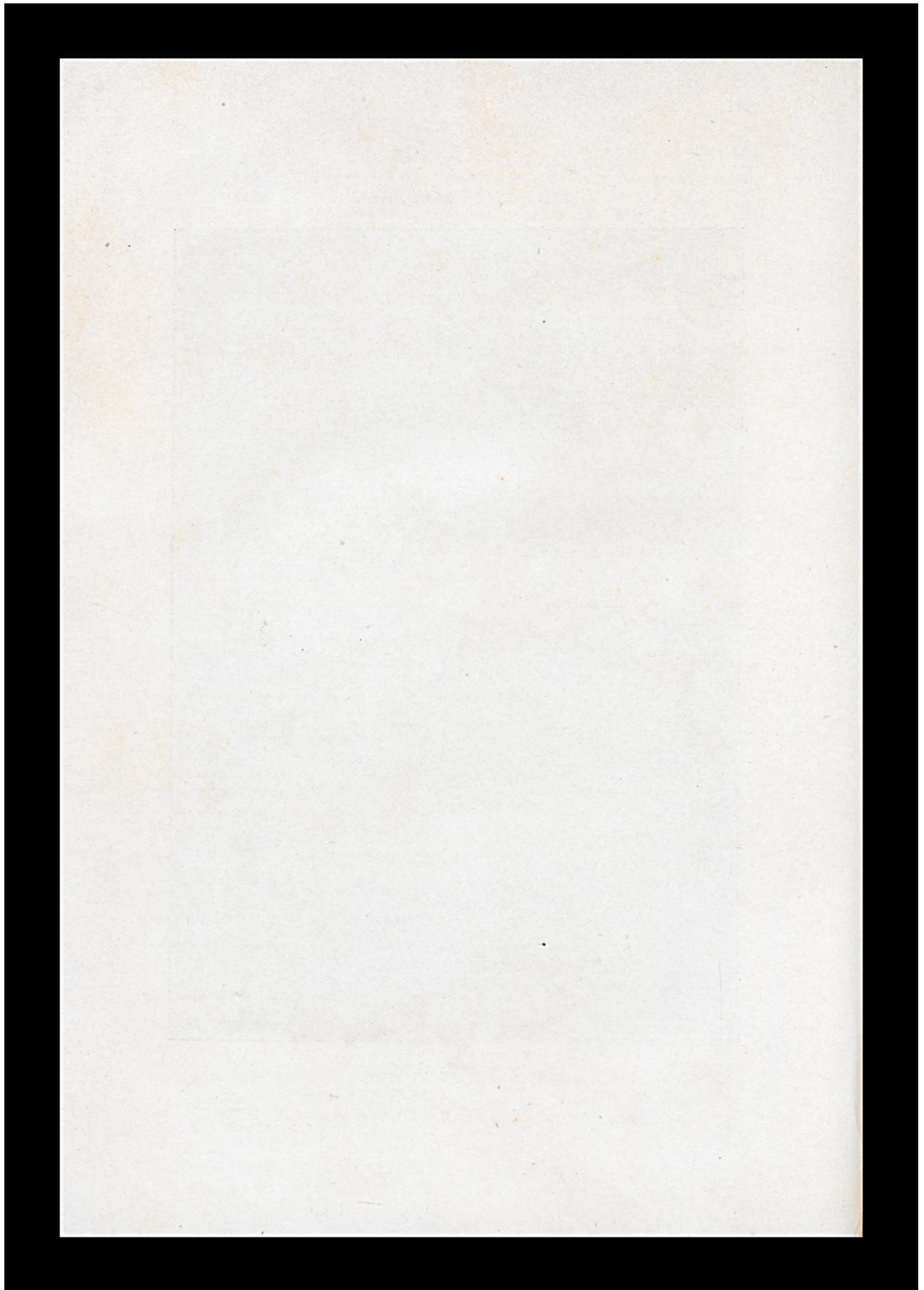
Reunindo as suas impressões de critico, publicadas na *Revue Bleue*, Jules Lemaitre iniciou o primeiro volume de "*Les Contemporains*" com quatro ensaios commedidos, sobre quatro poetas, distinctos no caracter



ARTE PHOTOGRAPHICA



Composição de Atschim



fosse ou seja capaz de ocupar de graça o cargo de tutor de orphãos, imperiaes ou não; e poucos, muito poucos capazes seriam de surripiar os 14:400\$000 que o emerito republicano A. J. Souza Botafogo erradamente incluiu no "Balanco da Dynastia".

*

"Illmo. e Exmo. Snr. — Havendo a Regencia em Nome do Imperador suspendido a V. Excia., pelo Decreto da copia inclusa assignada por Antonio, José de Paiva Guêdes de Andrade, Official do Gabinete do Ministerio dos Negocios do Imperio, do exercicio de Tutor do Mesmo Senhor, e de Suas Augustas Irmãs, emquanto pela Assembléa Geral Legislativa se não determinar o contrario: Manda a Mesma Regencia que V. Excia. immediatamente faça entrega daquelle cargo e de tudo quanto por elle lhe compete, ao Marquez de Itanhaem, que por outro Decreto da mesma data foi para elle nomeado. — Deus Guarde a V. Excia. Paço em 14 de Dezembro de 1833. — Antonio Pinto Chichorro da Gama. — Snr. José Bonifacio de Andrada".

F O L C L O R E

UMA FORMULA DE ENSALMO

O sr. JOÃO RIBEIRO tratou, n' "O Jornal", de uma curiosa formula de ensalmo contra maleficios, existente entre allemães no Brasil.

Não estarão, certamente, esquecidos os leitores da formula de ensalmo contra certos maleficios divulgada pelo botânico Gardner e achada entre colonos allemães da serra dos Orgãos.

Conjecturamos uma interpretação que consistia em ver nas palavras magicas daquelle esconjuro popular os nomes dos Reis Magos. Apontamos algumas variantes ou versões quanto ao numero e aos nomes dos Reis que guiados por mysteriosa estrella vieram prestar adoração ao Redemptor do Mundo.

Entre as versões antigas, na tradição da igitja, os Reis Magos são seis ou doze, porém mais geralmente se admite que eram tres.

Cumpre-nos esclarecer essa preferencia. O motivo d'essa redução a tres acha-se naturalmente na concordancia dos textos biblicos, entre o Velho e o Novo Testamento.

Na realidade, o unico evangelista, São Matheus, que fala dos Magos não diz quantos eram nem lhes declara os nomes. Já o dissemos.

No Velho Testamento encontramos a visão prophetica acerca da vinda do Messias, em varios lugares. E num delles,

no Psalmo LXXI diz-se claramente d'aquelle que era esperado e prometido:

"Os reis de Tharsis e as ilhas lhe oferecerão dons; os reis da Arabia e de Sabá lhe trarão presentes".

Este versiculo do psalterio parece inculcar tres reis e d'ahi foi certamente que os primeiros christãos tomaram o numero tres, embora no mesmo psalmo se faça em verso anterior menção de mais um rei da Etiopia.

Vêm estas considerações a proposito de uma carta que nos escreve o sr. "Nah", de São Paulo, perguntando-nos se a versão dos "tres Reis Magos" é moderna ou antiga na literatura portugueza.

Na vida popular, em suas manifestações mais familiares como se vê dos ornatos e symbolos do presepe, bem se depreheende que a versão é antiga e arraigada na tradição.

Quanto aos documentos literarios a questão é, certamente, mais difficil de resolver.

E' fóra de duvida que Gil Vicente a conhecia, quando escreveu em 1503 o "Auto dos Reis Magos".

Em toda esta peça, uma das primeiras do poeta e escripta a pedido da rainha Dona Lianor, por uma casualidade que nos é aqui desfavoravel, não se diz nenhum nome dos Reis Magos, mas declara-se que são tres:

Van tres Reis
Adorar com sentimento
Y muito grande acatamiento
El nacimiento
Del señor de todas greis.

Ha, porém, uma circumstancia na vida de Gil Vicente que esclarece a tradição d'aquelles nomes. Do seu primeiro casamento teve o poeta dois filhos varões a que deu successivamente os nomes de Gaspar e Belchior.

Na excellente monographia acerca de Gil Vicente, escreve o general Brito Rebello:

"Deste consorcio (do poeta com Branca Bezerra) parece terem nascido alguns filhos; Belchior, Gaspar, com certeza; e provavelmente um "Balthazar" (pg. 123).

E' evidente que o poeta fez baptizar os filhos com os nomes dos tres Reis Magos, segundo essa tradição que data, a julgar por esse documento, dos começos do seculo XVI.

E' plausivel, pois, que seja muito mais antiga.

*

Outro correspondente é o sr. José Testa (se bem deletreamos a assignatura) que nos escreve de Minas Geraes, da cidade de Alfenas:

"Sr. ... Li curiosamente no O JORNAL um seu estudo, sobre o folclore, daquelle formula que diz achada na Serra dos Orgãos:

SATOR
AREPO...

"Já a conhecia eu aqui, ha tempo, e usada pelo povo contra a hydrophobia, fazendo-a engulir pelo paciente, homem ou animal, no meio do alimento.

"E' conhecida ha muito e dizem que foi trazida por colonos italianos.

"Teria prazer se isso lhe podesse aproveitar em alguma coisa nos seus magistraes estudos sobre o folclore... Etc."

Eis um testemunho que realmente confirma e comprova a reflexão que fizemos quanto á necessidade de registro de todas as crendices e revelações da alma popular brasileira para onde acorrem agora contribuições de todos os povos adventícios.

Não extranhemos nem pomos duvida quanto á origem italiana de que nos fala o correspondente. A vizinhança da Austria e o duradouro dominio dos austriacos ao norte da Italia bem poderiam haver diffundido aquella e outras superstições populares.

O folclore move-se com pasmosa agilidad e passa de terra a terra e de povo a povo em suas continuas migrações.

Conhecemos exemplos característicos, de influxo italiano no sul do Brasil. Queremos lembrar nesta circumstancia um caso assaz curioso.

E' coisa familiar e conhecida nos nossos collegios francezes o exemplo de fuga musical que é a cantiga de matinas:

Frère Jacques, frère Jacques,
Dormez-vous?...
"Din-din-don!"

que tanto interesse desperta entre as creanças.

Pois egual cantiga, com poucas variantes e com a mesma graciosa fuga, foi colhida por uma illustre professora, d. Alexina de Magalhães, em Minas Geraes:

Frai Filipe,
Il campanelo
Sube e toca...
"Dlon! dlon!"

A disposição musical é a mesma com insignificante alteração do canon francez de Frère Jacques.

D. Alexina colheu tres variantes "Frei Martinho", "Frei Diogo" e "Frai Felipe" que todas derivam da mesma fonte franceza. Os italianos, emigrantes, foram o vehiculo dessa canção popular.

Esses vestigios, se acaso nos falhassem os documentos indirectos da historia, poder-nos-iam oferecer uma restituição dos elementos ethnicos da nossa nacionalidade.

E isso já não seria pouco nem seria desprezível argumento em favor de estudos que parecem triviaes ou estereis.

E' da alma popular que evolve, emerge

e se estylisa o pensamento culto. Da psychologia collectiva é que saem as surprehendedentes revelações do genio.

POESIA SERTANEJA

O sr. GUSTAVO BARROSO agita, em artigo publicado no "Correio Paulistano", interessantes pontos de vista geraes ácerca da nossa poés'a rustica:

Escreveu Paul de Saint Victor que a alma de uma raça inteiramente se resume nas suas trovas alegres ou tristes. Com effeito, em todas as manifestações do folclore dum paiz, a terra collaboa com o homem. E o proprio Augustin Thierry, com aquella profundeza de conceitos que todos lhe reconhecem, acha que a propria historia deriva de tres grandes escolas: a popular, a classica e a philosophica, sendo que a ultima decorre das duas primeiras e a segunda da popular, base de todo o edificio das tradições e do espirito dum povo através os tempos, edificio que se queira continuar.

Desta sorte, quem tiver de conhecer a alma e a vida dos nossos sertões de Nordéste, tão acoitados pelas miserias das seccas, deve sem falta estudar carinhosamente o seu folclore, analysando as suas fontes e procurando as suas analogias. Nelle está contida a essencia mesma do caracter do povo mestiçado, principalmente de portuguez e indio, que ha seculos já luta, com heroismo, pela salvação da sua riqueza e da sua propria vida, contra a natureza impiedosa, quasi abandonado dos poderes centraes e vendo afundados nos lameiros das politicagens pessoas os governos dos Estados. Tem pouca viação e não tem quasi escolas. Emquanto o litoral progrediu e outras regiões do paiz progrediram, devido a estas ou aquellas circumstancias, ficou insulado no tempo e no espaço, perdido nas creanças, nas imagens e nas fórmulas do seculo em que iniciou a ardua colonização daquellas terras retardadas de mais de duzentos annos.

Mal sabendo lêr ou não o sabendo de todo, não tendo nenhum outro meio de comunicação do pensamento, creou canções. A ausencia do habito de leitura, deu a essas produções, ás mais das vezes, fórmulas que permitem ser facilmente guardadas, recitadas ou cantadas. O seu acompanhamento musical é composto de melodias muito simples como toda a musica primitiva. Outr'ora as executava nas cordas de tripa das violas — as velhas "vielles" dos tropeiros. Depois, adoptou o violão. Agora, prefere, infelizmente a sabedoria das sanfonas.

Todo o folclore sertanejo mostra a formação perfeita das almas que habitam aquelles paizes de sol ardente. Os cantos que durante muito tempo deleitaram essas almas e fizeram palpitar corações

nascidos de sua propria fantasia, revelam perfeitamente o estado de espirito da raça.

Todos os folclores são semelhantes. As suas fórmulas variam ao infinito de paiz a paiz. O seu fundo continua o mesmo desde a Arya longinqua até ás terras americanas. Raros os cantos, as lendas ou as fabulas que se não encontram em todos os povos, em variantes as mais curiosas. Especialmente as fabulas que se revestem de velhos totemismos ancestraes, desaparecidos com o tempo da memoria collectiva. No continente europeu, já essas aproximações de tradições e pensamentos foram feitas pelos especialistas francezes, italianos e allemães. Todos elles têm encontrado "na Catalunha cantos conhecidos no Piemonte, como ouvido na Normandia coplas do Franco Condado e verificado que uma ballada bretã perpetua um episodio guardado nas tradições venezianas". Outros têm mesmo rastreado essas manifestações das musas populares entre os povos antigos e ido, de indagação em indagação, até ás remotas fontes orientaes, de onde quasi todos dimanam. Houve até ha tempos nesse sentido alguns exaggeros. Muitos, na maioria das lendas populares, quizeram ver sómente mythos de origem solar. Mas esse mesmo exaggero teve utilidade real, porque fez com que se conhecessem origens até hoje desconhecidas. E não é possível negar, por exemplo, que a sandalia de Rhodope é a avó legitima do sapatinho de veiro do Chapéozinho Vermelho. Também como não reconhecer na historia obscena de Bocage, tão espalhada entre o povo, quando elle seduz a filha do rei, e mesmo no conto sertanejo do menino que ateia fogo a uma casa e usa de metáforas no falar, aquella fina astucia de Ulysses dizer a Polyphemo que se chamava "ninguem"? O filão da lenda é o mesmo, quer ella esteja numa tragedia de Eurípides, quer ella saia dos labios dum narrador sertanejo.

O que soffre é a influencia do meio em que se manifesta e das adulterações que elle lhe impõe. Esta ou aquella tradição deste ou daquele povo apparece no sertão de Nordéste com o aspecto e o sabor da terra e da gente que a repete, aspecto e sabor esses que dia a dia mais e mais se tornam característicos. No sertão, além disso, ha outra influencia que actua sobre essas incipientes manifestações artisticas. Um dos característicos mais interessantes da sociedade sertaneja é o individualismo, resultante do proprio estado de insulamento medievo do seu viver. Pois bem, no estylo geral do folclore sertanejo até esses característicos individuaes não se perdem e facilmente se deixam notar. O mesmo facto cantado em verso por Gerome do Junqueiro ou Romano da Mãe d'Agua ou Ignacio da Catingueira, assume feição diversa em cada uma das fórmulas por que se apresente.

A poesia sertaneja pôde bem dividir-se em dois grandes ramos: o repentista e

o tradicional. O primeiro lembra com os desafios as "tensons" provençaes e as disputas dos foliões romanos; nelles o cantor de pé de viola se eguala, embora mais humildes e mais rude, aos trovadores e trovadores da média idade europeia; pelo menos é o mesmo espirito que o inspira e que o domina; recorda com as emboladas e as quadras as velhas trovas de amor e de amigo, as antiquissimas cantigas de bom e de mal-dizer. O segundo é muito mais vasto, muito mais rico e muito mais importante. Nascido dos proprios acontecimentos desenrolados nas ribeiras, tem um grande fundo veridico, que o exaggero das paixões de momento, da imaginação aquecida mal consegue perturbar.

Aqui, ali, ha nessas xácaras e poematos mnemonicos ou não, certas obscuridades de linguagem, emprego rude de determinadas expressões, hyperboles, repetições enfadonhas, monotonias e metaphoras, tudo isso, porém, obviado por uma admiravel simplicidade de processos literarios, ás vezes levada até á puerilidade, que é por certo a sua maior belleza. Nessas historias em fórma de poesia, quasi sempre os exaggeros são propositaes, para collaborarem de modo efficiente no effeito immediato que o poeta popular deseja produzir sobre a assistencia, para que lhe fique gravado melhor o facto destinado á perpetuidade.

De outra maneira não procederam os seus semelhantes em todos os tempos: rhapsodos, vates, escaldes ou menestres.

Deste modo o sertanejo tem guardado tudo quanto occorre no sertão, desde que elle para ali veiu d'além mar, domou a selvaticidade da terra e das feras, destruiu o indio pelo trabuco e pela mestiçagem, e obrigou o negro arrancado á Africa nos serviços do cito. Perpetuou em versos os primeiros perigos e as primeiras lutas, as festas religiosas e profanas, as miserias terriveis das crises climatericas, a vida dos vaqueiros, as proezas dos novilhos mocambeiros e das onças devastadoras de rebanhos e mandadas. Conservou a recordação das crenças e dos medos indigenas, africanos e lusos. Deu novas fórmulas a canções e tradições proprias de toda a humanidade. Celebrou as rebeldias e as aventuras e lutas dos cangaceiros audazes, almas feitas ao mesmo tempo de lama e de aço! Reduziu a versos toda a sua alma e toda a sua vida, o que têm feito todos os povos no mesmo estado de civilização. No interior da França medievo, da época das cathedraes á Revolução, não commemorou o povo em verso as lendas carlovingias, a derrota de Francisco I em Pavia, a morte de Villerói ou a prisão do barão de Moneim? Mesmo na guerra actual as coplas populares da "Madelon" porventura não retratarão a alma heroica e viva dos "poilus"?

Em muitas das produções tradicionais sertanejas, sob qualquer fórma poetica, nota-se algumas vezes a in-

fluencia de individuos de uma certa cultura. São restos de ensinamentos deixados ali pelos jesuitas, quando ensinaram áquellas gentes, ou interferencia directa de certas pessoas mais ou menos cultas na confecção de cantos ou de historias. Isto em nada tira á producção influenciada o seu caracter popular e a sua significação popular.

Puynaign acha que innumeradas vezes as cantigas francezas "subirent l'influence des poètes les plus erudits". Pitré fez identica observação relativamente aos "rispetti" toscanos. Milá y Fontanals acharam nas "canzoni" italianas em geral o mesmo rasto, mas nem por isso deixaram de julgar-as populares, dignas de estudo e admiração.

Sylvio Romero faz derivar todo o nosso folclore das tres raças basicas da nossa ethnographia, annotando as variações e mutações trazidas pelos mestiços. Mas, considerando as relações de parentesco que ligam todos os folclores, na maioria originarios de um fundo commum de tradições de toda a humanidade, e considerando as difficuldades que se antolham a qualquer estudioso no escarpellar dessas origens africanas, indigenas e portuguezas, já hoje tão baralhadas, tão confundidas, parece melhor dividir o folclore sertanejo em cyclos mais ou menos thematicos, que lhe possam dar maior facilidade de classificação e de organização.

Todo o folclore europeu tem sido capturado e estudado dessa maneira. Os especialistas francezes como Gaston Paris, organizaram, pelos temas ou pelos acontecimentos em torno dos quaes giram, os varios cyclos de todos os paises do continente.

O mesmo systema prevaleceu para os classificadores do folclore indigena da America Septentrional, hoje tão profundamente estudado e tão claramente exposto. Foram organizados cyclos admiraveis como o do Corvo, na Columbia ingleza, o de Napieva e o da lebre Michalozo, especie de Romance da Raposa dos pelles vermelhas. E' ainda o referido methodo que agrupou, segundo Van Gennep, os cyclos do Norte da Asia, dos esquimós, da Australia, o de Ananzi, na Africa Central e os da Africa Meridional. Até Lowce e Kroeber pretendem reduzir todo o folclore do mundo a alguns cyclos geraes que o abranjam definitivamente e tornem facil uma visão completa do assumpto.

As autoridades na questão exigem para a formação desses cyclos duas correntes poderosas de phenomenos — os de localização e os de personificação, ou então os phenomenos contrarios de deslocação e despersonificação.

Não são esses caracteristicos o que falta aos temas em torno dos quaes gira a poesia tradicional dos sertões de Nordeste. E, estudando-a com certo cuidado, procurando uma documentação melhor do que até hoje tem havido e pedindo o auxilio do que colligiram Mello

Moraes, Sylvio Romero, Rodrigues de Carvalho e outros, podem-se organizar alguns cyclos interessantes. A classificação terá ao menos o methodo da originalidade e de abrir um caminho ainda não desbravado na matta do nosso folklore.

Entre outros cyclos parece que ha no sertão, bem determinados, o cyclo dos Bandeirantes, reunindo todas as sendas da penetração; o do Natal, agrupando todas as commemorações dessa data religiosa; o dos vaqueiros, guardando os poemas derivados da luta contra o gado "amontado" ou contra as feras que devoram as rezes; o dos cangaceiros, cyclo heroico, feixe de todas as admiraveis canções de "gesta" que correm os sertões, em nada inferiores ás "gestas" medievas da Europa; e o dos caboclos, resumindo as opiniões a respeito dos descendentes do indio fugidio e incapaz de ser escravizado; emfim, um Romance da Raposa quasi tão vasto como o europeu, tendo identico fundo satyrico e referendo-se aos animaes do meio como o outro, nelles personificando typos Moraes da humanidade.

A R T E

A ESTHETICA DO MAXIXE

O sr. FLEXA RIBEIRO, em artigo intitulado "Os motivos estheticos do maxixe", mostra-se entusiasta dessa especie musical, pelo que ella tem de espontaneo e de peculiar, como producto popular brasileiro:

Não ha, no Brasil, dois espiritos que pensem, indifferentemente, no tocante ao famigerado carnaval carioca. Só isso bastaria á aureola de seu indescriptivel prestigio. As opiniões são vivamente extremadas. Ha os que o applaudem com estos de ruidoso entusiasmo e ha os que o detraem como expressão de summa immoralidade, symptoma verdadeiramente corruptor.

Quanto a mim, penso que elle constitue o unico festejo realmente popular, de caracter democratico, que possuímos: só durante esses tres dias a alma do povo sai do seu perpetuo ar bisonho, de sua rude melancolia e consegue extrahir do fundo de seu ser o summo de alegria que ella guarda, hereditariamente, das origens de sua formação. E' um dever civico estimular e facilitar a exploração dessa seiva vital que unifica e substancia a nacionalidade e a raça.

E, si fosse mister uma justificação erudita e classica, bastaria lembrar que o Carnaval é maravilhosa revivescencia das festas da antiguidade: rememora, na sua fraternidade social, o tumulto das **Dionysias Rusticas** e as expansões egualitarias das **Grandes Dionysiacas**: portanto, tem todo o prestigio multiseccular que vem do povo que constituiu as bases e as determinantes da civilização mediterranea, que é a nossa. Para os

que estão familiarizados com as tradições immortaes de Athenas, principalmente nos dois grandes seculos, é das mais faceis a verificação de que o cortejo *thiasis* — que sahia do opisthódomo do Parthenon e se encaminhava ao templo de Demeter, ou o prestito de Dionysos, empunhando brandões, erguendo no ar o emblema da força creadora da natureza, agitando os thyrsos sagrados, ao som da musica ruidosa dos cymbalos, vibrante dos tambores, ciciosa das flautas, e em que os homens se expandiam animados pelos vinhos e as bacchantes se transportavam no delirio orgiaco — ultrapassam, triumphalmente, a modestissima festa que o carloca celebra com o nome de Carnaval! Como essa homenagem a Momo é apenas um vestigio apagado quasi da *bacchanalia* que os gregos consagravam a Dionysos! Mas, além da commemoração dessa divindade, havia outras, todas mantidas pelo governo e que deram ás artes esse extraordinario esplendor, cujo brilho inegualavel veiu até nós. Só para as Panathenás, festa da padroeira de Athenas, exigia-se o concurso de todas as torças vivas do mundo helleno: ellas duravam 80 dias; os cidadãos pobres recebiam dinheiro para poderem a ellas assistir. Como é mesquinho o carnaval carioca ante a grandeza dessas commemorações!

Era durante as *Dionysias* que o povo grego parecia realmente estar agitado e inspirado pelo Deus; Dionysos residia, vivo, na alma de cada um. Foi ao sopro dessa inspiração que do modesto Dithyrambo nasceu, com a criação de um actor para dialogar com o côro, a tragedia grega. Só esse simples facto demonstraria como a arte se alimenta e se rejuvenesce da seiva popular, e como ella é bem *uma volta á natureza*. E que profunda e luminosa acção não teve na civilização e no pensamento da humanidade, até aos nossos dias, a celebração desses cultos populares, em que os escravos se mesclavam com os metécas e com os eupátridas, — os aristocratas de Atenas? Toda a gloria da Grecia vem dessa surprehendente criação; nenhuma outra a representa, através do tempo, com maior poder de synthese, de claridade divina, de transporte doloroso, de irradiação universal, de fatalidade indestructivel, de graça seductora, de chamma pathetica e plethorica de vida como a sua Tragedia. — E os tres nomes de poetas — cujas obras chegaram até nós em farrapos, como destroços maravilhosos de uma outra estatuaría — que traçam a paraboia luminosa dessa grandeza mental, ficaram sem exemplo, unicos, no decorrer dos seculos: E'schylo, Sóphocles, Euripedes...

Per tal relembração devemos tirar do Carnaval um excellent conselho: é estudar as creações — como no drama satirico — que por essa occasião apparecem.

E', pois, precisamente o Carnaval que motiva a renovação das cantigas popu-

lares, das satiras politicas, das ironicas irreverencias contra os costumes.

Creio que poucos terão reflectido, embora todos hajam sentido, na extranha e peiturbante belleza dessa musica de rythmos profundos e movimentos syncopados. Pois ali está, em germen, em prodigiosa fermentação, toda a seiva da musica brasileira. Fóra do Maxixe, nós teremos, como já possuímos, uma musica méramente estrangeira *vista através de um temperamento brasileiro*. Nunca uma arte nacional. Será sempre producto imitativo, que pôde até ser perfeito e mesmo sublime, mas que será sempre originado de reminiscencias de Saint-Saens, Wagner, Massenet, ou Debussy ou Grieg. E onde o *caracter nacional*? Si nós tivessesmos tido um genio, isto é, um espirito que, na universalidade de seus dons, se apossasse de sua raça do instincto ao pensamento, os motivos do Maxixe já teriam constituído a materia prima para as suas lucubraciones musicas.

Que são as polonezas de Chopin? as danças norueguesas de Ed. Grieg? Que é que dá esse sabor tão particular, essa caracteristica inconfundivel, na vivacidade dos motivos, á musica hespanhola, ainda quando assimilada por um espirito extranho como Bizet? E' precisamente a sua fonte de inspiração toda popular, nascida da sensibilidade do povo, das forças vitas de seu instincto.

Desse ponto de vista não conheço, a não ser a Hespanha, outra terra que possua, como a nossa, musica e dança populares tão ricas de attributos sensuaes e plasticos. Que musica, como o Maxixe, fala tão largamente e tão de perto ao instincto da Especie, que é a genesis mesma de todo sentimento esthetico? Todos são tocados, inconscientemente, por esse sopro de perpetuidade; quando o ouvimos ha uma força biológica que nos agita; não ha quem resista a este rythmo: velhos, moços e crianças de qualquer educação sentem-se dominados por elle e o demonstrem no marcar do compasso no bamboleio do corpo, no donaire da cabeça: e, num segundo, todos se equalam; o contagio cerziu todas as almas!

Mas o Maxixe não é somente essa phrase que se repete indefinidamente: ha nelle qualquer cousa de ruidoso e melancolico, do sol de nossa natureza e da tristeza de nosso povo. Qual terá sido a contribuição, a dosagem dos motivos musicos, eroticos e sentimentaes que lhe trouxeram o batuque do negro, o maracá do indio e a guitarra do portuguez?

Assim, de toda a obra de sensibilidade brasileira, o Maxixe é a criação original por excellencia, a que exprime completamente as origens formativas de nossa raça, de nossas inclinações, de nosso character, de nossa physionomia moral, em um

Quasi toda a arte brasileira é um producto importado, méra obra de imitação. O proprio *indianismo* de José de Alencar é uma fórmula idealista transplantada

da Europa. Só o Maxixe é nativo, originalmente brasileiro.

Quem negará que elle seja simples, primitivo, como toda a criação que vem do genio anonymo do povo? Mas que desses motivos que affectam quasi sómente o instincto os nossos artistas eruditos e refinados criem a epopéa musical brasileira, elevando-o, através das delicadezas imponderaveis do sentimento, até ás illuminações propheticas do pensamento. Como elemento creador, nada lhe falta.

O Maxixe, como dança, — pois que se lhe não pôde retirar esse complemento essencial — é verdadeiramente admiravel: toda uma obra de estatuaría e de pintura poderia sahir dali: os corpos enlaçam-se em attitudes magnificas, e uma cadencia profunda, interior, os agita, fazendo-os desenharem contornos bellos, descrever curvas graciosissimas, ondular em voltas voluptuosas, em movimentos ricos de unidade, harmoniosas no conjugamento da acção, intensamente seductores.

Vel-o dançar é uma festa para os sentidos; uma alegria luminosa de todo o sêr.

Mas o brasileiro ainda subjugado pelo imperio do colonismo, que já desapareceu de seu espirito, mas ainda perdura em sua sensibilidade, sob mil disfarces, — só accceita, como digno de estima, o que traz o sello de estrangeiro e, além disso, teme muito o ridiculo; julga-se inferior aos outros povos.

A historia externa do Maxixe traz diso um documento devéras precioso. — De principio, era tido como tão grande desagrado do dançal-o, que elle só encontrava abrigo nos salões escusos e de frequencia das mulheres erradas. Foi necessario que o Maxixe, por 1905, viajasse até Paris, e lá fizesse furor, para ser accceito, de torna viagem, com o titulo de cidadania pelos brasileiros. Levamos, assim, o nosso habito imitativo ao cumulo de imitar, nos outros, aquillo que era originariamente nosso... Si desejamos, por exemplo, representar plasticamente as danças, jámais nos lembramos delle. Vamos ás danças gregas e ás polacas.

Só conheço nesse genero a excepção brilhante de Rodolpho Chambelland, no seu quadro da Pinacotheca da "Escola Nacional de Bellas Artes".

Quanto á musica, esperemos que um dia surja algum Bizet — pois que não devemos talvez contar com o milagre de um Albeniz, — e tome dos motivos fecundos e reveladores do Maxixe, para delles fazer jorrar uma arte nova, verdadeiramente nacional, profundamente perturbadora dos sentidos, rica de seiva vital, tudo extrahido de nossa sensibilidade, — para que, então, o possamos imitar com fervor: — e só depois do apparecimento desse Messias é que havemos de poder dizer, sem falsa vaidade, que existe realmente a Musica Brasileira.

ENSINO

A UNIVERSIDADE DE ITAPICURU

O sr. padre ASSIS MEMORIA envia-nos estas curiosas evocações a proposito de universidades, no Brasil:

A proposito d'um assumpto aqui em fóco — a Universidade — não posso concordar com a revelação historica do illustre Viriato Correia, expendida no "Correio da Manhã", de que, apezar de innumeradas tentativas, nunca tenhamos tido, no Brasil, uma *Salamanca*.

Universidade a D. Diniz, com sala dos capêllos, trótes classicos nos *caloivos*, capas traçadas e mais arrejos bellicos e pacificos de academicos, certo, nunca possuímos, muros a dentro. Mas, si o egregio Walter Scott patricio se desse ao trabalho de, em S. Luiz do Maranhão, descer um dia a rua, a veneranda rua do "Pespontão", ao dobrar o "Alecirim", haveria de tropeçar, por força, no velho soljar do professor Macario; e, entrando a praticar com este, reformaria a sua opinião. O professor Macario, o ancestral *magister*, saiba o snr. Viriato, e o bisavô do Ribeiro do Amaral, em materia de paleontologia historica do Maranhão. A mim m'o asseguraram, e eu, para verificar o asserto, fui, certa manhã, após a Missa, nos "Remedios", abordar o macrobio emulo de Tacito e Tito Livio. Os leitores já viram, por certo, na "Correspondencia", a primeira entrevista com Fradique Mendes. Aquella mesma preocupação de phrases rebuscadas, aquelle mesmo calefrio experimentei eu ao reflectir, em sobresalto, que ia avistar-me com o famoso annalista.

Era a commoção chocante dos grandes, dos solemnes momentos. E' que ia folhear, como n'um livro aberto, todo o Maranhão, desde as memorias celebres do Padre Ivo d'Evreux até ás recentes reformas do Dr. Urbano Santos. Uma chronica viva, scintillante — o Macario *vetustissimus!*

Entrei a residencia augusta do erudito ancião, com respeito, como si penetrasse, reverente, a nave d'uma cathedral, ou um claustro venerando da *Cartuxa*.

Affavel, paternal, barbas apostolicas, andar pausado, rithmico, de porte hieratico, o sacerdote do templo veiu ao meu encontro. Um eremita da Thebaida antiga, um emulo de *Antão* e de *Pacomio* — pensei eu, ao vel-o no deserto sorridente e acolhedor. Sentados em tamboretas, semelhando a *tripodes* oraculares, iniciámos a palestra.

N'um portuguez quinhentista, vasado em Bernardim Ribeiro e herdado a Antonio Pereira, o velho, entre baforadas do vasto cachimbo da paz, discorreu, *per longum et latum, de omni re maragnensi*.

Era uma resurreição aquella scenal! Parecia-me ouvir o Pe. Bernardes traçando os primeiros capitulos da *Nova Floresta*, ou o Pe. Antonio Vieira, es-

crevendo a *Clave dos Prophetas*. — Do Maranhão antigo e bofarento não ficou episodio que o egregio mestre não esmiuçasse em detalhes, em fragmentos microscopicos. Não era um homem só: era uma encyclopedia viva, brilhante, minuciosissima. Ao tratar de ensino e de escolas, elle revelou, textualmente: "Já tivemos aqui uma universidade. Isso não vem nos "Annaes historicos" de Berredo, nem o dizem as locubrações de H. Leal, mas é um facto. Foi alli pela metade primeira do seculo XVIII. Era capitão-mór, precisamente, aquelle com quem occorreu o memoravel incidente da capa de S. Benedicto. De Portugal desembarcara certo Serapião, natural da Tufoya, na costa maranhense. Da terra natal elle abalara para Coimbra. Não sei por que cargas d'agua chegara a bedel da Universidade celebre. O caso é que chegara. Tornando ao Maranhão, trazendo na cabeça e no coração a ideia fixa da grande Escola, foi ter com o capitão-mór e propoz-lhe a criação de uma igual, em *Caxias*, a princeza do vasto sertão. Conseguindo o extranho *desideratum*, e, sem mais aquellas, despachado reitor, deu-se pressa em ir inaugurar os cursos.

Antes disto lançára, como pedra angular, os *Estatutos*. A Universidade do Itapicuru' — assim se chamava — abrangia o ensino das linguas vivas e d'algumas, já defuntas, como o latim e o sanscrito.

Comprehendia ainda o ensino universitario o estudo aprofundado e documentado *ab incunabulis, ab ovo*, do *Trivio* e do *Quadrivio*, com o contrapeso venerando da astronomia, e do *Lunario*, com os commentarios do *Simão de Mantua*.

As theses deviam de ser defendidas em latim — *sermo eruditus*, de Cicero, metrificadas, porem, ao rigor das *Satyras*, de Juvenal. O primeiro alumno que recebeu grau foi o Celedome, da "Catinguinha", filho do Alferes Casusa Bogéa. E assim, estava, de direito e de facto, fundada a primeira Universidade nas terras dos *Brasis*". Até aqui o professor Macario. E era o quanto se continha, n'aquella memoria privilegiada, sobre o caso.

Já vê o illustre patricio, Dr. Viriato Correia, que, á vista do exposto, é de mister seja reformada a sua opinião.

E' o que se espera da sua probidade de historiador.





OS RESTOS DOS IMPERADORES

A trasladação dos restos dos imperadores, de Lisboa para o Rio, foi o grande acontecimento dos últimos dias. Despertou, como era natural, um largo movimento de curiosidade, outro, não menos largo, de sentimentalismo, e outro, emfim, menor, mas nem porisso menos visível, de "aristocratismo" elegante. Fizeram-se mil commentarios de varia indole, travaram-se discussões, exhumaram-se reminiscencias, recontou-se a historia do segundo imperio.

No meio de tudo isso, os traços verdadeiros das duas figuras — a do monarcha e de sua doce esposa — andaram meio esquecidos. Tinha-se a impressão de que os velhos principes pairavam no espaço, entre iluminações coloridas de apotheose, muito transfigurados, como que convertidos em duas formidaveis entidades mythicas, de remota formação e vago contorno. Sentia-se, em summa, — é sempre assim, nestes casos! — que, na verdade, o que mais interessava já não era o imperador, nem a imperatriz: eram, para cada um, as opiniões e as intenções, os sentimentos e as attitudes possiveis, a proposito dos dois repatriados em despojos... E' a regra. Na vida collectiva, na realidade real, não ha individualidades, não ha grandezas, não ha serviços, não ha benemerencias, não ha nada — só ha pretextos.

Entretanto, a figura de dom Pedro II, olhada de perto, sem premeditações e sem rhetorica, valeria bem um sereno e commovido movimento de sincera vene-

ração, de humana e sentida sympathia. Não foi um deus. Não foi nem mesmo um semi-deus. Oh! a mania de deshumanizar o que só é grande na sua humana e comprehensivel grandeza relativa! Foi um homem, um "homem grande" — alma boa e forte, com essa dóse de ingenuidade sadia que é propria das grandes almas, character severo e integro, espirito sempre voltado para as puras cogitações da sciencia, da philosophia, da arte e da religião. Foi simples, caritativo, justiceiro, desprendido de apparencias e illusionismos. Faltou-lhe, apenas, talvez, uma vontade robusta, uma vontade esclarecida, aggressiva e tenaz, agindo dentro de um programma explicito de largas reformas e fundações que a nacionalidade reclamava, faltou-lhe apenas isso, talvez, para ser, em vez de um "homem grande", ou além de um "homem grande", tambem um verdadeiro e magnifico "grande homem".

Quanto a D. Thereza Christina, — uma santa. Foi a digna companheira do bom, illustre e veneravel monarcha.

Repousem ambos, perpetuamente, em terra do Brasil, e possam esses despojos queridos, numa irradiação de influencias imponderaveis, manter nas almas dos nossos grandes homens temporarios mais profundidade e mais belleza de sentimentos, no sagrado serviço da Patria!

EDU' CHAVES

O grande vôo Rio-Buenos Aires, tentado em vão por varios aviadores brasileiros e estrangeiros, foi emfim realizado, com extraordinario exito, sem o

Waldemar Ferreira — *Os credores privilegiados e o direito de pedir a fallencia.*
Waldemar Ferreira — *O Menor Comerciante.*

Como se vê desta resenha incompleta, o movimento livreiro em S. Paulo tem crescido admiravelmente, nos ultimos tempos, sendo de se notar que este Estado é ainda o melhor dos clientes das livrarias do Rio. Este progresso um tanto repentino foi preparado, principalmente, pelo grande encarecimento dos livros estrangeiros, durante e depois da guerra. Varias causas concorreram em seguida: o apparecimento de editores ousados, inteligentes e conhecedores da psychologia do nosso publico, o auxilio esclarecido e sympathico da imprensa, e talvez, ainda, um certo augmento do gosto pela leitura, produzido pelos quatro annos de noticiario guerreiro, devorado por toda a gente capaz de ler. São ainda causas mais antigas e geraes, o augmento da população (S. Paulo conta hoje, seguramente, 4 milhões e meio), o progresso das artes graphicas, que permittie hoje uma factura perfeitamente satisfactoria, o apparecimento de bons illustradores, etc.

NOTICIAS LITERARIAS

Teremos este anno varios livros que despertarão interesse. Já surgiu, ha poucos dias, o dos *Caboclos*, de Valdomiro Silveira, contador eximio. Esse livro tem, além de outros meritos, o de valer por um pacto de reconciliação do seu auctor com a literatura. Absorvido pela advocacia, Valdomiro Silveira, antigo collaborador da *Semana*, da *Gazeta de Noticias* ao tempo de Ferreira de Araujo e do *Estado de S. Paulo*, um dia abandonou tudo, louros, promessas e tentações, para se consagrar inteiramente á profissão. Agora, volta, e ainda ha tempo de nos deliciar.

Martim Fontes trabalha activamente, no seu retiro de Santos, de onde não demorará a surgir alguma bella surpresa.

Em S. Paulo, temos, em plena actividade, Monteiro Lobato, de quem sahirá muito breve, na serie d' "A Novella Nacional", editado pelos srs. Olegario Ribeiro & Comp., um voluminho intitulado "Os negros". Tambem nos dará elle, sem tardança, uma edição ampliada do "Menina do narizinho arrebitado", que tão grande exito alcançou, ainda ha poucos dias.

Do mesmo escriptor, está a surgir em Buenos Aires sua traducção dos "Urupês", editada pela empresa "Patria".

Os snrs. Olegario Ribeiro & C. darão, na mesma serie acima citada, uma novella de Leo Vaz, e em seguida outra de Gustavo Barroso. Depois virá de novo Amadeu Amaral, que abriu a serie, com uma nova historia do nosso torrão. Antes disso, porém, apparecerá uma reedi-

ção d' A *Pulseira*, cuja primeira tiragem, de 5.000 exemplares, está a exgottar-se.

Dentro de poucos dias deverá surgir, editada pela empresa desta "Revista", uma reedição de antigos e graciosos versos regionalistas de Cornelio Pires. Este escriptor prepara, além disso, um novo volume de contos.

UMA RELIQUIA HISTORICA

... foi descoberta numa loja de alfarrabista por P., o popular collaborador do "Estado", que relata o caso nestes termos:

"Quando Diderot morreu, não se conhecia ainda o "Neveu de Rameau". O seu testamenteiro achou tambem que não devia publicar essa obra, e ninguem teve noticia della senão quando foi feita e publicada na Allemanha, uma traducção, não sei se por Goethe ou Schiller. Dessa traducção alleman é que se fez uma versão franceza, muito discutida e suspeita. Mas, onde estaria o manuscrito original? — Perdera-se, ninguem sabia como, nem onde.

Ora, pelos meados do seculo passado, um remexedor de alfarrabios do cães de Paris, encontrou no meio de trezentas tragedias em brochuras, precisamente o manuscrito original do "Neveu de Rameau"! E' de se imaginar a regalada surpresa de quem fez esse achado feliz, se é que não desconhecia o grande valor do manuscrito de Diderot.

Os alfarrabistas dão, não poucas vezes, taes surpresas aos freguezes. Ainda ante-hontem, justamente no dia em que chegavam ao Brasil os despojos de Pedro II e Thereza Christina, — quiz o acaso que viesse ter ás minhas mãos, na Livraria Gazeau, á rua Marechal Deodoro, um volume muito curioso, em cujas folhas se encontram, além de varias coisas interessantes, alguns exercicios de calligraphia e redacção do ultimo imperador e de suas irmans, princezas Januaria, Paula e Francisca. O livro era um caderno de suscripção para as obras completas de Lamartine, suscripção de que o grande poeta, decerto em difficuldades financeiras, como sempre, encarregara, em 1861, no Rio, ao sr. L. A. Boulanger, que devia ter boas relações no Paço de S. Christovam, visto que fôra professor dos principes. Para as obras completas de Lamartine (40 volumes por 160\$000), haviam assignado no caderno: o imperador e a imperatriz, representados pelo cons. mormodo Paulo I. Barbosa; marquez de Caxias, José Idefonso de Souza Ramos, Sayão Lobato, B. A. de Magalhães Taques, barão de Tamandaré, A. de Araujo Ferreira Jacobina, barão de Mauá, barão de Piabanha, cons. T. Franco de Almeida, e poucos mais. Todos estes nomes estão em autographos no livro. Provavelmente, a suscripção não foi por diante, porque os suscriptores, que figuram no caderno, não são muito nu-

nerosos. Por esse ou por outro motivo, alguém, talvez o proprio L. A. Boulanger, aproveitou o livro para lhe collar em quasi todas as paginas os primeiros exercicios de Calligraphia de d. Pedro II e das princezas Januaria, Paula e Francisca, assim como minutas de cartas escriptas pelos principes e pelo imperador, em 1832 e 1833, a seu pae, d. Pedro I, ao avô, o imperador da Austria, e outras. Ha tambem pequenos trechos em portuguez e francez, do proprio punho dos principes ou para serem por elles copiados. Certa pagina, por exemplo, tem no alto, em bom cursivo, para ser reproduzida, a phrase: "**D. Pedro Segundo, imperador**". E, em seguida, pela mão do menino imperador, a mesma phrase reproduzida cinco vezes, com uma letra de principiante, indecisa, tremula e amedrondada. Exercicios semelhantes fazem as princezas Paula, Francisca e Januaria, notando-se que esta, a mais velha, já tem letra mais segura.

ACADEMIA BRASILEIRA

Realizou-se em 6 do corrente a sessão semanal da Academia Brasileira de Letras, primeira do corrente anno, com a presença dos srs.: Carlos de Laet, Ataulpho de Paiva, Goulart de Andrade, Aloysio de Castro, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Antonio Austregesilo, Coelho Netto, Dantas Barreto, Felix Pacheco, Filinto de Almeida, Humberto de Campos, João Ribeiro, Lauro Müller, Luiz Murat, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Osorio Duque-Estrada e Silva Ramos.

Foi communicada a offerta á bibliotheca das seguintes obras: "A Volta do Imperador", de Magalhães de Azeredo, pelos editores; "Annuario do Brasil" e "Renascença Portugueza"; "Revista do Brasil", de Dezembro, com a continuação do estudo do Dr. Arthur Motta sobre a Academia Brasileira (Pedro Lessa, França Junior e Urbano Duarte); "Vida Carioca", de Xavier Pinheiro, n. 1; "Vida Moderna", de S. Paulo, remetida pelo Sr. Manoel do Carmo; "Ilustração Pelotense"; "Ferro em Braza" por Zeferrino Galvão, de Pernambuco; e "Der tote Kollettor", por Coelho Netto, tra-

dução em allemão pelo membro correspondente da Academia, Dr. Martin Brussot, de Vienna.

Declarou-se encerrada a inscripção para os concursos litterarios, tendo-se apresentado cento e noventa e quatro concurrentes, assim discriminados: sessenta e dous, poesia; dezeseite, romance; trinta e quatro, contos e novellas; trinta e nove, theatro; vinte e dous, erudição, e vinte obras publicadas.

Foram lidos telegrammas da familia Raymundo Corrêa, agradecendo as homenagens prestadas ao seu chefe, e do Sr. Ministro Pedro Lessa, agradecendo a visita que a Directoria lhe fez, em virtude do desastre que soffreu.

Foi lida uma carta do Dr. Francisco Eugenio de Toledo, requerendo a inscripção de seu livro "Analyse da Constituição Federal", para concorrer aos premios "Francisco Alves". A estes premios, que são para as tres melhores obras sobre divulgação do ensino primario no Brasil, não se apresentára, por emquanto, nenhum concurrente, devendo a inscripção para elles terminar em 31 de Março proximo.

O Sr. Goulart de Andrade transmittio á casa os agradecimentos de D. Octavia Passos, irmã de Guimarães Passos, pelas homenagens prestadas ao poeta. A sessão solemne e publica em honra de Raymundo Corrêa e Guimarães Passos será opportunamente annunciada, não estando ainda marcada a noite em que se effectuará.

Os Srs. Mario de Alecar, João Ribeiro e Alberto de Oliveira foram nomeados, em comissão especial, para avaliarem a bibliotheca e obras deixadas pelo finado Heraclito Graça.

Occupou-se ainda a Academia de varios assumptos de caracter interno, sendo levantada a sessão ás 19 horas.

ADVERTENCIA

No passado numero desta revista appareceu sem assignatura o artigo intitulado "No Mundo dos Sonhos", do sr. dr. **Ulysses Paranhos**. Ao autor e aos leitores pedimos desculpas pela falta, inteiramente involuntaria.



NOTAS DO EXTERIOR

LYCEU FRANCO-BRASILEIRO

Telegrammas ultimamente chegados da Europa annunciam que, em reunião realisada na Associação dos Lyceus Franco-Brasileiros, foi feita a leitura do relatório apresentado pelo professor Dumas sobre a sua recente viagem á America do Sul, os trabalhos que executara e os resultados que colhera. O relatório teve approvação unanime da assembléa.

O professor Dumas, antes da leitura, exprimiu a satisfação que em toda a sua excursão havia experimentado ante o acolhimento caloroso e sympathico de que tinham sido alvo a sua pessoa e a idéa dos Lyceus Franco-Brasileiros. Referiu-se tambem á sua permanencia na Republica Argentina, expondo as consequencias da sua actividade naquelle paiz.

O sr. Dumas insistiu em declarar que não se tratava absolutamente de introduzir na America Latina o ensino puramente da lingua franceza, mas de associar-se a uma obra commum, na qual os francezes concorrerão em certos pontos como, por exemplo, o ensino de humanidades, de rhetorica e de philosophia, nos moldes do ensino nacional francez, resguardados os seus principios, methodos e tradições e de maneira a por si mesmo e sem recurso estranho poder prestar á instrucção municipal serviços de que a França deve orgulhar-se com toda a razão.

O DIARIO INTIMO DE BAUDELAIRE

Appareceu ha pouco uma nova edição do diario intimo do autor das "Flores do Mal", onde Baudelaire evocava dia a dia as angustias da sua vida, as suas debilidades de enfermo, as suas torturas pecuniarias e a sua incapacidade fundamental para dedicar-se seriamente a uma obra quotidiana.

Essas paginas são uma eterna promessa que o poeta se faz a si proprio — promessa jámais cumprida — de pôr-se seriamente a trabalhar.

Baudelaire estava enfermo e queria curar-se, mas faltavam-lhe força e vontade.

"Sorar? — dizia elle — mas como crear esperanças com o desespero; como crear vontade com a covardia?"

Traçava-se em vão planos de trabalho, programmas de laboriosidade. Era em vão que se dava a si proprio regras de hygiene physica e moral.

"Quanto mais se quer, dizia, melhor se quer; mais produzimos, mais nos tornamos fecundos."

Comtudo, não conseguiu achar o "frenesi quotidiano" que era necessario para pôr-se ao trabalho, mesmo sabendo que o trabalho lhe teria dado tudo, como a Balzac, a respeito do qual escrevia a sua mãe:

"Ninguém poderá imaginar jámais o quanto era torpe, ingenuo, "bestial", na sua juventude. Entretanto, chegou a ter, a "descobrir", por assim dizer, não somente concepções grandiosas, mas mesmo a revelar um immenso espirito. E' que trabalhava sempre, e já é um consolo pensar-se que, com o trabalho, podemos adquirir não só fortuna, mas até talento. Aos trinta annos Balzac tinha por habito um trabalho permanente; e eu, até agora, só tenho de commum com elle as dividas e os projectos..."

PENSAMENTOS DE RIVAROL

O principe Carlos Adolpho Cantacuzeno descobriu um discurso inedito de Rivarol: o "Discurso preliminar", que devia servir de prefacio a um Diccionario da lingua franceza. Entre muitas observações puramente grammaticaes, esse trabalho encerra alguns pensamentos mais largos e mais interessantes, como estes:

"A surdez separa-nos da sociedade e a cegueira, da natureza".

"Um homem de merito acha mais difficilmente um casamento, do que um homem adornado de um nome ou de um collar: é porque as vantagens do nascimento e as dignidades se communicam. Um duque, casando-se, faz uma duqueza; mas um grande homem não divide sua reputação e seu espirito com sua mulher".

"A justiça humana, frequentemente, não é senão vingança, em lugar de reparação. Quando um homem mata um outro, o corpo politico soffre uma perda, e a justiça humana que intervem, matando o matador, ajunta uma nova perda áquella que o Estado assassinou. Se Deus interviesse, elle resuscitaria o morto e transformaria o coração do assassino. Havia reparação e, por consequencia, justiça absoluta".

UMA REVISTA GOURMONTIANA

Os amigos de Remy de Gourmont, entre os quaes os srs. Henry de Régnier, Jean de Gourmont, André Billy, etc., combinaram-se para publicar um boletim trimestral consagrado áquelle escriptor, sob o titulo "Imprimerie Gourmontienne" e com o encargo de recolher os ineditos, a correspondencia e notas bio-bibliographicas do morto.

A TRISTEZA DE CHANTECLER

Sobre a venda da casa de Rostand, appareceram no "Figaro" estes versos fluentes e commovidos, assignados — Georges Delaquys, e intitulos — "La tritese de Chantecler":

Dans la ferme où rougit l'automne
Tout est devenu monotone
Depuis que le maître partit;
Et la vieille poule n'appelle
Ses poussins dont le cou se pèle
Que d'un triste: "Petit, petit!"

Le dindon glousse en son langage
Qu'il est prêt à donner en gage
Tout le rouge dans tout le noir
Qui glougloutte autour de sa tête
Pour, un beau matin plein de fête,
Celui qui partit, le revoir.

Pataud, que plus rien ne console,
Quand la laitière en camisole
Porte à sa niche le pain cuit,
La regarde aller, puis soupire
Avec l'air, presque, de lui dire:
"Va-t-il revenir, aujourd'hui?"

Le jars voit fondre sa bedaine;
La pintade en bonne mondaine
Qui sait que nous lui en voulons,
Prise d'un remords qui l'honore
A fermé pour plus d'une aurore
La porte de ses grands salons.

Très belle veuve, la faisane,
Parmi la gloire paysanne
De l'été qui va jaunissant,
Promène sa mélancolie,
En se trouvant bien plus jolie
De l'avoir connu si puissant.

Et le coq, pour ne rien omettre,
Sur le vieux mur, semblable au maître
Dont il porte l'âme en son cor,
Se demande si c'est la peine,
Cette aube désormais si vaine,
De la faire lever encor.

Il va, vient, passe, se promène,
Comme, dans une cour humaine,
Le héros qu'on fixe de l'œil.
Il est pensif et se renferme;
Il sait qu'on va vendre la ferme,
Et sent renâcler son orgueil.

D'une patte, il gratte la terre.
Donc, ici, viendra le notaire
Flanqué du scribe et de son clerc,
Et l'on estimera peut-être,
En ouvrant tout grand la fenêtre,
La basse-cour de Chantecler.

On dira combien vaut la ruche
Et sa grande sœur à capuche,
La meule avec ses gerbes d'or,
Le grand panier et la charrette,
Le puits près duquel on s'arrête,
La niche verte où le chien dort.

On parlera d'argent, de sommes,
D'affiche bleue, et de gros hommes
Viendront avec des pas épais
Emporter les harnais, les gerbes,
Et fouleront les belles herbes,
Et troubleront la noble paix !

Et le coq tournant son œil sombre
Vers le côté du ciel d'où l'ombre
Gagne lentement la forêt,
Reste atterré, hautain, morose,
Si le maître voyait la chose,
En songeant à ce qu'il dirait.

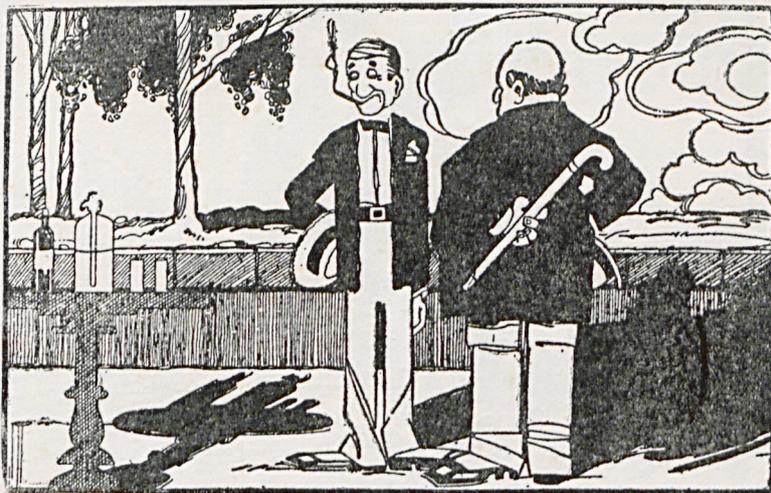


CARICATURAS DO MEZ

DIVIDA DE GRATIDÃO

Na Bahia vae ser erguida uma estatua a Christo.

Dos jornaes



— E nós aqui devíamos levantar outra ao Padre Eterno.

— Como assim?

— Pois V. nunca ouviu dizer que Deus é brasileiro?

JEFFERSON (*O Jornal*).

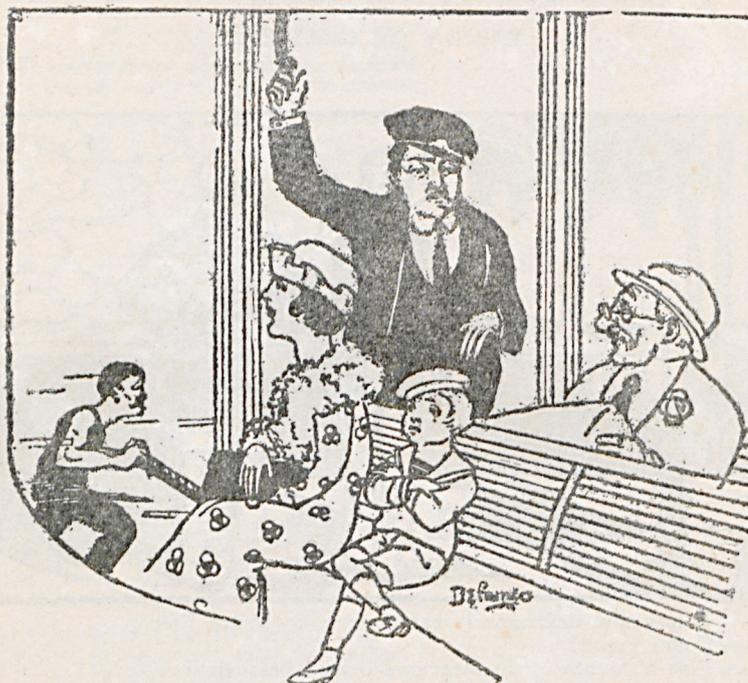
A ARGENTINA NA LIGA



— Se era para fazer-me assistir á con-prepotencia, poderieis poupar-me a viagem.

VOLTOLINO (*Pasquino*).

O PÃO NOSSO



— E, com o que ganha, ainda consegue comprar pão?
 — Agora, só dou pão aos pequenos, aos domingos, como sobremesa...

DEFRANCO (O Jornal).

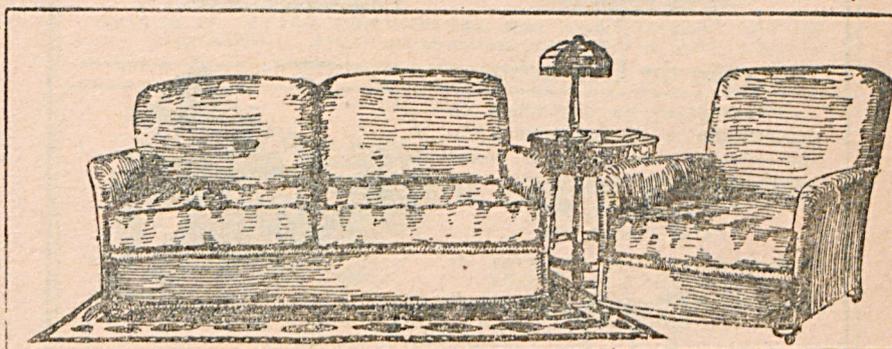


—Um milagre ! Será possível que me tenham nascido as pernas esta noite?

YANTOK (D. Quixote).

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



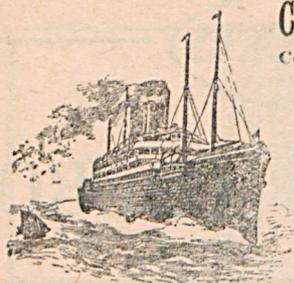
Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ———

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO



CANDIOTA IRMÃOS & LUBISCO

Comissões - Consignações - Representações e Conta própria

AGENCIA DE VAPORES

Escritório, Armazem e Trapiche:

RUA 7 DE SETEMBRO N.º 2-A

PORTO ALEGRE

Rio Grande do Sul - Brasil

Telegrammas: CAIO

Secção de Despachos

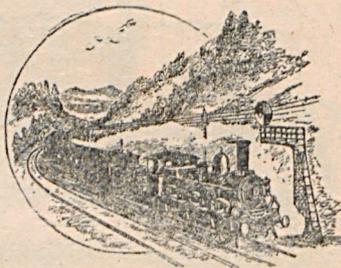
Encarrega-se de despachos de Importação e de embarques de mercadorias para qualquer ponto do Paiz ou Extrangeiro.

Telephone N. 538

Caixa Postal, 341

Despachante Geral da Mesa de Rendas: JOÃO CANDIOTA

Despachante Geral da Alfandega: JOSE JOB



João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

PLANTAS,

BOUQUETES,

DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES :

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

Campinas

Guanabara



LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca

(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

RODOLPHO KLEY

PORTO ALEGRE

Telegrammas: KLEY RUA VOL. DA PATRIA N. 52
Telephone 979 — Codigos ABC 5.ª ed. e Ribeiro

Representante das seguintes firmas:

THEODOR WILLE & CIA., Rio de Janeiro (café).
MARIO NAZARETH, Rio de Janeiro (Chumbo para caça, canos de chumbo para agua e gaz).
RAPHAEL ANSEMI & CIA., Rio Grande e Victoria (lãs, couros, pelles, etc.)
J. CIMA & CIA., Coritiba (herva matte).
DEMETRIO & MOREIRA, Pernambuco (assucar).
BERTELS & BORCHERS, Hamburgo (artigos de lei de procedencia allemã).
Agentes da "UNIAO COMMERCIAL DOS VAREGISTAS" RIO DE JANEIRO — Seguros terrestres, maritimos e ferro viarios).

OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

Quereis formar-vos Dactylographo ?

Adquiri immediatamente o NOVISSIMO METHODO DE DACTYLOGRAPHIA do Dr. Frederico Spicacci

Este manual é o mais completo e pratico e custa apenas a insignificante quantia de 2\$000 e contem: 1.º - Estudo das letras correspondentes a cada dedo. 2.º - Estudo do teclado Universal. 3.º - 134 Exercicios bem graduados. 4.º - Instrucções para qualquer machina de escrever, **sem auxilio de mestre**. 5.º - Correspondencia commercial e facturas para exercicios.

Com um pouco de constancia e dois mezes de exercicios sereis dactylographo. Com mais um mez de pratica podereis escrever perfeitamente sem olhar para o teclado.

Preço do Methodo, 2\$000 Pelo correio, 2\$500

Pedidos á REVISTA DO BRASIL

Rua da Boa Vista N.º 52 - sobrado — São Paulo



ESTALEIROS E OFFICINAS DE
- CONSTRUCCOES NAVAES -
Vicente dos Santos Caneco & Cia.

152 a 182, Praça do Retiro Saudoso, 205 e 211

— Cajú —

Telephone, 626 End. Telegr. "NECO"

RIO DE JANEIRO

Na REVISTA DO BRASIL

ACHA-SE A' VENDA O NOVO ROMANCE DE
CANTO E MELLO

Reliquias da Memoria 4\$000

E TAMBEM OS SEUS LIVROS ANTERIORES:

Bucolica 1\$000

Alma em delirio 4\$000

Mana Silveria 4\$000

PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM VIR ACOMPANHADOS DE
MAIS 10 % PARA O PORTE

REVISTA DO BRASIL

CAIXA, 2-B - S. PAULO

Estabelecimento Industrial Mineiro

Premiado com 12 medalhas, 2 diplomas de honra e 1 grande premio
GRANDE ESTABELECIMENTO INDUSTRIAL COM VARIAS IN-
DUSTRIAS. Massas alimenticias, bombons finos e chocolates, cer-
veja, aguas gasosas, licores finos, vinagre, sabão especial e outros

CERAMICA movida a electricidade.

Telhas typo francesas, idem curvas, tijolos furados e chelos,
talhas com filtro e sem filtro, moringas, vasos para flores e mui-
tos outros trabalhos a phantasia que concerne a esse ramo

Escriptorio Central:

Rua da Estação N. 446 — Telephone 696
Bello Horizonte - Minas Geraes **PAULO SIMONI**



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.

BRASITAL

SOCIEDADE ANONYMA PARA O DESENVOLVIMENTO
INDUSTRIAL E COMMERCIAL NO BRASIL

Capital realizado: 5.000:000\$000

Concessionaria das Filiaes no Brasil da "Società per l'Esportazione e per l'Industria Italo-Americana" de Milão (hoje Secção Industrial) e das Secções Maritimas e de Seguros da firma Belli & Co., de S. Paulo, Santos e Rio de Janeiro (hoje Secç. Maritima e Secç. de Seguros).

SECÇÃO INDUSTRIAL: Fabricas em Salto e S. Roque (E. F. Sorocabana) para a manufactura do Algodão: Descaroçamento — Fiação — Tecelagem — Malharia — Tinturaria — Alvejamento — Mercerisação — Cascamificio, etc.

SECÇÃO MARITIMA: Serviço combinado com a Companhia Nacional de Navegação Costeira para a cabotagem e entrega de conhecimentos maritimos mediante deposito dos conhecimentos da estrada de ferro. — Agentes de Companhia de Navegação. — Serviço de carga e descarga. — Fretamentos.

SECÇÃO SEGUROS: Serviço de seguros contra qualquer risco. — Agente das Companhias de Seguros: LLOYD SUL-AMERICANO — MINERVA — COMMERCIAL DO PARA' — PELOTENSE. Commissarios de Avaria, etc.

SÉDE CENTRAL:

São Paulo: Rua Libero Badaró 109 e 111
Caixa Postal 135

FILIAES:

Rio de Janeiro: Rua Candelaria 69
Caixa Postal 881

Santos: Praça da Republica 23
Caixa Postal 107

End. Electr. BRASITAL — Codigos: ABC 5.ª RIBEIRO —
LIEBER — SCOTT'S 1906 — WATKINS & APP. 21.ª ed.



CASA RODOVALHO

LARGO S. FRANCISCO N. 3

-- Telephone 348 -- Central --

CARRUAGENS DE LUXO PARA CASAMENTOS, BAPTISADOS, PASSEIOS, ETC., ETC.

Importação directa de corôas de bisquit, panno, e
de outras qualidades

SECÇÃO ESPECIAL DE CORÔAS E FLÔRES NATURAES

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

FUNDADO EM 1858

Capital 40.000:000\$000 — Fundo de reserva 20.000:000\$000

Séde Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado — Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissorias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES

Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de jolas, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES

Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N. 5, esquina da rua 7 de Setembro

JOSÉ FERREIRA DE ALMEIDA

Encarrega-se de comprar e vender apolices estaduais, municipaes e federaes; acções de bancos e companhias; casas, terrenos; cobrança de alúguéis de casas, commerciaes e em repartições publicas.

RUA GENERAL CAMARA, 3 (Antiga Ladeira)

PORTO ALEGRE



LOTERIA DE S. PAULO

Em 28 de Janeiro

20:000\$000

Por 1\$800

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM

TODA A PARTE

JOÃO EUGENIO & COMP.

Casa fundada em 1877

Telegr. EUGENIO — Caixa Postal N. 39
CURITYBA

Importação - Serras, ferragens, arame e lubrificantes para serrarias.

Exportação - Pinho serrado em pranchões, taboas e tirantes, em larga escala, para os mercados do Rio da Prata e do Paiz.

Secção de navegação - Linha regular de navegação a vapor até Recife e portos da Republica Argentina.



INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetinga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLÍO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

JOÃO MAYER J. OR

Rua Marechal Floriano N. 43 — PORTO ALEGRE

Livraria - Papelaria

Grande sortimento de miudezas, cadernos, livros e objectos de escola. — O maior sortimento de artigos de devoção e objectos para Igrejas.

HERMOGENES & CO.

COMMISSARIOS

DESPACHOS

EXPEDIÇÕES

End. Electr. "HERMOGENES" — Caixa Postal N. 1

Largo Glycerio, 6 — PARANAGUA'

Est. do Paraná — Brasil

Codigos usados: A. B. C. 5.^a edição, Liebers e Ribeiro

Encarrega-se de despacho de qualquer mercadorias n'Alfandega desta cidade, bem como da expedição para o interior do Estado e para o Estrangeiro.

Agentes da Empresa Nacional de Navegação "HOEPCKE"
e da Companhia de Seguros "ALLIANÇA DA BAHIA"

M. CAVASSA FILHO & CIA.

CASA FUNDADA EM 1858

IMPORTADORES

EXPORTADORES

Agentes correspondentes da Brazil Land Cattle and Packing Co., com estabelecimentos de xarqueada em Descalvados e Alegre.

End. Telgraphico: "CAVASSA"

TELEPHONE N. 8

CAIXA POSTAL N. 14

Rua Presidente Costa Marques N. 36

CORUMBA' — Estado de Matto Grosso



AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' 'O ESTADO DE S. PAULO'





Narizinho Arrebitado,

livro para crianças, por
Monteiro Lobato, com de-
senhos de Voltolino, a tres
côres 3\$500

Pedidos á REVISTA DO BRASIL